

André Cardozo Dalló

**A TRANSFORMAÇÃO DO SOFRIMENTO EM ATOS DE AMOR À  
LUZ DE JESUS CRISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido  
ao Curso de Teologia da Faculdade  
Católica de Santa Catarina para a obtenção  
do Grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Vitor Galdino  
Feller

Florianópolis  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC.

Dalló, André Cardozo

A transformação do sofrimento em atos de amor à luz de Jesus Cristo / André Cardozo Dalló; Orientador: Vitor Galdino Feller; Florianópolis, SC, 2022.

156 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Sofrimento 2. Amor 3. Jesus Cristo 4. Humanismo Integral. II. Título.

## **A transformação do sofrimento em atos de amor à luz de Jesus Cristo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 2022.

---

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Ademir Eing  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Prof. Ma. Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliadora



Dedico este trabalho ao Deus Uno e Trino, que quis contar conosco e sem o qual não conheceríamos a existência, à Maria Santíssima, que através de seu sim, trouxe ao mundo Cristo Salvador, a São José, que foi sempre providente, à Santa Igreja Católica Apostólica Romana, na qual subsiste a Igreja de Cristo e, por fim, dedico à humanidade, especialmente, aos sofredores.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me ama incondicionalmente, apesar de minhas fraquezas. À Maria Santíssima que, pelo seu sim, permitiu a operação do Espírito Santo, trazendo ao mundo Jesus, nosso Redentor. A São José, pai providente e protetor da Sagrada Família de Nazaré. À Igreja Católica Apostólica Romana, por ter preservado, mesmo diante de muitos sofrimentos, o depósito seguro da fé. À minha família, em especial, aos meus pais que sempre me ensinaram os caminhos seguros da honra, da dignidade e da perseverança. Ao meu bispo, Dom Jacinto Inácio Flach, por ser este rosto da misericórdia de Deus em minha vida. Aos meus formadores destes anos de formação: Pe. José Aires, Pe. Antonio Madeira, Pe. Anderlei da Silva Alves e Pe. Thiago De Moliner Eufrásio. Cada um, com o seu modo de ser e de servir, muito me ensinaram e me ampararam nesta caminhada. Aos meus irmãos de caminhada, com os quais pude nutrir um verdadeiro sentimento de amizade solidificada em Cristo. Aos professores da Faculdade São Luiz e, nestes últimos anos, da Faculdade Católica de Santa Catarina que me instruíram nos caminhos da razão e da fé, com zelo e dedicação. Ao orientador deste trabalho, Dr. Pe. Vitor Galdino Feller, que atenciosamente corrigiu e me auxiliou na construção do texto, agora, finalizado. Por fim, agradeço a todos os que, de um modo ou de outro, me ajudaram a chegar até aqui. Principalmente aos sofredores, que compreendem sua missão e a oferecem com amor pelo bem comum. A todos minha gratidão.



“O Amor me explicou tudo!”

São João Paulo II



## RESUMO

Este trabalho busca *compreender a dinâmica antropológica do sofrimento transformado em atos de amor em uma perspectiva cristológica*. Valeu-se, para tal, do método *ver, julgar e agir* que corresponde aos três capítulos. O primeiro *apresentará uma reflexão multidisciplinar acerca do sofrimento*. O segundo *explorará a experiência do sofrimento de Jesus Cristo*. Por último, o terceiro capítulo *proporá a transformação do sofrimento em atos de amor em vista do humanismo integral*. De fato, o sofrimento está no mundo em vista de desencadear o amor. Cristo sofre por amor aos seres humanos e em vista de salvá-los. Somente no amor se pode significar o sofrer e dar pleno sentido à vida do ser humano. A samaritanidade, à qual os cristãos são chamados, é proposta de amor em vista da fraternidade universal, transformando a indiferença em proximidade humana. Por fim, ratifica-se que, apenas na ressurreição, o sofrimento é totalmente vencido, dado que a morte foi vencida por Jesus Cristo Ressurreto.

**Palavras-chave:** Sofrimento. Sentido para a vida. Amor. Jesus Cristo. Humanismo integral.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1Cor – Primeira Epístola aos Coríntios  
2Cor – Segunda Epístola aos Coríntios  
1Jo – Primeira Epístola de São João  
1Pd – Primeira Epístola de São Pedro  
2Pd – Segunda Epístola de São Pedro  
2Sm – Segunda Samuel  
2Tm – Segunda Epístola a Timóteo  
*Adv. haer.* – Contra as Heresias  
AL – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*  
Ap – Apocalipse  
At – Atos dos Apóstolos  
CA – Carta Encíclica *Centesimus Annus*  
*Cat. Aur.* – Catena Aurea  
CDSI – Compêndio da Doutrina Social da Igreja  
CF 2020 – Texto-base da Campanha da Fraternidade 2020  
CIgC – Catecismo da Igreja Católica  
CMI – Código de Moral Internacional  
Cl – Epístola aos Colossenses  
CS – Comunhão e serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus  
CV – Carta Encíclica *Caritas in Veritate*  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
DAp – Documento de Aparecida  
DCE – Carta Encíclica *Deus Caritas Est*  
*De. Trin.* – A Trindade  
DeV – Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*  
DF – Documento Final: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional  
DH – Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral  
DM – Carta Encíclica *Dives in Misericordia*  
Doc. 109 – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023  
Ecl – Eclesiastes  
Eclo – Eclesiástico  
Ef – Epístola aos Efésios  
EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*  
EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*  
*Enar. in Psal.* – Comentário aos Salmos  
EV – Carta Encíclica *Evangelium Vitae*  
*Faust.* – Contra Fausto  
Fl – Epístola aos Filipenses

FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*  
GeE – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*  
Gl – Epístola aos Gálatas  
Gn – Gênesis  
GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*  
Hb – Epístola aos Hebreus  
Is – Isaías  
Jo – Evangelho Segundo João  
Jó – Jó  
Jr – Jeremias  
Lc – Evangelho Segundo São Lucas  
LE – Carta Encíclica *Laborem Exercens*  
LF – Carta Encíclica *Lumen Fidei*  
LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*  
LS – Carta Encíclica *Laudato Si'*  
Lm – Lamentações  
*Log. Enan.* – A Encarnação do Verbo  
MC – Carta Encíclica *Mystici Corporis*  
MDMP – Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz  
MM – Carta Encíclica *Mater et Magistra*  
Mq – Miqueias  
Mt – Evangelho Segundo São Mateus  
NMI – Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte*  
*Nov. Coment. Bibl.* – Novo Comentário Bíblico São Jerônimo  
OA – Carta Apostólica *Octagesima Adveniens*  
OMS (WHO) – Organização Mundial da Saúde  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde  
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento  
PP – Carta Encíclica *Populorum Progressio*  
Pr – Provérbios  
QA – Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*  
RH – Carta Encíclica *Redemptor Hominis*  
RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio*  
Rm – Epístola aos Romanos  
RN – Carta Encíclica *Rerum Novarum*  
RP – Exortação Apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et Paenitentia*  
Sb – Sabedoria  
SD – Carta Apostólica *Salvifici Doloris*  
Sl – Salmos  
SRS – Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*

*Sum. Theol.* – Suma Teológica

UNHCR – Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

VS – Carta Encíclica *Veritatis Splendor*

Zc – Zacarias



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>1 O CRISTÃO E O SOFRIMENTO HUMANO .....</b>	<b>21</b>
1.1 O QUE É SOFRIMENTO? .....	22
1.1.1 A diferença entre dor e sofrimento .....	24
1.1.2 O sofrimento físico e moral .....	28
1.1.3 O sofrimento pessoal e comunitário .....	29
1.2 O MAL E O PECADO .....	31
1.2.1 O mal cósmico, o físico e o moral .....	32
1.2.2 O pecado e o sofrimento .....	34
1.3 ALGUMAS REALIDADES DE SOFRIMENTO .....	38
1.3.1 Pobreza e Fome .....	39
1.3.2 Guerra e Migração .....	42
1.3.3 Doença e Pandemia .....	45
1.3.4 Exploração e Discriminação .....	47
1.3.5 Exclusão e Abandono .....	49
1.4 DESAFIO HUMANITÁRIO .....	51
1.4.1 Uma sociedade sem sentido .....	52
1.4.2 Em busca de um sentido .....	54
<b>2 JESUS CRISTO E A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO .....</b>	<b>59</b>
2.1 JESUS CRISTO: HOMEM E DEUS .....	61
2.1.1 A Encarnação: preexistência, kénosis e união hipostática .....	62
2.1.1.1 A kénosis do Senhor: rebaixamento à humanidade .....	64
2.1.1.2 A união hipostática: solidariedade no sofrimento .....	69
2.2 MISSIONÁRIO DO PAI: EXPERIMENTADO NO SOFRIMENTO .....	71
2.2.1 Renegado pelo povo .....	73
2.2.2 Mal compreendido .....	75
2.2.3 Compassivo com os sofredores .....	77
2.3 PAIXÃO: SERVO SOFREDOR .....	80
2.3.1 Amou-os até o fim .....	82
2.3.2 Traído e negado .....	85
2.3.3 Condenado sem culpa .....	89
2.3.4 Humilhado pelos homens .....	92
2.4 MORTO PARA SALVAR .....	94
2.4.1 Sofre até o fim no Espírito Santo .....	95
2.4.2 A Cruz, nova árvore da vida! .....	98
2.4.3 O Corpo que sofre: fraternidade no sofrimento .....	100
<b>3 DO SOFRIMENTO AO AMOR: HUMANISMO INTEGRAL .....</b>	<b>103</b>
3.1 CRIATIVIDADE E SENTIDO .....	105
3.1.1 Criatividade do sofrimento .....	106

3.1.2 O sentido do sofrimento cristão .....	109
3.2 A PROMOÇÃO DO HUMANISMO INTEGRAL .....	111
3.2.1 Do relacionamento inumano ao humano.....	114
3.2.2 A civilização do amor é construtiva.....	116
3.3 IGREJA SAMARITANA .....	118
3.3.1 Viu .....	120
3.3.2 Sentiu compaixão.....	123
3.3.3 E cuidou .....	126
3.4 A RESPOSTA DEFINITIVA DE JESUS CRISTO .....	128
3.4.1 A certeza de que ele vive! .....	131
3.4.2 A humanidade vencerá com ele .....	133
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>139</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por tema *a transformação do sofrimento em atos de amor à luz de Jesus Cristo*. Almeja-se, com esta pesquisa, ir ao encontro de um dos problemas mais desafiadores para a teologia, que consiste na realidade do mal e do sofrimento. A fé cristã considera que sobre as grandes dificuldades, nas quais a humanidade padece, incide a luz de Jesus Cristo. A partir disso, pretende-se abordar o tema problematizando-o da seguinte forma: *como é possível transformar a experiência do sofrimento humano em atos de amor a partir do exemplo de Jesus Cristo?*

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II em seu número 22 afirma que o mistério do homem só em Cristo é verdadeiramente esclarecido. A partir dessa afirmação se pode inferir que o modelo de humanidade para o próprio ser humano é a pessoa de Jesus Cristo, Verbo encarnado, plenamente homem e plenamente Deus. Por seu exemplo, deseja-se julgar a realidade do sofrimento e propor uma forma de transformá-lo, isto é, dar sentido para ele. Portanto, transformar o sofrimento em atos de amor a partir da cristologia é uma hipótese de solução dessa problemática.

Deste modo, delinea-se como objetivo geral *Compreender a dinâmica antropológica do sofrimento transformado em atos de amor em uma perspectiva cristológica*. Para se alcançar tal intento, definiram-se três objetivos específicos. Estes correspondem respectivamente aos três capítulos que comporão o desenvolvimento teórico do trabalho de caráter bibliográfico. A construção do texto dar-se-á a partir do método teológico *ver, julgar e agir*.<sup>1</sup> Cada um dos três capítulos corresponde, respectivamente, a uma adaptação desse método.

O primeiro capítulo *apresentará uma reflexão multidisciplinar preliminar (filosófica, médica, psicológica, sociocultural e teológica) acerca do sofrimento do ser humano e o desafio humanitário perante esse sofrimento*. No decorrer desta primeira parte quer-se responder às questões: *o que é o sofrimento? Quais são as realidades de sofrimento? Qual seria o desafio humanitário considerando sua necessidade de sentido?* Quanto aos desafios sociais acerca do sofrimento, buscar-se-á encontrar, na sociedade contemporânea esvaziada de significado, um

---

<sup>1</sup> JOÃO XXIII. *Carta Encíclica Mater et Magistra*. Vaticano: 1961. Não paginado; MM 235. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/en\\_cyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/en_cyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)>. Acesso em: 27 abr. 2022.

sentido para a vida. Esse tópico abrirá espaço para se iniciar o segundo capítulo do texto.

Nessa segunda parte, *explorar-se-á a experiência do sofrimento de Jesus Cristo como modelo para o cristão*. O sustentáculo deste capítulo são os exemplos de Jesus Cristo. Buscar-se-á na Sagrada Escritura, na Sagrada Tradição, no Magistério pontifício e nos estudos dos teólogos os exemplos deixados pelo Redentor quando, encarnado, humilhando-se voluntariamente, assumiu a realidade humana como um todo e, desta forma, também sofreu. Percorrer-se-á o mistério de Jesus desde a encarnação até a morte de cruz, compreendendo-o como missionário provado no sofrimento, *Servo Sofredor*, e em sua morte salutar.

A mensagem de Jesus centra-se na difusão do amor e, assim, intenta-se compreender o mal e o sofrimento sob essa perspectiva, dado que foi em uma experiência concreta de sofrimento que o maior amor foi revelado ao ser humano, isso é, o amor infinito de Deus pela humanidade. Somente no sofrimento suportado até o fim, de forma vicária, é que a salvação do gênero humano se fez possível, visto que a cruz, nova árvore da vida, reverte o pecado de Adão. Ademais, os cristãos, enxertados em Cristo, tornam-se um só Corpo e, como tal, são solidários uns aos outros no sofrimento. Deve-se, pois, compreender a Boa Nova enquanto realidade que convida à fraternidade universal.

Desse modo, alcança-se o último capítulo. Nesta terceira parte do trabalho *propor-se-á a transformação do sofrimento em atos de amor em vista do humanismo integral*. Para tal, faz-se necessário encontrar um sentido para a realidade do sofrimento, sabendo que ela não findará por forças meramente humanas. Contudo, dando-lhe significado, é possível suportá-la no amor. Nas realidades em que se pode intervir diretamente, também, faz-se possível transformar as estruturas geradoras do mal e do sofrimento humano.

Visto isso, o terceiro capítulo parte para a abordagem do conceito do *humanismo integral*, formulado por Jacques Maritain e acolhido pelo Magistério pontifício. O autor propõe a transformação na forma de relacionamento entre os seres humanos, modificando relacionamentos inumanos em humanos. Observar-se-á, também, a ideia da civilização do amor como uma obra de humanidade. Chegar-se-á, pois, à parábola do bom samaritano como modelo de ação para o ser humano, especialmente o cristão, bem como o modo de ser Igreja samaritana. Por fim, ratifica-se que o maior de todos os exemplos de transformação é o Senhor Jesus. Voltar-se para ele permite transformar o sofrimento em atos de amor, visto que a última de todas as respostas é a ressurreição, já que o Senhor está vivo e a morte foi vencida.

## 1 O CRISTÃO E O SOFRIMENTO HUMANO<sup>2</sup>

O primeiro capítulo apresenta uma reflexão multidisciplinar preliminar (filosófica, médica, psicológica e sociocultural) sobre o sofrimento, para, após, abordá-lo em sua dimensão teológica e, por fim, descreve alguns aspectos do sofrimento do ser humano e o desafio humanitário perante esse sofrimento. O presente texto quer, ainda, salientar que a temática do sofrimento, mesmo que vastamente trabalhada, apresenta-se sempre como um mistério<sup>3</sup>. Além disso, “[...] trata-se de um tema universal, que acompanha o homem em todos os quadrantes da longitude e da latitude terrestre; num certo sentido, coexiste com ele no mundo e, por isso, exige ser constantemente retomado”.<sup>4</sup> Contudo, a realidade do sofrimento não é totalmente compreensível pela inteligência humana.<sup>5</sup> Assim, pode-se dizer que “sem dúvida alguma o sofrimento e o mal constituem um mistério na vida humana. Não no sentido de não serem compreendidos, mas como realidade inesgotável”.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> As citações diretas, dispostas ao longo do trabalho, serão corrigidas para a norma culta do português segundo o acordo ortográfico da língua portuguesa em vigor obrigatório desde 2016. Também seguir-se-á a mesma organização acerca do uso de adjetivos, pronomes e substantivos relacionamos a Deus, isso é, serão escritos em letra minúscula, inclusive em citações diretas, em vista de padronização.

<sup>3</sup> Mistério: “O sentido fundamental, sublinhado no uso habitual do termo, refere-se ao caráter arcano, secreto, não acessível ao conhecimento humano habitual, da realidade à qual se refere. A etimologia parece remeter a esse significado que mais frequentemente lhe é atribuído. Segundo essa etimologia, mistério constitui a transcrição da palavra latina e grega equivalentes, que por sua vez são formadas a partir da raiz indo-europeia *um*, que teria o significado original de fechar ou apertar a boca e, mais tarde, por extensão, fechar os olhos. Essa raiz aparece em termos como o sânscrito *mukar*, o latino *mutus*, o castelhano e o português ‘mudo’ que os traduz. [...] ‘Mistério’ na teologia cristã [...] empregando-o geralmente no plural, refere-se com isso às verdades sobrenaturais que superam a razão humana e que só por revelação lhe podem ser comunicadas.” (VELASCO, Juan Martín. Mistério. In: TAMAYO, Juan José (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. Trad. Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin; Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009. p. 368.370, grifo do autor.)

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Salvifici Doloris**. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 6; SD 2.

<sup>5</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 19; SD 11.

<sup>6</sup> GOMES, Paulo Roberto. **O Deus im-potente**. O sofrimento e o mal em confronto com a cruz. São Paulo: Loyola, 2007. p. 22-23.

Ademais, perante o drama humano do mal e do sofrimento, o mínimo esforço de olhar a realidade permite ver quanto desafiador é, para o cristão, estar em meio a essa realidade e, motivado por Cristo, não ser alheio a ela. Segundo James F. Drane: “A única maneira de evitar tentar compreender a dor e o sofrimento é adotar os comportamentos gravemente patológicos de negação e repressão”.<sup>7</sup> O cristão não é um ser estranho ao mundo, mas sim, está inserido nele e dele faz parte e, unido aos demais seres humanos, tem a missão de buscar resolver os problemas morais da sociedade, transformando as relações sociais aos moldes do Evangelho.<sup>8</sup>

Por ser um tema muito amplo, os aspectos abordados foram escolhidos e delimitados. Visou-se, especialmente, aspectos trabalhados recentemente pelo magistério pontifício, observando as realidades patentes na sociedade, bem como o que abordaram alguns autores, como Frankl e Drane (2015). Outrossim, devido ao caráter metodológico bibliográfico deste trabalho, explicar-se-á e diferenciar-se-á termos-chave que irão se mostrar cruciais para se alcançar o objetivo específico deste capítulo. Portanto, o primeiro termo a ser trabalhado é o sofrimento.

## 1.1 O QUE É SOFRIMENTO?

Os diversos campos da ciência respondem, cada um a seu modo, à questão do sofrimento. O dicionário *Essential English Dictionary* assim o define:

Sofrimento é o fato ou a condição de sentir ou suportar dor, tristeza ou alguma outra sensação física ou mental extremamente desagradável; sofrimentos são sensações mentais ou físicas desagradáveis que são sentidas ou suportadas [...].<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> DRANE, James F. **Alívio para o sofrimento e a depressão: o papel da compreensão e da fé.** Trad. Adail Sobral. São Paulo: Paulus, 2015. p. 7.

<sup>8</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja.** 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 41-42; CDSI 53.

<sup>9</sup> “**Suffering** is the fact or condition of feeling or enduring pain, sorrow or some other extremely unpleasant physical or mental sensation; sufferings are unpleasant mental or physical sensations that are felt or endured [...]”. (HIGGLETON, Elaine (*Managing Editor*); SEATON, Anne (*Senior Editor*). **Essential English Dictionary.** Edinburg: Chambers Harrap Publishers; São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 978, grifo do autor, tradução nossa).

Essa explicação deixa bem claro que o sofrimento pode ser tanto físico quanto mental. Contudo, ela ainda não é satisfatória. Léo Pessini afirma ser o sofrimento “um sentimento de angústia, vulnerabilidade, perda de controle e ameaça à integridade do eu”.<sup>10</sup>

No campo bíblico, as palavras *sofrer* e *sofrimento* possuem uma ampla gama de sinônimos. O termo *'awen* pode ser compreendido como: tristeza, maldade, vazio e, até, idolatria. Também é associado à dor, como no caso de Raquel que nomina seu filho como Benoni, isso é, filho da dor (Gn 35,18). Além disso, *hûl* corresponde à dor, dor de parto, angústia (Mq 4,10); *hala'* é o sofrimento de quem está adoecido, mas é também aplicado ao servo sofredor (Is 53,10); *yagah* tem por sentido básico o sofrimento mental, os lamentos, a aflição (Lm 3,32); *'amal* é utilizado para o sofrimento advindo do trabalho, trabalhar arduamente (Ecl 1,3); *tsarah'* se refere às doenças de pele, especialmente, a lepra; *tsarar* é a aflição de estar comprimido em algum lugar estreito (Is 49,9); *shakal* significa estar enlutado, mas pode ser entendido como a perda de algum filho ou a privação da paternidade (Jr 15,7). Observa-se, pois, a diversidade de termos bíblicos no Antigo Testamento que se referem ao sofrimento. No Novo Testamento o termo comumente utilizado é *pascho*, que se refere aos sofrimentos de Cristo.<sup>11</sup>

Deve-se considerar que o sofrimento é uma realidade que não se pode negar, ela está aí e é inevitável. São João Paulo II afirma que:

[...] aquilo que nós exprimimos com a palavra “sofrimento” parece entender particularmente *algo essencial à natureza humana*. É algo tão profundo quanto o homem, precisamente porque manifesta, a seu modo, aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, ‘destinado’ a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> PESSINI, Léo. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Bioética**: revista do Conselho Federal de Medicina, Brasília, 25 nov. 2002. v. 10, n. 2, p. 51-72. p. cit. 60.

<sup>11</sup> SILVA, Valmor da. Sofrimento e esperança na bíblia: visão panorâmica. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.); SILVA, Valmor da (Org.). **Sofrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 7-8.

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 6, grifo do autor; SD 2.

Deste modo, negar a realidade do sofrimento é negar, ao ser humano, acesso a sua própria humanidade. Outrossim, a cultura ocidental busca, incessantemente, evitar o sofrimento, mas a fé neotestamentária, que se desenvolveu partindo da cruz e da ressurreição, afirma de forma categórica o sofrimento como origem da redenção. Além disso, o sofrimento faz parte da vida humana e, quando se busca compreendê-lo de forma correta, ele contribui mais com a vida humana do que o próprio prazer.<sup>13</sup>

O sofrimento é uma realidade pluridimensional e transcende os campos que, geralmente, buscam compreendê-lo, como a medicina e a psicologia.<sup>14</sup> Por isso, não pode ser abordado por uma visão unilateral. A problemática acerca do sofrimento se articula em uma antropologia integral, que considera o ser humano todo, holisticamente: corpóreo, psíquico e espiritual.<sup>15</sup> À vista disso, o sofrimento será diferenciado da dor, observado como físico e moral, e reconhecido como pessoal e comunitário.

### 1.1.1 A diferença entre dor e sofrimento

No senso comum e em diversos textos científicos dos mais diversos campos não se diferencia dor e sofrimento. Além disso, esses termos são, ordinariamente, tratados como sinônimos. Empiricamente, a maior parte dos indivíduos que passam pela dor ou pelo sofrimento são incapazes de definir se sentem dor ou se sofrem, dado que, por muitas vezes, ambos ocorrem concomitantemente. Visto isto, será perceptível nos textos dos teólogos citados que não se faz, geralmente, tal diferenciação. Contudo, querer-se-á abordá-los de forma diversa e propor, para o campo teológico, essa mudança semântica no uso dos termos.

Em um primeiro momento, deve-se compreender que dor e sofrimento sucedem associados ou dissociados, não há exigência da ocorrência de um para a existência do outro.<sup>16</sup> Como visto acerca do

---

<sup>13</sup> LESLIE, Robert C. **Jesus e a logoterapia**: o mistério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl. Trad. Euclides Luiz Colloni. São Paulo: Paulus, 2013. p. 62.

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 9; SD 5.

<sup>15</sup> KAMATI, Angelino Tchindombe. **O sentido do sofrimento humano**: à luz da Carta Apostólica “*Salvifici Doloris*”. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Integrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2014. p. 17.

<sup>16</sup> PESSINI, 2022, p. 60.

termo sofrimento, o dicionário define do seguinte modo a dor: “Você tem dor ou uma dor quando tem uma sensação desagradável ou um desconforto em parte do seu corpo porque está doente ou foi ferido [...]”.<sup>17</sup> O termo, tratado de forma cientificamente rigorista, significa: “um sentimento negativo que advém de algum dano ao corpo. É uma transmissão neural de estímulos nocivos, sendo inevitavelmente uma parte da existência corporal”.<sup>18</sup> Além disso, a dor pode se tornar um sentimento, um pensamento, uma experiência e, de uma forma diretamente proporcional, sentimentos, pensamentos e experiências podem influir na neurologia e na fisiologia.<sup>19</sup>

Ademais, a dor possui duas características essenciais. A primeira: é um fenômeno dual, caracterizando-se, por um lado, no sujeito que sente a dor e percebe tal sensação e, por outro, na resposta emocional desse mesmo sujeito a tal sentimento. A segunda: a dor é caracterizada como aguda, entretanto, passageira, ou crônica e, portanto, persistente.<sup>20</sup>

A dor aguda tem um momento definido de início, sinais físicos objetivos e subjetivos e atividade exagerada do sistema nervoso. A dor crônica, em contraste, continua além de um período de seis meses, com o sistema nervoso se adaptando a ela. Nos pacientes com dor crônica, nem sempre existem sinais objetivos, mesmo quando eles apresentam mudanças visíveis em sua personalidade, estilo de vida e habilidade funcional.<sup>21</sup>

Visto isso, um passo a mais deve ser dado na compreensão do sofrimento. Eric Cassel afirma que: “O sofrimento é experimentado por pessoas, não meramente por corpos, e tem sua fonte em desafios que ameaçam a integridade da pessoa como uma entidade social e psicológica”.<sup>22</sup> No tocante a isso, o sofrimento é sentido como algo

---

<sup>17</sup> “You have **pain** or a **pain** when you have an unpleasant feeling of discomfort in part of your body because you are ill or have been hurt [...]” (HIGGLETON; SEATON, 1999, p. 678, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>18</sup> DRANE, 2015, p. 7.

<sup>19</sup> DRANE, 2015, p. 9.

<sup>20</sup> PESSINI, 2002, p. 59.

<sup>21</sup> PESSINI, 2002, p. 59.

<sup>22</sup> “Suffering is experienced by persons, not merely by bodies, and has its source in challenges that threaten the intactness of the person as a complex social and

exterior imposto como experiência interna do sujeito e que ameaça a sua integridade como um *eu (self)*, deste modo, ferindo-o em sua identidade de pessoa.<sup>23</sup>

Quando nosso eu único ou identidade interior é ameaçado por uma experiência negativa grave, estamos definitivamente diante do sofrimento. Uma aflição grave a ponto de ameaçar a identidade interior de uma pessoa distingue o sofrimento de outras experiências negativas.<sup>24</sup>

Além disso, o eu pessoal atingido pelo sofrimento não se refere, simplesmente, ao ser composto de corpo, alma e espírito, mas, também, ao ser circunstancial, à realidade que cerca o sujeito. Como disse o filósofo Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim”.<sup>25</sup> Desta forma, clarifica-se que aquilo que é exterior ao ser humano ou que não é ele em si mesmo, mas que possui significância para o seu ser, lhe é circunstancial. Quando tais realidades sofrem, a identidade do sujeito é, do mesmo modo, colocada à prova. Vale ressaltar, também, que “o sofrimento ameaça o eu interior porque tende a se associar ao desespero e à perda do sentido da vida”.<sup>26</sup>

Outra dúvida que precisa ser sanada quando se trata da dor é acerca do binômio saúde-doença.<sup>27</sup> Quanto ao termo saúde, a Organização Mundial da Saúde, assim o define: “é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doenças e de enfermidades”.<sup>28</sup> Deste modo, compreende-se que no que tange à saúde

---

psychological entity.” (CASSEL, Eric J. The nature of suffering and the goals of medicine. **The New England Journal of Medicine**, Waltham, 18 mar. 1982. v. 306, n. 11, p. 639-645. p. cit. 639, tradução nossa).

<sup>23</sup> DRANE, 2015, p.14.

<sup>24</sup> DRANE, 2015, p. 14.

<sup>25</sup> “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.” (ORTEGA Y GASSET, José. **Obras completas**. 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966. vol. 1. p. 322, tradução nossa).

<sup>26</sup> DRANE, 2015, p. 16.

<sup>27</sup> A doença será aqui tratada, dado que no ponto – 1.3.3 Doença e Pandemia – não será abordada puramente como realidade teórica, mas de forma numérica e como análise teológica e social.

<sup>28</sup> ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde. In: SGRECCIA, Elio. **Manual de bioética: fundamentos e**

humana, considera-se, também, a realidade circunstancial. A ratificação disso fará maior sentido ao longo do texto. Elio Sgreccia afirma serem “quatro as dimensões da saúde que se entrecruzam e se permeiam: a dimensão orgânica, a dimensão psíquica e mental, a dimensão ecológico-social e a dimensão ética”.<sup>29</sup> A realidade do sofrimento segue um esquema concorde a esse.

Exemplificando. Um sujeito perde um parente distante que, apesar da ligação de parentesco, ao morrer não leva consigo algo que seja próprio do ser do outro, como que uma parte da sua pessoa. Os sentimentos suscitados são coerentes com a realidade da dor: luto passageiro, tristeza, certa compaixão. Contudo, esse mesmo sujeito é uma mãe, que tem um único filho e já é viúva; ao perder seu filho, ela perde parte de si, passa a ser uma mãe sem filhos, o seu ser mãe praticamente deixa de existir. Tal senhora passa a ter um aperto profundo no peito (dor física), mas que de fato é uma dor da alma. Seu ser todo sente dores inexplicáveis; de fato, ela está sofrendo. Isso é, todo o seu ser é envolvido em uma realidade que coloca em risco a sua integridade enquanto pessoa, faz com que ela “perca” a sua identidade.

Pode-se, ainda, dizer que:

Viver implica sofrer, embora as pessoas não estejam preparadas para aceitar o sofrimento como algo que faz parte da vida por ser perturbante, gera instabilidade, incompreensão, revolta, fere a pessoa, põe em causa a identidade e a integridade do indivíduo.<sup>30</sup>

No sofrimento, o ser do sujeito é colocado à prova, não se restringindo a uma realidade meramente física ou psíquica. Sofrer diz respeito ao ser todo. Contudo, apesar de ser algo inevitável, a realidade do sofrimento não pode levar a respostas que, simplesmente, justificam-no, causando alienação nos sujeitos. Perante esse fato, deve-se suscitar comprometimento, busca ativa de soluções para os males e os sofrimentos evitáveis, especialmente, àqueles que são de responsabilidade coletiva, o que não é do campo privado, mas sim, do público.<sup>31</sup>

---

ética biomédica. Trad. Orlando Soares Moreira. 4. ed. São Paulo: Loyola. 2014. vol. 1. p. 141.

<sup>29</sup> SGRECCIA, 2014, p. 142.

<sup>30</sup> KAMATI, 2014, p. 18.

<sup>31</sup> GOMES, 2007, p. 12.

### 1.1.2 O sofrimento físico e moral

Esta segunda distinção acerca da realidade do sofrimento alude, especialmente, para o campo religioso. O sofrimento – ameaça ao eu interior – pode ser considerado de duas maneiras: físico ou moral. A distinção da dor e do sofrimento ratificou que esse é mais amplo que aquela, ele é subjetivo e está intrinsecamente ligado à realidade dos valores da pessoa humana.<sup>32</sup> Aliás, é “sinônimo de qualidade de vida diminuída”.<sup>33</sup> Portanto, o sofrimento é mais do que uma realidade meramente material, ele está ligado ao transcendental.<sup>34</sup>

Para assinalar tal diferença, São João Paulo II assim discorre:

É-nos dada uma certa ideia quanto a este problema pela distinção entre sofrimento físico e sofrimento moral. Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou direto sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo modo como sinônimas, as palavras “sofrimento” e “dor”, o *sofrimento físico* dá-se quando, seja de que modo for, “dói” o corpo; enquanto que o *sofrimento moral* é “dor da alma”. Trata-se, de fato, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão “psíquica” da dor, que anda sempre junta tanto com o sofrimento moral como com o sofrimento físico. A amplitude do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico; mas, ao mesmo tempo, o primeiro apresenta-se como algo mais difícil de identificar e de ser atingido pela terapia.<sup>35</sup>

Deste modo, fica claro que, para São João Paulo II, o sofrimento físico é compreendido de forma quase equivalente à dor. Vale ressaltar que a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* quer apresentar o sentido cristão do sofrimento e não diferenciá-lo de forma científica.

O próprio São João Paulo II admite não haver plena correspondência entre sofrimento e dor, quando afirma ser o primeiro

---

<sup>32</sup> PESSINI, 2002, p. 59.

<sup>33</sup> PESSINI, 2002, p. 60.

<sup>34</sup> CASSEL, 1982, p. 644.

<sup>35</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 9-10; SD 5.

mais amplo que o segundo. Por isso, crê-se que aqui se encontra um problema semântico e performativo no que consta na citação acerca do sofrimento acima. Portanto, por sofrimento físico ficam designados aqueles que se relacionam diretamente ao corpo e à psique, que possuem um caráter mais existencial, subjetivo. Já no sofrimento moral ficam compreendidos aqueles sofrimentos que tocam no íntimo do sujeito, podendo estar associados ao corpo e à psique, mas não necessariamente. Desta forma, ratifica-se a afirmação de que esse é mais difícil de ser “tocado” do que aquele, dado que o moral não pode ser “corporificado”.

Considera-se, ainda, que a teologia, enquanto ciência humana, torna-se mais capaz de comunicar o dado revelado da fé, quando dialoga com as demais ciências e, para tal, há o papel da teologia fundamental. Essa, “num horizonte mais vasto se apresenta [...] como um lugar de ‘diálogo’, de ‘fronteira’”.<sup>36</sup> E não apenas com as demais religiões ou com os ateus, mas com todos aqueles que buscam a verdade e a vida.<sup>37</sup> Por isso, este trabalho buscará no seu decorrer dialogar com as demais ciências.

A partir disso, uma análise sociológica do sofrimento se faz necessária. O ser humano é um ser social, um ser de relações em meio à sociedade.<sup>38</sup> Se o sofrimento coexiste de fato com o ser humano, então ele também atinge a sociedade. Mas a sociedade não é uma ideia, ela é “um conjunto de pessoas ligadas de maneira orgânica por um princípio de unidade que ultrapassa cada uma delas”.<sup>39</sup> Por isso o sofrimento pode ser reconhecido como pessoal ou comunitário.

### 1.1.3 O sofrimento pessoal e comunitário

A existência “[...] não é um simples acréscimo à pessoa, e na forma de viver se encontra a maneira de se realizar”.<sup>40</sup> A vida é algo pessoal,

---

<sup>36</sup> FISICHELLA, Rino. **Introdução à teologia fundamental**. Trad. João Paixão Netto. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 44.

<sup>37</sup> AGOSTINI, Nilo. Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida. **Pistis & Praxis**: revista da PUC-Paraná, Curitiba, jan./jun. 2013. v. 5, n. 1, p. 185-205. p. cit. 187.

<sup>38</sup> FELLER, Vitor Galdino. O conceito de pessoa humana no cristianismo. In: GELAIN, Itamar Luís (Org.). **A dignidade da pessoa humana**: olhares a partir do Direito, da Filosofia e da Teologia. Porto Alegre: Fi, 2020. p. 71-87. p. cit. 76-77.

<sup>39</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 502; CIGC 1880.

<sup>40</sup> GOMES, 2007, p. 86.

mas os seres humanos não são sujeitos isolados, são eles unidos em sociedade. A teologia católica afirma isso tanto em relação à realidade do pecado<sup>41</sup> como em relação à salvação.<sup>42</sup> Isto é, o pecado e a salvação são pessoais, mas também comunitários. O mesmo ocorre com o sofrimento. É o sujeito humano quem sofre, dado que é o seu eu-pessoal quem é ameaçado. Todavia, as circunstâncias atreladas ao sujeito são, da mesma forma, fontes de sofrimento e, propriamente dizendo, espaços de sofrimento ou realidades que sofrem. Isso é visível em situações socialmente precárias, nas quais muitos sofrem e, mesmo que alguém não esteja diretamente envolvido, por estar imerso nessas circunstâncias, por empatia, passa a sofrer direta ou indiretamente com os que sofrem.

No que tange à fé, ainda que pessoal, ela é vivida na comunidade, “no ‘nós’ comum do povo”.<sup>43</sup> A fé possui uma proporcionalidade para com a realidade do sofrimento, dado que “é na fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento”.<sup>44</sup> Deste modo, pode-se afirmar que o sofrimento possui essa dupla realidade: pessoal e comunitária, da mesma forma que o pecado e a fé. A primeira pode vir a ocorrer de forma isolada; mas a segunda, o sofrimento comunitário, ocorre sempre associada à primeira, em vista de que o sujeito do sofrimento é o eu pessoal.

Alguns teóricos denominam o sofrimento comunitário como sofrimento social. Emmanuel Renault considera que esse sofrimento é expressão da degradação moral e é experimentado pelos sujeitos. O autor a compreende como um entrelaçado complexo entre o social e a psique, da história e do contexto da vida do sujeito, das realidades estruturais e situacionais.<sup>45</sup> Ademais, “[...] a realidade do sofrimento levanta uma pergunta quanto à essência do mal: o que é o mal?”.<sup>46</sup> E o mal está relacionado ao pecado.

---

<sup>41</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 76; CDSI 117-123.

<sup>42</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197. p. 112; LG 9.

<sup>43</sup> FRANCISCO. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 17; LF 14.

<sup>44</sup> FRANCISCO, 2013, p. 77; LF 56.

<sup>45</sup> RENAULT, Emmanuel. **Social Suffering: Sociology, Psychology, Politics**. London: Rowman & Littlefield International, 2017. p. 131.

<sup>46</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 13; SD 7.

## 1.2 O MAL E O PECADO

Para a teologia católica, mal e pecado estão intimamente ligados. O Catecismo afirma que a miséria humana e a “sua inclinação para o mal e para a morte são incompreensíveis, a não ser referindo-se ao pecado de Adão”.<sup>47</sup> Esse transmitiu, além da morte e das penas do corpo, a todo gênero humano, o pecado, isso é, a morte da alma.<sup>48</sup> Além disso:

O cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem – segundo a ordem normal das coisas – e não tem.<sup>49</sup>

Contudo, a realidade do mal não é tão facilmente resolúvel. Mas o Catecismo afirma que a mensagem cristã, como um todo, possui sempre elementos em vista de responder à questão do mal.<sup>50</sup> O enigma do mal só pode ser esclarecido frente ao mistério do sofrimento de Deus.<sup>51</sup> Dessa forma, pretender esgotar a questão do mal seria, por consequência, querer esgotar a Revelação de Deus e limitá-la à razão humana. Mas a própria teologia faz algumas distinções que são relevantes para a compreensão do mal, dividindo-o em: cósmico, físico e moral.<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> CATECISMO, 2000, p. 114; CIgC 403.

<sup>48</sup> DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 398; DH 1512.

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 13-14; SD 7.

<sup>50</sup> CATECISMO, 2000, p. 93; CIgC 309.

<sup>51</sup> ROSSETTI, Carlo Lorenzo. Il Credo della Chiesa e l'enigma del male. **Rassegna di teologia**, Napoli, 2002. v. s.n., n. 1, p. 75-98. p. cit. 78.

<sup>52</sup> CATECISMO, 2000, p. 93; CIgC 310-311.

### 1.2.1 O mal cósmico, o físico e o moral

A tripla realidade do mal – cósmico, físico e moral – permite compreendê-lo de uma forma mais ampla, superando a ilusão da criação como estado de perfeição. O livro do Gênesis, no primeiro relato da criação, mostra que Deus vê a obra criada como boa e, ao ser humano, como muito bom.<sup>53</sup> Mas o texto sagrado não afirma as coisas criadas como perfeitas. Além disso, o ato criador de Deus possui um princípio: nada é incriado, além de Deus, e nada é criado por outro que não seja Deus.<sup>54</sup>

Frei Antônio Moser afirma que:

Criando seres finitos, ele colocou a origem radical do mal. Criando seres corruptíveis, perecíveis, Deus torna possível o mal cósmico. Criando seres sensíveis e capazes de sofrer, ele torna possível o mal físico. Criando seres livres, capazes de pecar, ele torna possível o mal moral.<sup>55</sup>

Vê-se claramente que, para o autor, há uma tríade em relação ao mal. Todavia, o Catecismo da Igreja Católica aborda tal realidade em uma via dupla, conjugando o mal cósmico ao físico e os chamando, apenas, de mal físico. Nesse, deve-se considerar que Deus é capaz de criar qualquer coisa de forma melhor do que as criou.<sup>56</sup> O Senhor, em sua infinita sabedoria e bondade, quis criar o mundo “em estado de caminhada” e, enquanto as coisas não alcançarem a perfeição, o mal físico se fará presente.<sup>57</sup>

O mal físico é, então, uma imperfeição intrínseca à finitude. Alguns autores, ainda, consideram-no como reflexo cósmico do pecado.<sup>58</sup> Contudo, pode-se afirmar que o mal não possui seu início no ser humano.

---

<sup>53</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002; Gn 1,1-31.

<sup>54</sup> “Ora, a criação é a produção de uma coisa na sua substância total, sem se pressupor nada de incriado ou de criado por outrem. Donde se conclui que ninguém pode criar nada, salvo Deus, causa primeira.” (TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 441; *Sum. Theol.* I,q.65,a.3.)

<sup>55</sup> MOSER, Antônio. **O pecado**: do descrédito ao aprofundamento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 36.

<sup>56</sup> TOMÁS DE AQUINO, 2016, p. 210; *Sum Theol.* I, q.25, a.6.

<sup>57</sup> CATECISMO, 2000, p. 93; CIGC 310.

<sup>58</sup> ROSSETTI, 2002, p. 84.

A Escritura aponta para a figura da serpente que, com o progredir da revelação, é identificada como o diabo ou Satã em Jó.<sup>59</sup> Assim, o mal não possui por fonte única a má vontade humana. Além disso, não é um princípio ontológico. Portanto, sugere-se ser proveniente de “um mundo espiritual, criado bom e decaído, cuja ação se opõe à de Deus e que, desde o início, o homem encontra em seu caminho”.<sup>60</sup> Por fim, no campo da criação, o mal físico é uma *privatio boni*.<sup>61</sup>

João Damasceno recordava que Deus é mais forte que a má vontade humana: “Se o fato de Deus saber que o homem se tornaria mau tivesse impedido Deus de chamar à existência os seres que ele queria criar em sua bondade, isso teria significado que o mal era mais forte do que a bondade de Deus”.<sup>62</sup>

A onipotência de Deus é colocada à prova perante a realidade do sofrimento e do mal. Entretanto, é na fé que se admite Deus como ilimitadamente poderoso.<sup>63</sup> Dos atributos divinos, a onipotência é a única nomeada no símbolo da fé. A essa unem-se outras três características: universal, amorosa e misteriosa. Universal porque Deus tudo criou e governa. Amorosa porque Deus é Pai. Misteriosa porque apenas na fé é descoberta.<sup>64</sup> Vale ressaltar que o Criador não é apenas o princípio, mas é também o ponto ômega, para o qual todas as coisas concorrem,<sup>65</sup> como diria Teilhard de Chardin.<sup>66</sup>

No que se refere ao mal moral, Deus não é, de modo algum, sua causa. O mal moral é consequência do pecado, entra no mundo por meio

<sup>59</sup> Jó 1,6-12.

<sup>60</sup> DANIÉLOU, Jean. **No princípio**: Gênesis 1-11. 2. ed. Trad. C. Ferrario. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 66-67.

<sup>61</sup> ROSSETI, 2002, p. 78.

<sup>62</sup> Giovanni Damasceno recordava che Dio è più forte della cattiva volontà umana: “Se il fatto che Dio sapeva che l’uomo sarebbe diventato malvagio avesse impedito a Dio di suscitare all’esistenza gli esseri che nella sua bontà voleva creare, questo avrebbe significato che il male era più forte della bontà di Dio”. (ROSSETI, 2002, p. 83, tradução nossa).

<sup>63</sup> CATECISMO, 2000, p. 81-82; CIgC 272-273.

<sup>64</sup> CATECISMO, 2000, p. 80; CIgC 268.

<sup>65</sup> LIBANIO, João Batista. **Creio em Deus Pai**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 19-20.

<sup>66</sup> COLOMER, Eusébio. **A evolução segundo Teilhard de Chardin**. Trad. Manuel V. Figueiredo. Porto: Tavares Martins, 1967. p. 83.

dele.<sup>67</sup> Todavia, não são sinônimos, dado ser o pecado um erro ontológico, um errar o alvo.<sup>68</sup> Como dito, o mal moral entra no mundo pelo pecado, mas aquele não é esse. Contudo, geralmente, ocorrem juntos.

### 1.2.2 O pecado e o sofrimento

Neste ponto, quer-se observar a realidade do pecado em quatro de suas formas: *original, pessoal, social e socioestrutural*. Em princípio, precisa-se afirmar que o pecado *pessoal* não possui uma incidência direta no que tange à realidade do sofrimento.<sup>69</sup> Mas, então, *o que é pecado?* O Catecismo responde:

O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência reta; é uma falta ao amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e ofende a solidariedade humana. Foi definido como “uma palavra, um ato, ou um desejo contrários à lei eterna”.<sup>70</sup>

Assim, o pecado é uma ruptura de um estado de aliança precedente. Com a visão agostiniana, tal compreensão é afirmada “como perda de uma imortalidade e de uma liberdade para o bem concedidas ao ser humano em sua origem e, por sua vez, como inclinação à concupiscência transmitida pela geração”.<sup>71</sup> O pecado é um fechar-se à transcendência.

No que tange ao pecado *original*, Frei Antônio Moser diz que ele “de fato, afeta a todos, consistiria em fixar-se no ‘paraíso terrestre’, contentar-se com o estado presente e não empenhar-se para construí-lo no futuro”.<sup>72</sup> Além disso, a doutrina cristã católica sobre o pecado original pressupõe que o ser humano tenha sido criado por Deus na graça e, somente a partir disso, pode-se falar do pecado como ruptura da aliança

---

<sup>67</sup> CATECISMO, 2000, p. 93; CIgC 311.

<sup>68</sup> ROSSETI, 2002, p. 88-89.

<sup>69</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 25; SD 15.

<sup>70</sup> CATECISMO, 2000, p. 495; CIgC 1849.

<sup>71</sup> TAMAYO, 2009, p. 434.

<sup>72</sup> MOSER, 2014, p. 66.

com Deus, da comunhão com ele.<sup>73</sup> O relato do livro dos Gênesis é claro quanto a isso: “Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”.<sup>74</sup> A promessa da serpente que enche de honra e orgulho o coração de Eva é o “vós sereis como deuses”. A proposta da criatura se fazer igual ao Criador faz o coração humano abrir-se ao pecado e romper com a comunhão que é a dignidade de sua própria humanidade, sua ligação intrínseca de criatura imanente-transcendental. Ladaria afirma que: “[...] consiste o pecado do homem: em querer ser como Deus, na sua autossuficiência que recusa o dom do Senhor”.<sup>75</sup> Prossegue ele afirmando que o pecado gera pecado, o que faz do ser humano responsável por sua terrível situação terrena.<sup>76</sup>

Essa certeza de que o pecado gera pecado e que o orgulho, um dos sete pecados capitais<sup>77</sup>, está no princípio de todo o mal moral, corrobora com a leitura do pecado *pessoal*. O orgulho humano de se pôr no lugar de Deus rompe, consecutivamente, a aliança firmada com Deus. Afirma Ladaria, ainda, que: “[...] o pecado, que nada mais é que um distanciamento pessoal em relação a Deus, causa ao mesmo tempo uma ruptura da mediação de graça para os outros”.<sup>78</sup>

A Conferência de Puebla afirma que o orgulho do ser humano tornou-se idolátrico, desde o início ele rejeitou o amor de Deus, não o adorando. Mas sim, “[...] adorou os ídolos, as obras de suas mãos, a realidade deste mundo; adorou-se a si próprio”.<sup>79</sup> Essa lógica idolátrica dilacera o ser humano, permitindo que o mundo seja permeado pelo mal, pela morte e pelo medo, que destroem a fraternidade. Irrompe, dessa

---

<sup>73</sup> LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016, p. 85.

<sup>74</sup> Gn 3,5.

<sup>75</sup> LADARIA, 2016, p. 87.

<sup>76</sup> LADARIA, 2016, p. 87.

<sup>77</sup> Pecados capitais: “São chamados capitais porque geram outros pecados, outros vícios. São o orgulho, a avareza, a inveja, a ira, a impureza, a gula, a preguiça ou acídia.” (CATECISMO, 2000, p. 500; CIGC 1866).

<sup>78</sup> LADARIA, 2016, p. 95.

<sup>79</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1980. p. 125; Puebla 185.

situação, toda a escravidão, o que se configura como uma clara contradição ao plano de Deus.<sup>80</sup>

Retomar o que fora citado do Catecismo, retirado de Santo Agostinho de Hipona, que afirma o pecado como “uma palavra, um ato ou um desejo contrários à lei eterna”,<sup>81</sup> faz perceber que o pecado é, necessariamente, algo pessoal. A culpabilidade da ação humana é individual, dado que o sujeito pode atuar com maior ou menor liberdade e, deste modo, com maior ou menor responsabilidade. Apesar de haver fatores externos ao sujeito que o impulsionam ao pecado, sua pessoalidade é intransferível e não se pode desconsiderar sua liberdade em fazê-lo.<sup>82</sup>

Contudo, como se pode afirmar a existência de um pecado *social* se o pecado é sempre ato de uma pessoa? O pecado é social em vista da solidariedade humana, pela qual se pode afirmar haver uma comunhão no pecado. Por causa desta solidariedade, o pecado pessoal repercute, misteriosamente, sobre os demais. Por isso, pode-se afirmar que não há pecado, por mais íntimo e secreto, que diga respeito exclusivamente àquele que o tenha cometido.<sup>83</sup> O pecado é, portanto, além de pessoal, algo social.

A última forma de pecado a ser analisada é a *socioestrutural*. O termo, como tal, é basicamente novo, contudo, já era afirmado pelos profetas, por Jesus e pelos Padres da Igreja. Os profetas consideravam que o pecado não se situava, apenas, no nível dos corações, mas atingia o campo histórico, dado que a infidelidade, a ruptura para com a aliança se dava na história do povo de Israel. Jesus, ao abordar a temática do Reino, amplia o horizonte do pecado: o anti-Reino é uma ação dos seres humanos contra Deus.<sup>84</sup> Além disso, “enquanto o Reino é uma força integradora [...], o anti-Reino se apresenta como força desintegradora também pessoal

---

<sup>80</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1980, p. 126; Puebla 185-186.

<sup>81</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Contra Fausto*; *Faust.* 22. In: CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 495; CIgC 1849.

<sup>82</sup> JOÃO PAULO II. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et Paenitentia***. Vaticano: 1984. Não paginado; RP 16. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_02121984\\_reconciliatio-et-paenitentia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html)>. Acesso em: 15 mar. 2022.

<sup>83</sup> JOÃO PAULO II, 1984, não paginado; RP 16.

<sup>84</sup> MOSER, 2014, p. 154-155.

e socialmente”.<sup>85</sup> Ademais, Santo Agostinho o trabalha na ideia do “confronto entre a cidade de Deus e a cidade terrestre”.<sup>86</sup>

É no pontificado de São João Paulo II que a ideia de pecado socioestrutural ganha sistematicidade e compreensão. O papa distingue esse pecado em três níveis: o primeiro, a comunhão no pecado, como já mencionado; o segundo faz referência “à violação da justiça e dos direitos da pessoa humana”;<sup>87</sup> o terceiro diz respeito às relações estabelecidas entre as comunidades humanas.<sup>88</sup> Além disso, as “‘estruturas’ de pecado [...] reforçam-se, expandem-se e tornam-se fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos homens”.<sup>89</sup> Mas é na *Evangelium Vitae* que esse aceno ganha um tom mais forte de denúncia:

Como não pensar na violência causada à vida de milhões de seres humanos, especialmente crianças, constrangidos à miséria, à subnutrição e à fome, por causa da iníqua distribuição das riquezas entre os povos e entre as classes sociais? Ou na violência inerente às guerras, e ainda antes delas, ao escandaloso comércio de armas, que favorece o torvelinho de tantos conflitos armados que ensanguentam o mundo? Ou então na sementeira de morte que se provoca com a imprudente alteração dos equilíbrios ecológicos, com a criminosa difusão da droga, ou com a promoção do uso da sexualidade segundo modelos que, além de serem moralmente inaceitáveis, acarretam ainda graves riscos para a vida? É impossível registrar de modo completo a vasta gama das ameaças à vida humana, tantas são as formas, abertas ou camufladas, de que se revestem no nosso tempo!<sup>90</sup>

---

<sup>85</sup> MOSER, 2014, p. 156.

<sup>86</sup> MOSER, 2014, p. 156.

<sup>87</sup> MOSER, 2014, p. 157.

<sup>88</sup> MOSER, 2014, p. 158

<sup>89</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 67; SRS 36.

<sup>90</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Evangelium Vitae***. Vaticano: 1995. Não paginado; EV 10. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html)>.

Acesso em: 15 mar. 2022.

Observa-se, pois, que o pecado tem diversas ramificações. Mas o que ele tem a dizer sobre o sofrimento? Deve-se, em princípio, considerar a experiência de Jó, na qual um justo sofre. Mostra-se então que não há uma correspondência direta e necessária entre o pecado e o sofrimento. O próprio Deus desaprova as ilações dos amigos de Jó que correspondem o sofrimento ao pecado. O sofrimento dos inocentes, visto como mistério, dirime a máxima de que o sofredor é um pecador.<sup>91</sup> Todavia, apesar de não haver uma implicância direta, há uma ligação íntima com o pecado das origens e com seus desdobramentos na sociedade. Há, na base dos sofrimentos humanos, uma múltipla implicação do pecado.<sup>92</sup>

### 1.3 ALGUMAS REALIDADES DE SOFRIMENTO

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, que versa sobre a Igreja no mundo, inicia, justamente tratando da realidade dos que sofrem:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.<sup>93</sup>

Deste modo, a realidade dos sofredores é, também, a de todos aqueles que seguem a Cristo e, desta forma, de toda a Igreja, seu Corpo. Da mesma forma como o corpo físico sofre como um todo quando há sofrimento em um de seus membros, “assim também na Igreja os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo”.<sup>94</sup> Entretanto, não só há solidariedade para

---

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 19; SD 11.

<sup>92</sup> JOÃO PAULO II 2009, p. 25; SD 15.

<sup>93</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p. 539-661. p. 539-540; GS 1.

<sup>94</sup> PIO XII. **Carta Encíclica *Mystici Corporis***. Vaticano: 1943. Não paginado; MC 15. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/>

com os que são batizados, mas a solidariedade humana se dá entre todo o gênero humano, como visto na parábola do bom samaritano.<sup>95</sup> Portanto, uma Igreja em saída, como deseja o papa Francisco, é aquela que toca a carne sofredora de Cristo no povo.<sup>96</sup> A partir disso, pode-se analisar os casos de sofrimento que foram cuidadosamente elencados.

### 1.3.1 Pobreza e Fome

O problema da pobreza e da fome é, claramente, uma realidade de sofrimento. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), ao analisar 109 países com um total de cinco bilhões e novecentos milhões de pessoas, cerca de um bilhão e trezentos milhões desses são multidimensionalmente pobres.<sup>97</sup> O primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas em vista de se atingir a Agenda 2030 é a erradicação da pobreza. Essa considera que pobre é a pessoa que vive com menos de U\$ 1,90 por dia.<sup>98</sup> Deste modo, é claramente uma preocupação global.

Todavia, há, ainda, um grande silêncio ou uma inércia na resolução de tal dificuldade. O papa Francisco e o grão imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb, em Abu Dhabi, lançaram um documento conjunto no qual consta:

---

documents/hf\_p-xii\_enc\_29061943\_mystici-corporis-christi.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>95</sup> Lc 10,25-37.

<sup>96</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 21-22. EG 24.

<sup>97</sup> PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Índice de pobreza revela grandes desigualdades entre grupos étnicos**. Brasília, 2021. Disponível em: <[<sup>98</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. \*\*Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil\*\*. Brasília, sem data. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 16 mar. 2022.](https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2020/indice-de-pobreza-revela-grandes-desigualdades-entre-grupos-etni.html#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%2C%20em,5%2C9%20bilh%C3%B5es%20de%20pessoas%3A&text=1%2C3%20bilh%C3%A3o%20de%20pessoas%20s%C3%A3o%20multidimensionalmente%20pobres.&text=Cerca%20de%20metade%20(644%20milh%C3%B5es,crian%C3%A7as%20menores%20de%2018%20anos.&text=Quase%2085%25%20vivem%20na%20C3%81frica,da%20C3%81sia%20(532%20milh%C3%B5es).>. Acesso em: 16 mar. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Afirmamos igualmente que as graves crises políticas, a injustiça e a falta duma distribuição equitativa dos recursos naturais – dos quais se beneficia apenas uma minoria de ricos, em detrimento da maioria dos povos da terra – geraram, e continuam a fazê-lo, enormes quantidades de doentes, necessitados e mortos, causando crises letais de que são vítimas vários países, não obstante as riquezas naturais e os recursos das gerações jovens que os caracterizam. A respeito de tais crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome, reina um inaceitável silêncio internacional.<sup>99</sup>

Discernindo acerca da realidade da pandemia, o papa Francisco definiu ser o egoísmo um vírus ainda pior. A indiferença egoísta, como afirma ele, possui a ideia de que a vida é boa quanto “melhor for para mim”, independente de que os outros também possuam uma vida melhor. A realidade pandêmica deixou escancarado o fato de que não há fronteiras entre os sofredores. Destarte, é tempo de superar as desigualdades, sanando a injustiça que fere a humanidade desde sua raiz.<sup>100</sup> Contanto, os mecanismos econômicos, buscam, como *modus operandi*, calar a voz dos pobres e da desigualdade social com uma suposta “educação” que os domestica em vez de libertá-los.<sup>101</sup> Ora, não há nada mais antievangélico.

Em seu magistério petrino, Francisco deixa claro à Igreja que “a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica”.<sup>102</sup> Tal reflexão segue a linha da Tradição da Igreja que vê tal opção como forma de praticar a caridade cristã. Mas a caridade não é apenas um ato da vida de fé, ela também diz respeito às responsabilidades sociais, observando: os famintos, os sem teto, os que não possuem assistência médica, aqueles que não têm

---

<sup>99</sup> AHMAD AL-TAYYEB; FRANCISCO. **Documento sobre a Fraternidade Humana**: em prol da paz mundial e da convivência comum. Abu Dhabi: 2019. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travel/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanz-a-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travel/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanz-a-umana.html)>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>100</sup> FRANCISCO. **Vida após a pandemia**. Trad. L’Osservatore Romano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. p. 54.

<sup>101</sup> FRANCISCO, 2013, p. 53; EG 60.

<sup>102</sup> FRANCISCO, 2013, p. 163; EG 198.

esperança de futuro.<sup>103</sup> Na sociedade de hoje há uma multidão de Lázaros.<sup>104</sup> A esses que estão famintos Deus promete o Reino e a saciedade.<sup>105</sup>

Retornando às estatísticas, vistos os números apresentados e, aplicando uma proporcionalidade ao número de seres humanos, pode-se afirmar que um bilhão e setecentos milhões de pessoas são multidimensionalmente pobres, considerando a população mundial de oito bilhões.<sup>106</sup> Isto é, uma parcela significativa, em torno de 21% das pessoas, vivem tal realidade, um crescimento expressivo em vista das projeções da ONU em 2020 que consideravam que a porcentagem de extrema pobreza atingiria cerca de 9,1 a 9,4% das pessoas.<sup>107</sup>

São Paulo VI afirmava ser a doença do mundo a falta da fraternidade entre os homens.<sup>108</sup> Este ano e os dois antecedentes evidenciaram incontestavelmente isso. A globalização foi capaz de fazer as pessoas se tornarem vizinhas, mas não as fez irmãs. A razão, apesar de estabelecer civilidade nos relacionamentos, não fundou a fraternidade universal.<sup>109</sup> O livro dos Provérbios recorda que “quem tapa o ouvido ao clamor do fraco também clamará e não terá resposta”.<sup>110</sup> Tal sofrimento é mais chocante quando sabe-se haver um desperdício de 17% dos alimentos produzidos no mundo.<sup>111</sup> Ao considerar que 811 milhões de

---

<sup>103</sup> JOÃO PAULO II, 1988, p. 81-82; SRS 42.

<sup>104</sup> Lc 16, 19-31.

<sup>105</sup> Lc 6, 20-21.

<sup>106</sup> WORLDOMETER. **Coronavirus Updates**. Chicago: American Library Association, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.worldometers.info/br/>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>107</sup> CERATTI, Mariana. Pobreza extrema aumenta pela primeira vez em 20 anos, diz Banco Mundial. **ONU News**, Nova York, 7 out. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

<sup>108</sup> PAULO VI. **Carta Encíclica *Populorum Progressio***. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 53; PP 66.

<sup>109</sup> BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in Veritate***. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 29; CV 19.

<sup>110</sup> Pr 21,13.

<sup>111</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU: 17% de todos os alimentos disponíveis para consumo são desperdiçados**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/114718-onu-17-de-todos-os-alimentos-disponiveis-para-consumo-sao-desperdicados>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

pessoas sofrem com a insegurança alimentar, já seria possível, com a distribuição equitativa dos bens da terra, encerrar a mazela da fome.<sup>112</sup>

No que tange à fome, o Brasil – um dos maiores produtores de alimentos no mundo – não está imune. Em torno de 23,5% dos brasileiros, 49,6 milhões de habitantes, estão em situação de insegurança alimentar moderada ou severa.<sup>113</sup> Em vista disso, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elegeu, após consulta pública, a fome como tema da Campanha da Fraternidade para o ano de 2023,<sup>114</sup> escolhendo por lema: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.<sup>115</sup>

### 1.3.2 Guerra e Migração

O flagelo da guerra e das migrações, essas não necessariamente associadas àquela, atinge uma grande quantidade de pessoas. Por guerra se entende: “[...] uma luta armada que sociedades iguais e soberanas travam entre si no intuito de fazer prevalecer aquilo que elas consideram o seu direito ou o seu interesse”.<sup>116</sup> Neste século os conflitos civis armados ocorrem, especialmente, entre povos sob a mesma bandeira nacional, concidadãos que lutam por divergências políticas, religiosas, raciais (Síria, Iêmen, Myanmar, Etiópia). Ou por grupos que lutam contra a influência estrangeira em seus territórios (o Talibã no Afeganistão). Não se deve esquecer, também, da Primavera Árabe (2010),<sup>117</sup> que gerou

---

<sup>112</sup> UNICEF. **The state of food security and nutrition in the world 2021**. Nova York, 2021. Disponível em: <<https://data.unicef.org/resources/sofi-2021/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>113</sup> CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Relatório da ONU revela que a pandemia contribui para o agravamento da fome**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.cfn.org.br/index.php/noticias/relatorio-da-onu-revela-que-a-pandemia-contribui-para-o-agravamento-da-fome/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>114</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Após consulta popular, Campanha da Fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/apos-consulta-popular-campanha-da-fraternidade-em-2023-voltara-a-tratar-do-tema-da-fome/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>115</sup> Mt 14,16.

<sup>116</sup> UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOCIAIS. **Código de moral internacional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1963. p. 89; CMI 136.

<sup>117</sup> Primavera Árabe: foi um evento histórico de levante em muitos países árabes no Oriente Médio e no Norte da África iniciados em 18 de dezembro de 2010. Durante o ano de 2011 diversos governos ditatoriais caíram, pondo pressão em

diversas mudanças nos regimes políticos em países, majoritariamente, muçulmanos.

Tais conflitos levaram milhões de pessoas ao sofrimento e, também, à migração. O número de migrantes chegou a 281 milhões no ano de 2020, equivalente a 3,6% da população global.<sup>118</sup> Considerando a guerra na Ucrânia, no início de 2022, esse número é ainda maior, dado que se acresce com mais três milhões de refugiados.<sup>119</sup> Contudo, as migrações não ocorrem apenas por causa das guerras, mas também por: desastres naturais, perseguições,<sup>120</sup> pobreza e fome, miséria e degradações ambientais.<sup>121</sup>

Quanto ao fenômeno migratório, o Documento Final do Sínodo dos Bispos de 2018, afirma que

A nível mundial, os fenômenos migratórios representam um fenômeno estrutural, e não uma emergência transitória. As migrações podem verificar-se no interior do mesmo país, ou entre diferentes países. A preocupação da Igreja visa, de modo particular, aqueles que fogem da guerra, da violência, da perseguição política ou religiosa, dos desastres naturais devidos também às mudanças climáticas e da pobreza extrema: muitos deles são jovens. Em geral, partem em busca de oportunidades para si mesmos e para a sua família.

---

diversos regimes políticos que governam ou governavam os países daquela região. A Guerra na Síria foi iniciada nessa revolução e perdura até a atualidade.

<sup>118</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado.** Brasília, 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=Em%202019%2C%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Internacional,%2C%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial.>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>119</sup> “Uma categoria especial de vítimas da guerra é a dos *refugiados*, constrangidos pelos combates a fugir dos lugares em que vivem habitualmente, até mesmo a encontrar abrigo em países diferentes daqueles em que nasceram”. (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 281; CDSI 505.) Ver também UNHCR. **Ukraine emergency.** Nova York, 2022. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/ukraine-emergency.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>120</sup> FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.** São Paulo: Paulus, 2020. p. 28; FT 37.

<sup>121</sup> FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'*.** São Paulo: Paulinas, 2015. p. 23; LS 25.

Sonham com um futuro melhor, e desejam criar as condições para que isto se realize.<sup>122</sup>

Os problemas relacionados à migração são diversos. A vulnerabilidade social em decorrência dela frequentemente suscitam a xenofobia, relegando os migrantes a uma vida à parte da sociedade, negando-lhes a dignidade que é intrínseca à pessoa humana.<sup>123</sup> A falta de dignidade gerada pela exclusão e pela desigualdade fomenta a violência, fazendo a guerra ganhar maior espaço em meio à pobreza. Quando parte da sociedade é abandonada na periferia, é marginalizada, a paz se torna tênue.<sup>124</sup> Tais reações violentas são, em suma, efeito de um sistema socioeconômico injusto desde a raiz.<sup>125</sup> Por isso, Francisco insiste em dizer que:

[...] a paz não é apenas ausência de guerra, mas o empenho incansável – especialmente daqueles que ocupamos um cargo de maior responsabilidade – de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de irmãos nossos, para que possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação.<sup>126</sup>

---

<sup>122</sup> SÍNODO DOS BISPOS – XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. **Documento final:** Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Vaticano, 2018. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20181027\\_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022. DF 25.

<sup>123</sup> FRANCISCO, 2020, p. 29; FT 39.

<sup>124</sup> Assim, o Magistério da Igreja afirma que outro nome para a paz é desenvolvimento: “Por isso, o outro nome da paz é *desenvolvimento*. Como existe a responsabilidade coletiva de evitar a guerra, do mesmo modo há a responsabilidade coletiva de promover o desenvolvimento”. (JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Centesimus Annus**. Vaticano: 1991. Não paginado; CA 52. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022).

<sup>125</sup> FRANCISCO, 2013, p. 52; EG 59.

<sup>126</sup> FRANCISCO. **Encontro com as autoridades, o corpo diplomático e a sociedade civil**. Maputo, 5 set. 2019. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco\\_20190905\\_autorita-mozambico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_autorita-mozambico.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Deste modo, se não for resolvido o flagelo da miséria, não o será, tampouco o da guerra. Pode-se afirmar, dessa forma, que o crescimento do número de conflitos e guerras, gerados por uma cultura vazia e imediatista,<sup>127</sup> é a vivência de uma “terceira guerra mundial por pedaços”.<sup>128</sup> A guerra, de fato, destrói o projeto de fraternidade na família humana, avançando a dicotomia entre o “desejo” de estabilidade e paz e a falsa segurança mundial sustentada no medo e na desconfiança mútua entre as grandes potências.<sup>129</sup> A realidade da guerra é patente no século XXI, ela “[...] não é um fantasma do passado, mas tornou-se uma ameaça constante. O mundo encontra cada vez mais dificuldades no lento caminho da paz que empreendeu [...]”.<sup>130</sup> O sofrimento dos povos em guerra, daqueles que precisam migrar por causa das mais diversas realidades é como o sangue de Abel que grita aos céus. “Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim!”<sup>131</sup>

### 1.3.3 Doença e Pandemia

Dentro do espectro dos sofrimentos a doença é a mais comum. Separar-se-ão duas expressões dessa, a doença emocional e a doença física grave. A primeira, de cunho emocional, perturba a autosssegurança do sujeito e a sua identidade interior. Essa faz com que a pessoa crie um *alter ego*, estranho a si mesmo, ansioso, autocomiserativo, raivoso e cheio de culpa. Dessas doenças, a depressão é a mais conhecida.<sup>132</sup> Atualmente, segundo os dados da Organização Pan-americana de Saúde ligada à OMS estima-se que mais de trezentos milhões de pessoas sofram com depressão em todo o mundo.<sup>133</sup> Para esses um dos fatores de risco, que

---

<sup>127</sup> FRANCISCO, 2020, p. 18-19; FT 17.

<sup>128</sup> FRANCISCO. **Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz**. Vaticano, 8 dez. 2015. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20151208\\_me\\_ssaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_me_ssaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022. MDMP 2.

<sup>129</sup> FRANCISCO, 2020, p. 23; FT 26.

<sup>130</sup> FRANCISCO, 2020, p. 131; FT 256.

<sup>131</sup> Gn 4,10.

<sup>132</sup> DRANE, 2015, p. 17.

<sup>133</sup> ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depressão**. Brasília: OPAS; OMS, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

ocorre também para as dores físicas, é a sedação total, que priva o ser humano de sua existência plena, vivendo de forma parcial.<sup>134</sup> No campo científico se denomina de analgesia, comum nesta sociedade na qual fugir da dor e do sofrimento por meio de medicamentos seria o caminho mais racional.<sup>135</sup> Todavia é uma “solução” imediatista, que não resolve a situação.

Já a doença física grave ocorre quando alguém perde os poderes físicos que o definem como ser humano, não no sentido de dignidade, mas de perda do controle que caracteriza uma vida humana saudável. Isso é, a capacidade livre de fazer escolhas, que, se não impedida, fica limitada por uma doença grave.<sup>136</sup> A doença é autora de sofrimento dado que “os vários aspectos da identidade da pessoa (físicos, mentais, volitivos e sociais) são ameaçados”.<sup>137</sup>

A pandemia do coronavírus aliou essas duas realidades da doença, uma pandemia de um vírus mortal que fere de morte os corpos, e uma pandemia mental gerada pelo medo que desestabilizou diversas pessoas no seu campo emocional. Outrossim, a pandemia esclareceu a interligação humana na vulnerabilidade.<sup>138</sup> Segundo dados da OMS, quase 463 milhões de casos confirmados de COVID-19, desses mais de seis milhões vieram a óbito.<sup>139</sup> Isso é, cerca de 5,7% da população mundial foi infectada e 0,075% veio a falecer em decorrência dessa doença. Pessoas não são números, são pais, avós, irmãos, tios, primos, amigos e que fazem com que no mundo se espalhe o sentimento de impotência perante a doença e a morte. O sofrimento da pandemia não é só para os infectados e aqueles que vieram a falecer, mas para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, foram atingidos pela COVID-19.

Por isso, o magistério da Igreja possui grande preocupação quanto ao acesso universal à saúde. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma ser responsabilidade das instituições da comunidade internacional buscar desenvolver os diversos âmbitos das necessidades humanas, entre

---

<sup>134</sup> DRANE, 2015, p. 19.

<sup>135</sup> PESSINI, 2002, p. 57.

<sup>136</sup> DRANE, 2015, p. 20-21.

<sup>137</sup> DRANE, 2015, p. 21.

<sup>138</sup> CZERNY, Michael. Prefácio. In: FRANCISCO. **Vida após a pandemia**. Trad. L'Osservatore Romano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. p. 10.

<sup>139</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) dashboard**. Genebra: OMS, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

elas a saúde.<sup>140</sup> Em vista disso, no ano de 1992, São João Paulo II instituiu o Dia Mundial do Doente em vista de “sensibilizar o povo de Deus, as instituições sanitárias católicas e a sociedade civil para a solicitude com os enfermos e quantos cuidam deles”.<sup>141</sup> A realidade da pandemia e da doença chama a uma renovada busca pelo bem comum que “não é um fim isolado em si mesmo; ele tem valor somente em referência à obtenção dos fins últimos da pessoa e ao bem comum universal de toda a criação”.<sup>142</sup>

### 1.3.4 Exploração e Discriminação

A Doutrina Social da Igreja debruça-se sobre a exploração no mundo do trabalho de forma bastante contundente. A Carta Encíclica *Rerum Novarum* lembra aos ricos que explorar a pobreza e a miséria é uma atitude reprovada, tanto no mundo civil, quanto pela lei divina.<sup>143</sup> Há, pois, uma degradação do *homem-sujeito* do trabalho que ocorre, geralmente, onde há miséria e fome. A pobreza, por muitas vezes, decorre da violação da dignidade do trabalho, dado o desemprego ou a depreciação do valor e dos direitos inerentes a ele, como o salário justo e a segurança, dos quais deveriam gozar os trabalhadores.<sup>144</sup>

São Paulo VI, em sua Carta Apostólica *Octagesima Adveniens*, alia os termos exploração e discriminação. Essas podem ser de cunho étnico (racismo), cultural (xenofobia), religioso (intolerância), político (partidarismo). Em sua concepção, São Paulo VI afirma que a falta de um sentido profundo do serviço prestado pelos outros é o que sustém a discriminação e a exploração. Tal realidade é resolvível apenas com uma renovada educação para a solidariedade, reafirmando a igualdade, de

---

<sup>140</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 651; GS 84.

<sup>141</sup> FRANCISCO. **Mensagem para o XXX Dia Mundial do Doente**. Roma, 2021. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210\\_30-giornata-malato.html#\\_ftn1](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210_30-giornata-malato.html#_ftn1)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

<sup>142</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 103; CDSI 170.

<sup>143</sup> LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Rerum Novarum***. Trad. Manuel Alves da Silva. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 23; RN 12.

<sup>144</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Laborem Exercens***. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 27-32; LE 8.

forma que não fomente o individualismo, que busca a manutenção de direitos particulares não voltados para o bem comum.<sup>145</sup>

São João Paulo II aprofunda tal realidade em relação às mulheres que são mães. Essas não devem ser psicologicamente discriminadas, forçadas ao abandono das funções maternas para buscar trabalho retribuído. Tal situação é uma exploração velada que prejudica a sociedade e a família. A discriminação dessas mães e suas exclusões do mundo do trabalho, devido às suas funções maternas, é outra forma de exploração. Uma verdadeira promoção do trabalho para a mulher é considerar ambas as necessidades, não obrigando que ela abandone sua missão familiar e sem que seja relegada ao desemprego, impossibilitando o sustento de sua prole.<sup>146</sup>

Bento XVI aponta para o nível relacional que é ferido pela exclusão do mundo do trabalho, salientando que:

A exclusão do trabalho por muito tempo ou então uma prolongada dependência da assistência pública ou privada corroem a liberdade e a criatividade da pessoa e as suas relações familiares e sociais, causando enormes sofrimentos a nível psicológico e espiritual.<sup>147</sup>

Francisco afirma que os que adoram a Deus não podem discriminar, serem odiosos ou violentos, mas devem respeitar a sacralidade da vida, a dignidade e a liberdade dos seres humanos, sendo sempre solícitos e compromissados com o bem-estar de todos.<sup>148</sup> Outra forma de discriminação se dá contra os deficientes que, em muitas localidades, não são reconhecidos em sua igual dignidade de pessoa humana.<sup>149</sup> O papa reitera que o uso de alguns termos, como minorias, fomentam o isolamento e a inferioridade, reduzindo os direitos civis e

---

<sup>145</sup> PAULO VI. **Carta Apostólica Octagesima Adveniens**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 23-24; OA 23.

<sup>146</sup> JOÃO PAULO II, 2008, p. 70-71; LE 19.

<sup>147</sup> BENTO XVI, 2009, p. 40; CV 25.

<sup>148</sup> FRANCISCO. **Homilia da missa de canonização do beato José Vaz**. Colombo, Sri Lanka, 14 jan. 2015. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150114\\_sr\\_ilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150114_sr_ilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html)>. Acesso em: 18 mar. 2022.

<sup>149</sup> FRANCISCO, 2020, p. 56; FT 98.

religiosos duramente conquistados, discriminando os sujeitos.<sup>150</sup> Deste modo, é incontestável que a exploração, não só no mundo do trabalho, e a discriminação em seus diversos desdobramentos atentam para com a dignidade humana, ferindo a identidade dos sujeitos e, por isso, são realidades de sofrimento.

### 1.3.5 Exclusão e Abandono

A questão social possui uma escala de âmbito mundial. Somente modificando as estruturas sociais de pecado é que se pode superar as injustiças que se praticam para com a criação, especialmente, para com os seres humanos. A Conferência de Medellín diz que “ao falar de situação de injustiça, referimo-nos àquelas realidades que expressam uma situação de pecado [...]”.<sup>151</sup> Vale também ressaltar que a exclusão das populações começa desde a ausência de repartição equitativa dos bens, destinados a todos<sup>152</sup> e termina na exclusão dos indivíduos, descartados como coisas.<sup>153</sup> A exclusão social, aliada a outros sinais, mostra que “o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida”.<sup>154</sup>

Tal realidade perdura devido à economia de exclusão, na qual o lucro é o valor definitivo. No campo econômico e social, prevalece a lei do mais forte. Consequentemente, massas populacionais são excluídas, marginalizadas e ficam sem emprego. O ser humano em vez de ser fim da economia, torna-se meio.

Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas

---

<sup>150</sup> FRANCISCO, 2020, p. 72; FT 131.

<sup>151</sup> “Al hablar de una situación de injusticia nos referimos a aquellas realidades que expresan una situación de pecado [...]”. (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, II, 1968, Medellín. **Documentos finais de Medellín**. Medellín: CELAM, 1968. Disponível em: <[https://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Medellin.pdf](https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Medellin.pdf)>. Acesso em: 17 de mar. de 2022. p. 7; Medellín 2, 1, tradução nossa).

<sup>152</sup> JOÃO PAULO II, 1988, p. 18; SRS 10.

<sup>153</sup> FRANCISCO, 2015, p. 20; LS 22.

<sup>154</sup> FRANCISCO, 2015, p. 46; LS 46.

favelas, na periferia ou sem poder não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.<sup>155</sup>

A busca por maior rentabilidade tem diminuído a oferta de trabalho, desse modo criando novos excluídos.<sup>156</sup> O progresso tecnológico vem diminuindo a oferta de postos de serviço, substituindo trabalhadores por máquinas.<sup>157</sup> A dignidade da pessoa humana e a justiça exigem que haja uma economia que busque superar a grandiosa disparidade social, buscando priorizar o acesso ao emprego digno a todos. O crescimento do nível de pobreza não mina apenas a coesão social, pondo em risco a democracia, mas enfraquece o próprio sistema econômico com a corrosão do capital social.<sup>158</sup>

Tal cultura do descarte culmina com o abandono dos idosos que deixam de ser úteis e rentáveis para a sociedade. São eles os que “já não servem”.<sup>159</sup> Colocados à parte da sociedade, são também abandonados pelos seus, devido à ruptura das famílias.<sup>160</sup> Descartados pela sociedade e pela família, muitos idosos encontram-se em estado de profunda solidão, sofrendo no silêncio de seus lares ou de casas de acolhida.<sup>161</sup>

Em vista disso o papa Francisco definiu o dia 26 de julho, festa de São Joaquim e Santa Ana, como o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, lembrando a solidariedade da Igreja para com eles, amando-os e não os deixando abandonados.<sup>162</sup> Outrossim, considerando as demais realidades de sofrimento, muitas são as situações nas quais a dor ultrapassa os limites corporais, envolvendo o ser humano todo. Todavia, exemplos de circunstâncias-limites são diversos, mas nenhum se iguala à morte, dado que ela é um sofrimento pessoal terrível, visto que um ser físico único, original, visível, desaparecerá da terra. Os idosos são colocados, de forma

---

<sup>155</sup> FRANCISCO, 2013, p.48; EG 53.

<sup>156</sup> FRANCISCO, 2013, p. 168; EG 204.

<sup>157</sup> FRANCISCO, 2015, p. 104; LS 128.

<sup>158</sup> BENTO XVI, 2009, p. 53; CV 32.

<sup>159</sup> FRANCISCO, 2020, p.19; FT 18.

<sup>160</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 46; AL 51.

<sup>161</sup> FRANCISCO, 2020, p. 19; FT 19.

<sup>162</sup> FRANCISCO. *Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos*. Roma, 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/nonni/documents/20210531-messaggio-nonni-anziani.html>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

mais contundente, perante esse sofrimento que aliado ao abandono dificulta ainda mais o processo do envelhecimento e da iminência da morte. “A morte impõe questões de justiça e de sentido”;<sup>163</sup> responde-se a tal sofrimento com o sentido de uma vida após a morte.<sup>164</sup>

Por fim, em uma breve análise de números, sabendo que muitas dessas realidades se entrecruzam, pode-se afirmar, categoricamente, que uma parte considerável da população mundial sofre das formas supramencionadas. Todos esses aspectos colocam o ser humano frente ao desafio de buscar um sentido para as suas vidas em uma sociedade que perdeu o sentido da vida humana.

#### 1.4 DESAFIO HUMANITÁRIO

Viktor Emil Frankl<sup>165</sup> afirma ser o sujeito humano alguém em busca de sentido.<sup>166</sup> Mas, o que é sentido da vida? O sentido da vida pode ser equiparado à finalidade, não no sentido de término, mas de propósito, meta, alvo, objetivo. A tradição filosófica, para esse mesmo termo, versou sobre o “fim último” do ser humano.<sup>167</sup> Contudo, o sentido da vida não se resume ao ponto de chegada; ele se revela no caminho da existência. Existir é um desafio para o ser humano e é na existência que ele se encontra com o sofrimento.

---

<sup>163</sup> DRANE, 2015, p. 35.

<sup>164</sup> DRANE, 2015, p. 34-35.

<sup>165</sup> “Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra austríaco, fundador da chamada logoterapia, escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista, conhecida, também, como a ‘Psicoterapia do Sentido da Vida’ ou, ainda, a Terceira Escola Vienense em Psicoterapia, depois das escolas de Freud e Adler. O significado de *logos* atribui-se a sentido e, terapia, ao termo cura. Assim, [...] logoterapia significa a cura através do sentido. Diferente da psicanálise freudiana e da psicologia adleriana, que reduzem o ser humano às dimensões biológica e psíquica, Frankl apresenta o indivíduo em três dimensões: psique – corpo – noos (espiritual).” (BURGESE, Daniel Fortunato; CERON-LITVOC, Daniela. Contribuições de Viktor Frankl ao sentido da vida e na temporalidade contemporânea. **Psicopatologia fenomenológica contemporânea**: revista da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 36-57, nov. 2015. p. 38.)

<sup>166</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Ideias & Letras, 2005. p. 15.

<sup>167</sup> BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica). São Paulo: Paulus, 2014. vol. 1, p. 7-8.

O sentido para a vida é exclusivo, único. Como o próprio ser humano, ele é individual e por isso é específico. Cada sujeito é responsável por buscar o sentido de sua vida, só ele é capaz de encontrá-lo para si mesmo.<sup>168</sup> Tal busca pode ser muitas vezes confundida com um tormento, e caso o seja de fato, não é de modo algum uma neurose. Na realidade, alguém que se atormenta nessa procura é, antes, um autêntico ser humano que demonstra, deste modo, a sua humanidade. Para Frankl, o ser humano está sempre à procura de significar a sua vida, movendo-se na direção de um sentido. Assim, a *vontade de sentido* é um interesse primário de cada indivíduo e sua própria humanização ao longo do percurso.<sup>169</sup>

Vale ressaltar que, apesar dos avanços da técnica e da ciência, a humanidade, em sua maior parte, perdeu o sentido da vida. Na realidade, a própria técnica tornou-se a vilã do ser humano, condicionando-o e sendo o seu principal recurso de interpretação da existência. O resultado disso é catastrófico e resulta na “perda do sentido da vida e da convivência social”.<sup>170</sup> Além disso, o papa Francisco afirma que “as pessoas parecem já não acreditar num futuro feliz nem confiam cegamente num amanhã melhor a partir das condições atuais do mundo e das capacidades técnicas”.<sup>171</sup> A perda de um sentido presente e da esperança acerca do futuro geram a verdadeira crise antropológica da sociedade contemporânea, que se dá mediante a *perda dos instintos básicos do ser animal* e o *desmoronamento das tradições*, culminando no *vazio existencial*.

#### 1.4.1 Uma sociedade sem sentido

Frankl afirma que a sociedade contemporânea ou, em suas palavras, a sociedade industrial, caminha para satisfazer todas as necessidades humanas, restringindo-se, aqui, às necessidades de consumo. Além disso, essa mesma sociedade cria certas necessidades, apenas, para, posteriormente, satisfazê-las e alimentar o ciclo do mercado, tornando o ser humano apenas um meio para o fim, isto é, para

---

<sup>168</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schlupp; Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008. p. 124.

<sup>169</sup> FRANKL, 2005, p. 28-29.

<sup>170</sup> FRANCISCO, 2015. p. 92; LS 110.

<sup>171</sup> FRANCISCO, 2015, p. 93; LS 113.

o lucro. A pessoa humana se torna, então, objeto do sistema econômico. Entretanto, a necessidade mais humana de todas, a de sentido, sai dessa realidade vazia, não respondida.<sup>172</sup> Pode-se dizer que, nesse contexto, faz-se mais difícil significar a vida.

Nesse tocante, o sociólogo Max Weber associa o vazio existencial, a perda do sentido da vida, à técnica (*Entzauberung*), como fomento do desencantamento do mundo ou *desmagificação*.<sup>173</sup> Para o autor, a ciência é limitada, e o seu conhecimento acerca do mundo não possui um valor *de per si*. Ela é incapaz de dar um sentido para a vida em um mundo que ela mesma desvela e para o qual confirma não possuir um sentido em si. Portanto, pode-se concluir que, para ele, a técnica e a ciência não são capazes de explicitar, para os sujeitos, o valor ou o sentido da vida humana.<sup>174</sup>

Ademais, tal realidade favorece um egoísmo coletivo, dado que a autossuficiência, a autorreferencialidade, isola o sujeito em si mesmo, esvaziando o coração, que em busca de um preenchimento, torna-se um voraz consumidor. A partir disso, o bem comum passa a deixar de existir para que sobressaia o bem individual, estando as normas a serviço das necessidades próprias. Em um contexto como esse as crises sociais serão cada vez mais presentes, destrutivas e violentas.<sup>175</sup>

Para Frankl, o vazio existencial ocorre por uma dupla perda sofrida pelo ser humano, isto é, a perda dos instintos animais basilares e da tradição. Em suas palavras:

Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes, ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo).<sup>176</sup>

Segundo ele, o ser humano contemporâneo é tomado pela ausência de sentido, que ocorre, geralmente, unida ao sentimento de vazio interior.

---

<sup>172</sup> FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e análise existencial**: textos de seis décadas. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2012. p. 275.

<sup>173</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 46.

<sup>174</sup> PIERUCCI, 2013, p. 158.

<sup>175</sup> FRANCISCO, 2015, p. 164-165; LS 204.

<sup>176</sup> FRANKL, 2008, p. 131.

Ambos os elementos unidos configuram o que se denomina por vácuo existencial, ou então, vazio existencial, que se manifesta por meio do tédio e da indiferença: “neste contexto, enquanto o tédio significa uma perda de interesse – interesse pelo mundo –, a indiferença designa uma falta de iniciativa – a falta da iniciativa de transformar algo no mundo, de melhorar algo!”.<sup>177</sup> Essa inércia individualista se dá no desejo pessoal de se manter em suas comodidades e prazeres que, por fim, culminam em um vazio egoísta.<sup>178</sup> Além disso, uma neurose causada, principalmente, pelo vácuo existencial é denominada como noogênica que, em cifras, atinge 40% das amostragens dos alunos vienenses de Frankl e 80% dos estudantes americanos.<sup>179</sup>

A frustração perante a necessidade de sentido é compensada pelo que se pode denominar como a *síndrome dos três P's* (poder, posse e prazer). No linguajar do autor, pela vontade de poder, dinheiro e prazer. No que se refere a este último, observa-se que grande parte das frustrações existenciais desembocam em compensações sexuais, fazendo crescer, cada vez mais, a libido sexual.<sup>180</sup> Outrossim, observa-se em número crescente a frustração nas relações interpessoais, o crescimento do individualismo, da objetificação do outro, a massificação da sociedade, a *hiper* disponibilidade de elementos de satisfação imediata. Além disso, a velocidade dos processos de estímulo-resposta criou uma sociedade extremamente volátil, que não responde aos anseios antropológicos do sujeito e fomenta, ainda mais, o sofrimento humano pessoal e comunitário. O individualismo é, conseqüentemente, a destruição de uma busca do bem comum e da superação dos sofrimentos coletivos. Por isso, insiste-se na necessidade de que se busque um sentido para a vida como forma de superação do vácuo existencial e da transformação do próprio sofrimento.

#### 1.4.2 Em busca de um sentido

Visto o que foi dito até então, pode-se concluir que o ser humano é um ser em busca de sentido da mesma forma que é um ser passível ao

---

<sup>177</sup> FRANKL, 2012, p. 282.

<sup>178</sup> FRANCISCO, 2013, p. 216; EG 275.

<sup>179</sup> FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. Trad. Renato Bittencourt; Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019. p. 26-27.

<sup>180</sup> FRANKL, 2008, p. 132.

sofrimento. Por isso, a Igreja tem por dever, a partir dos sinais dos tempos, interpretando-os à luz do Evangelho, responder “às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida”.<sup>181</sup> O Documento de Aparecida apresenta o nascimento de uma nova cultura centrada no valor da pessoa humana como forma de superação do vazio e de um novo estado de significância para a vida:

Para dar resposta à busca mais profunda do significado da vida, o fracasso das ideologias dominantes permitiu que a simplicidade e o reconhecimento do fraco e do pequeno na existência surgissem como valor, com grande capacidade e potencial que não podem ser menosprezados. Essa ênfase na valorização da pessoa abre novos horizontes, onde a tradição cristã adquire renovado valor, sobretudo quando a pessoa se reconhece no Verbo encarnado que nasce em um estábulo e assume uma condição humilde, de pobre.<sup>182</sup>

De fato, o Verbo encarnado assume a humana condição em todas as suas fragilidades, exceto no pecado.<sup>183</sup> A ênfase na simplicidade dos seres humanos e na sua solidariedade é crucial para se compreender a realidade do sofrimento e a sua superação. Ademais, para Frankl, a pessoa é, antes, indagada pela vida em vez de ser aquela que indaga acerca do sentido. Por ser questionado pela vida, cabe ao sujeito responder à vida com a própria vivência; tal resposta só é possível sendo um ser responsável. Ratifica-se, então, que a essência da existência humana é a responsabilidade.<sup>184</sup>

Na liberdade o ser humano faz as escolhas no presente, para as quais dar-se-á significado e valor. Contudo, a “liberdade ameaça degenerar em arbitrariedade se não for contrabalanceada pela responsabilidade”.<sup>185</sup> Por conseguinte, a responsabilidade é, para o ser

---

<sup>181</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 542; GS 4.

<sup>182</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2007. p. 35; DAp 52.

<sup>183</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 564; GS 22.

<sup>184</sup> FRANKL, 2008, p. 134.

<sup>185</sup> FRANKL, 2005, p. 95.

humano, tão elevada quanto o dom da liberdade, porque não é apenas uma realidade superficial e exterior ao ser humano, mas faz parte do cerne da existência e é algo que lhe é intrínseco. Pode-se dizer que Paulo compreende justamente isso quando afirma: “‘Tudo me é permitido’, mas nem tudo convém. ‘Tudo me é permitido’, mas não me deixarei escravizar por coisa alguma”.<sup>186</sup> O passado e o presente são realidades, são ser, o futuro se apresenta como possibilidade, é um *vir a ser*.

Considerando o supradito, adentra-se na *autotranscendência*, termo cunhado por Frankl, que auxilia na compreensão de uma antropologia que não é fechada no sujeito, mas aberta ao outro e ao mundo. Essa afirma que o sentido da vida é descoberto no mundo, fora do sujeito e de sua psique, o que se configura como uma característica constitutiva da existência humana.<sup>187</sup> Segundo o autor, o ser humano “sempre se lança para além de si, na medida em que sempre remete para algo que não é, por sua vez, ele mesmo, para algo diverso dele – ou para uma outra pessoa”.<sup>188</sup> Tal *autotranscendência* é duplamente aplicável: primeiro, quando o ser humano busca um significado, sendo um *logos* impessoal; segundo, quando ocorre um encontro de amor, um *logos* pessoal e encarnado.<sup>189</sup> Somente nela o ser humano é si próprio e não tem a sua existência desfigurada.<sup>190</sup> Por fim, a *autotranscendência* aponta para as formas de descoberta do sentido para a vida.

Frankl diz que:

Por isso compreendo o fato antropológico primordial que o ser humano deva sempre estar endereçado, deva sempre apontar para qualquer coisa ou qualquer um diverso dele próprio, ou seja, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a encontrar, para uma causa à qual se consagrar ou para uma pessoa a quem amar. Somente na medida em que consegue viver essa autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio.<sup>191</sup>

---

<sup>186</sup> 1Cor 6,12.

<sup>187</sup> FRANKL, 2008, p. 135.

<sup>188</sup> FRANKL, 2012, p. 280.

<sup>189</sup> FRANKL, 2005, p. 71.

<sup>190</sup> FRANKL, 2005, p. 56-57.

<sup>191</sup> FRANKL, 2005, p. 36.

Seria, pois, inimaginável confluir todos esses fatores de sentido para uma única realidade? Unir um sentido a se realizar, ou um ser humano a quem encontrar, ou uma causa a qual se consagrar e ou, ainda, uma pessoa a quem amar? Nesta perspectiva ultrapassa-se o pensamento de Frankl, transformando a transcendência proposta por ele como não religiosa em uma transcendência religiosa. Assim, pergunta-se: seria proveitoso para o sentido da vida trocar a conjunção coordenativa alternativa *ou* pela conjunção coordenativa aditiva *e*? Isso é possível? E responde-se: para os cristãos, sim. Jesus Cristo é um outro ao mesmo tempo que é “[...] o Caminho, a Verdade e a Vida”.<sup>192</sup> Ele é o sentido a ser realizado, alguém a ser encontrado, uma causa a qual se consagrar e uma pessoa a quem amar. Cristo é o sujeito que responde aos anseios do ser humano, à falta de significado da vida e à superação do sofrimento. Visto isso, o próximo capítulo explorará a experiência do sofrimento de Jesus Cristo como modelo para o cristão.

---

<sup>192</sup> Jo 14,6.



## 2 JESUS CRISTO E A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO

Este segundo capítulo explorará a experiência de Jesus Cristo do sofrimento. Para tal, dividiu-se a construção teórica em quatro pontos principais, subdivididos em diversos subitens baseados na cristologia. O segundo capítulo faz às vezes do segundo ponto do método *ver, julgar e agir*. Por isso, abre espaço para a transformação da realidade do sofrimento em atos de amor à luz da experiência de Jesus Cristo.

Considera-se, aqui, a indagação de Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?”<sup>193</sup> Essa questão é fundamental para a cristologia<sup>194</sup> e, para respondê-la, diversas são as possibilidades apresentadas pelos evangelhos. Todavia, ninguém responde melhor do que o próprio Mestre que diz: “ἐγὼ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωὴ”,<sup>195</sup> isso é, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Logo após perguntar aos discípulos, o Senhor apresenta o modelo do discipulado: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me”.<sup>196</sup>

Assim, parte-se da ideia de que, para todos os mistérios humanos, a resposta e a compreensão residem em Jesus Cristo, homem e Deus. Tal certeza é afirmada pelo Concílio Vaticano II quando diz que:

Na realidade, só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham nele a sua fonte e nele atinjam a plenitude.<sup>197</sup>

A partir disso, crê-se ser possível lançar luzes sobre o sofrimento do ser humano voltando o olhar a Jesus. Deste modo, a dinâmica

<sup>193</sup> Lc 9,20; Mt 16,15; cf. Mc 8,29.

<sup>194</sup> MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock et al. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 188.

<sup>195</sup> “Ego sum via et veritas et vita”. (NOVUM TESTAMENTUM: graece et latine. 7. ed. Romae: Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, 1951; Jo 14,6a). “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6a).

<sup>196</sup> Lc 9,23; Mt 16,24; Mc 8,34.

<sup>197</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 563; GS 22.

antropológica do sofrimento encontra em Cristo Senhor as respostas para as suas indagações, visto que ele é o *Servo Sofredor*. Ademais, além dos relatos bíblicos, a tradição da Igreja se sintetiza na profissão de fé niceno-constantinopolitana e, no que tange à pessoa do Verbo encarnado, o Concílio de Calcedônia assim define:

Seguindo, pois, os santos Padres, com unanimidade ensinamos que se confesse que um só e o mesmo Filho, o Senhor nosso Jesus Cristo, perfeito na sua divindade e perfeito na sua humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem *composto* de alma racional e de corpo, consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante em tudo a nós, menos no pecado (*cf. Hb 4,15*), gerado do Pai antes dos séculos segundo a divindade e, nestes últimos dias, em prol de nós e de nossa salvação, *gerado* de Maria, a virgem, a Deípara, segundo a humanidade; um só e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação, não sendo de modo algum anulada a diferença das naturezas por causa da sua união, mas, pelo contrário, salvaguardada a propriedade de cada uma das naturezas e concorrendo numa só pessoa e numa só hipóstase; não dividido ou separado em duas pessoas, mas um único e o mesmo Filho, unigênito, Deus Verbo, o Senhor Jesus Cristo, como anteriormente nos ensinaram a respeito dele os Profetas, e também o mesmo Jesus Cristo, e como nos transmitiu o Símbolo dos Padres.<sup>198</sup>

A partir dessa definição e do que foi dito acerca da GS 22, propõe-se um caminho de uma antropologia cristocêntrica, isto é, Cristo como o modelo para os cristãos, visto que é totalmente Deus e totalmente ser humano.<sup>199</sup> O Concílio, ao fazer esta afirmação de que Cristo é um homem histórico, compreende que, pela encarnação, o ser humano é

<sup>198</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015. p. 113; DH 302-303, grifo do autor.

<sup>199</sup> EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. Calcedônia e Constantinopla II e III: os dogmas cristológicos na *Gaudium et Spes* 22 e a *Imago Dei*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 341-356, mai./ago. 2016. p. 342-343.

devolvido a si mesmo “como caminho de divinização da natureza humana assumida e redimida”.<sup>200</sup> Com isso, parte-se do mistério da encarnação, da *kénosis* do Verbo e da sua união hipostática para se adentrar no tema da sua solidariedade no sofrimento. Faz-se o caminho da cristologia clássica, observando primeiramente a realidade descendente.<sup>201</sup>

## 2.1 JESUS CRISTO: HOMEM E DEUS

Jesus Cristo é totalmente Deus e totalmente homem. O Evangelho de São João se inicia da seguinte maneira:

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.<sup>202</sup>

Observa-se, no excerto anterior, que o Verbo preexiste à realidade encarnada, ele é geração eterna do Pai, são eles da mesma substância (*homoousios*); como afirma o símbolo da fé, o credo niceno-constantinopolitano, “gerado, não feito, consubstancial ao Pai”.<sup>203</sup> Essa realidade transcendental entra, de modo único e não reproduzível, na história – naquilo que é imanente – com o ato encarnatório. O que antes era apenas divino faz-se eternamente humano e leva para o seio da Trindade a realidade humana, sem deixar de ser Deus. A isso se deu o nome de união hipostática. Jesus é ao mesmo tempo totalmente Deus e totalmente humano, sendo que ambas as naturezas coexistem sem se contradizerem. Não há contradição interna, não há divisão no Redentor. Deste modo, são duas as suas gerações, a divina que é eterna e a humana que se dá em Maria por obra do Espírito Santo.<sup>204</sup> Após essa introdução, observa-se, especificamente, a realidade da *kénosis* e da união hipostática.

---

<sup>200</sup> EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. **Jesus Cristo e a pessoa humana: a dignidade humana a partir da *Gaudium et Spes*** 22. Curitiba: Appris, 2018a. p. 34.

<sup>201</sup> SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1. p. 409.

<sup>202</sup> g.1.14.

<sup>203</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015. p. 66; DH 150.

<sup>204</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 100-109.

### 2.1.1 A Encarnação: preexistência, *kénosis* e união hipostática

Antes de abordar diretamente os dois últimos conceitos, é necessário explicitar melhor a doutrina da preexistência do Verbo, como visto no excerto de São João. Insistir nisso é afirmar, de forma segura, a divindade de Jesus, visto que somente Deus é preexistente, não criado, atemporal.<sup>205</sup> No Antigo Testamento pré-exílico a figura da preexistência criadora se dá na ordem de uma sabedoria própria do ser de Deus. A partir do pós-exílio, tal sabedoria, em confronto com o helenismo, passa a ser considerada uma realidade relativamente autônoma,<sup>206</sup> com um caráter praticamente entitativo.

Nos livros poéticos e sapienciais os exemplos que corroboram com a perspectiva da Sabedoria<sup>207</sup> de Deus personificada são os mais importantes, alegando sua existência antes da obra criada (Pr 8,22-31), advinda da boca de Deus (Eclo 24,3), brilho de nobre origem, intimidade de Deus, seu amor total, entronizada com Deus (Sb 8,3;9,4.10), entre outras tantas referências que aparecem nesses livros. Ademais, é possível já vislumbrar uma ligação entre a Sabedoria bíblica e o *Logos* filosófico.<sup>208</sup>

Entretanto, é no Novo Testamento que a Sabedoria preexistente ganha historicidade. Mas, deve-se saber que esse modelo não considera a realidade messiânica, dado que sua preocupação é afirmar a proveniência de Jesus.<sup>209</sup> O mesmo afirma Gerhard Müller, ao dizer que não há muitos traços messiânicos na sabedoria, mas a ideia de automediação de Deus, bem como a personificação da Sabedoria e de que “toda mediação terrena tem sua origem na ‘mediação preexistente’ da sabedoria e na sua referência à criação cósmica”.<sup>210</sup>

Salientar a preexistência é o modo de mostrar que o Verbo que se encarnou estava com Deus. O quarto Evangelho põe essa afirmação na boca de Jesus: “Disse-lhes Jesus: ‘Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, porque saí de Deus e dele venho; não venho por mim mesmo,

<sup>205</sup> “Teu trono está firme desde a origem, e desde sempre tu existes”. (Sl 93,2).

<sup>206</sup> KESSLER, Hans. *Cristologia*. Trad. Luís Marcos Sander. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. Trad. Ilson Kayser; Luís Marcos Sander; Walter Schlupp. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1. p. 280-281.

<sup>207</sup> A Sabedoria escrita em maiúsculo quer salientar seu caráter entitativo, personificado.

<sup>208</sup> KESSLER, 2012, v. 1. p. 281.

<sup>209</sup> KESSLER, 2012, v. 1. p. 282-283.

<sup>210</sup> MÜLLER, 2015, p. 183.

mas foi ele que me enviou’.”<sup>211</sup> Esse texto se encontra dentro de uma temática maior (Jo 8,31-47) que é a da própria revelação. O caráter histórico da encarnação deve ser lido no plano da manifestação revelatória.<sup>212</sup> O Verbo encarnado é aquele que vem revelar os desígnios do Pai, que o enviou para uma missão específica.

Para exemplificar a preexistência do Verbo em vista da existência de Jesus, Moingt apresenta o termo *pró-existência*, “no sentido de que Cristo existe antes de nós na história”.<sup>213</sup> Para tal compreensão, faz-se necessário observar o que diz São Paulo aos Colossenses:

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. É a Cabeça da Igreja que é o seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz.<sup>214</sup>

Esse hino cristológico possui, como pano de fundo, a temática já abordada nos sapienciais, mas São Paulo não identifica Cristo com a Sabedoria ou a Lei. Para o Apóstolo a importância desse texto reside, pode-se dizer, em anunciar o valor da liberdade que habita no senhorio cósmico de Cristo contra o culto escravizador prestado às potências de sua época.<sup>215</sup> Tal hino pode ser dividido em duas partes: a primeira diz respeito à ordem da criação; a segunda, à ordem da salvação.<sup>216</sup> “A

---

<sup>211</sup> Jo 8,42.

<sup>212</sup> PASQUETTO, Virgilio. **Incarnazione e comunione com Dio**. Roma: Teresianum, 1982. p. 36-37.

<sup>213</sup> MOINGT, Joseph. **Deus que vem ao homem**: da aparição ao nascimento de Deus. Trad. Paulo Mendes. São Paulo: Loyola, 2010. vol. 2. p. 41.

<sup>214</sup> Cl 1,15-20.

<sup>215</sup> MOINGT, 2010, p. 71-73.

<sup>216</sup> CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012. p. 309.

primazia na criação era preparação à primazia na ordem da salvação”,<sup>217</sup> com isso se pode compreender melhor o pensamento apresentado por Moingt.

A ideia da *pró-existência* se dá em ver Cristo como o mediador da criação que dá origem a sua consumação em Deus, o  $A$  e o  $\Omega$ , o ponto ômega de Chardin. A plenitude dos tempos revela a filiação de Israel, ou da Igreja, como sacramento que se orienta à universalidade da participação no relacionamento do Filho com o Pai. Nessa filiação, Deus se revela como o Pai de todos os seres humanos.<sup>218</sup> Portanto, a terminologia *pró-existência*, no sentido de precedência, visa o encontro de Jesus com a humanidade, um laço entre Deus e as criaturas. Cristo existe, para Moingt, como *pro pantôn* que se compreende como “diante de todas as coisas”, levando o projeto divino a seu cumprimento e, reunindo tudo nele, conduzindo tudo ao Pai.<sup>219</sup> A partir dessas duas concepções de preexistência e de *pró-existência*, chega-se à conceituação da *kénosis*.

#### 2.1.1.1 A *kénosis* do Senhor: rebaixamento à humanidade

O princípio da reflexão acerca desse conceito remete à Epístola aos Filipenses:

Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem [...].<sup>220</sup>

Vê-se que o termo despojou (*ἐχένωσεν*) é o mesmo que *kénosis*, isso é, Cristo se esvaziou e se rebaixou assumindo a condição humana, ou então, o Senhor se humanizou. No pensamento do Apóstolo, o ato encarnatório é uma humilhação voluntária do Verbo que se apresenta no estado de servo (*δούλου*) diante do Pai. O verbo *ἐχένωσεν* significa o

<sup>217</sup> CERFAUX, 2012, p. 310.

<sup>218</sup> MÜLLER, 2015, p. 187-188.

<sup>219</sup> MOINGT, 2010, p. 82.

<sup>220</sup> Fl 2,6-7. No texto grego lê-se assim: “ὅς ἐν μορφῇ Θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἀρπαγμὸν ἠγάγατο τὸ εἶναι ἴσθ Θεῶ, ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐχένωσεν μορφὴν δούλου λαβὼν, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπου [...]”. (NOVUM TESTAMENTUM, 1951; Fl 2,6-7).

esvaziamento, o empobrecimento (mãos vazias) de Cristo no sentido de sua divindade.<sup>221</sup> Sob essa perspectiva deve ser compreendido o termo *kénosis*.<sup>222</sup>

O magistério, por sua vez, considera isso não no sentido simples de descenso do Verbo, mas, especialmente, de assunção do próprio ser humano por meio do segundo nascimento da segunda pessoa da Santíssima Trindade. O II Concílio de Constantinopla em seu cânone segundo afirma que:

Se alguém não confessa que dois são os nascimentos do Verbo de Deus, um pelo Pai, antes dos séculos, fora do tempo e incorporeal, o outro, nestes nossos tempos, quando ele desceu dos céus e se encarnou da santa e gloriosa deípara e sempre virgem Maria e dela nasceu: seja anátema.<sup>223</sup>

Com isso em mente, os padres conciliares do Vaticano II afirmam na *Gaudium et Spes* 22 que a encarnação do Verbo faz com que o Filho assuma a natureza humana, não a destruindo, mas a elevando à sua sublime dignidade,<sup>224</sup> isso é, como *Imago Dei*. Além disso, o mistério da encarnação não é apenas uma ação da segunda pessoa da Trindade, mas sim um ato Trinitário. Como se pode ver na Primeira Carta de João:

Nisto se manifestou o amor de Deus por nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo para que vivamos por ele. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados.<sup>225</sup>

---

<sup>221</sup> CERFAUX, 2012, p. 134.

<sup>222</sup> “A confusão que fizeram os teólogos acerca da *kénosis* provém de não terem bem compreendido o ponto de vista de Paulo. Ele não se interessa de forma alguma pela metafísica da encarnação, como uma pessoa divina pode assumir uma natureza humana, e em que relações se encontram as duas naturezas. O problema está em que Cristo encarnado não é ‘Senhor’, mas ‘Servo’, quando normalmente teria devido transportar para sua existência humana suas prerrogativas divinas.” (CERFAUX, 2012, p. 134, grifo do autor.)

<sup>223</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015. p. 154; DH 422.

<sup>224</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 563; GS 22.

<sup>225</sup> 1Jo 4,9-10.

O Pai é quem envia o Filho. Contudo, a encarnação se dá, também, como obra do Espírito Santo que “precede” a ação do Verbo. A ação criadora do Paráclito alcança, no ato encarnatório, seu ponto mais alto, dado que é a sua descida sobre Maria que faz possível a encarnação do Filho.<sup>226</sup> “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus”.<sup>227</sup> Por fim, resta a pergunta: “para que o Verbo se fez carne?” O Catecismo apresenta quatro respostas:

[...] o Verbo se fez carne para salvar-nos, reconciliar-nos com Deus [...] para que, assim, conhecêssemos o amor de Deus [...] para ser nosso modelo de santidade [...] para tornar-nos “participantes da natureza divina” (2Pd 1,4).<sup>228</sup>

Além disso, a encarnação é o primeiro momento, em Jesus Cristo, da salvação, ela é a única que resolve o problema do drama histórico da humanidade.<sup>229</sup> Resolve, justamente, pois se faz em tudo igual ao ser humano, menos no pecado.<sup>230</sup> Assim, novamente, reafirma-se a corporeidade de Cristo, a historicidade de sua existência. Visto isso, não há dúvidas de que o Filho é dotado de um corpo carnal, totalmente humano. Nas tentações sofridas por ele no deserto, o diabo o tenta na sua carnalidade, tenta-o em sua fome de pão.<sup>231</sup> Apenas uma realidade corpórea pode sentir fome, bem como morrer, que é algo restrito aos seres vivos e materiais. Deste modo, a morte na cruz se configura como outra prova.<sup>232</sup> Outrossim, após a ressurreição, Jesus reafirma sua carnalidade: “apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho”.<sup>233</sup> Por isso, “negar a realidade do corpo de Cristo é negar a realidade da redenção [...] afirmar que o corpo de Jesus é fictício equivale a dizer que toda a salvação é igualmente

---

<sup>226</sup> LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro**: o mistério da Trindade. Trad. Paulo Gaspar de Meneses. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 69-70.

<sup>227</sup> Lc 1,35.

<sup>228</sup> CATECISMO, 2000, p. 129; CIgC 458-460.

<sup>229</sup> COSTA, Françaó. **Jesus Cristo, o único salvador**: Cristologia-Soteriologia. São Paulo: Cultor de Livros, 2019. p. 277.

<sup>230</sup> Hb 4,15.

<sup>231</sup> Mt 4,1-4.

<sup>232</sup> COSTA, 2019, p. 267.

<sup>233</sup> Lc 24,39.

fantasmagórica”.<sup>234</sup> Nesses exemplos se mostra a unidade misteriosa em Jesus. Encarnação, paixão, morte e ressurreição são uma só realidade salvadora, são fatos de um único ato salvador.

Ressalta-se, ainda, que a inserção do divino na história faz jus aos evangelhos de São Mateus e de São Lucas. Ambos narram, mesmo que de forma diversa, a inserção do Verbo no contexto histórico, no seio do judaísmo abraâmico e davídico. Os relatos dos sinóticos têm um valor de fé muito maior que um valor histórico. Contudo, o desejo dos evangelistas é catequético, é querigmático. O objetivo não é biográfico, pois visa fundar uma doutrina inserida na história, professar que o Verbo, verdadeiramente, encarnou-se e viveu no tempo. Caminhou pela Terra, esteve em meio ao povo, tocou doentes, curou feridas, amou, chorou. “Quem é esse Jesus, que andou pelas aldeias semeando mil ideias e do céu mostrou-se porta-voz?”.<sup>235</sup> Este é o desejo dos primeiros capítulos de São Mateus e de São Lucas: dizer, inserir, afirmar que o Deus eterno, inatingível, transcendente se fez história, entrou no tempo, tornou-se acessível, visível, imanente.

Para a salvação, é necessário ainda crer firmemente na Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo. A pureza da nossa fé consiste, pois, em crer ainda e confessar que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus, gerado na substância do Pai desde toda a eternidade; é homem porque nasceu, no tempo, da substância da sua Mãe.<sup>236</sup>

Outrossim, vale ressaltar que a encarnação do Verbo possibilita a realidade mediadora de Cristo. Quando a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* afirma que “Cristo é a luz dos povos”,<sup>237</sup> é baseada nesta verdade central da mediação de Cristo entre Deus e os seres humanos que ela o

---

<sup>234</sup> COSTA, 2019, p. 269-270.

<sup>235</sup> PADRE ZEZINHO. **Quem É Esse Jesus?** Letras: Belo Horizonte. Repositório eletrônico de letras de música. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/padre-zezinho/quem-e-esse-jesus/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

<sup>236</sup> ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. Símbolo *Quicumque*. In: COSTA, Françaó. **Jesus Cristo, o único salvador**: Cristologia-Soteriologia. São Paulo: Cultor de Livros, 2019. p. 296.

<sup>237</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 101; LG 1.

faz. E ele, o Senhor, faz tal mediação como cabeça de sua Igreja.<sup>238</sup> Apenas na consideração de que Jesus Cristo é plenamente Deus e é plenamente humano que se pode compreender a realidade mediadora de sua pessoa e de sua existência. No íntimo do seu ser ambas as realidades, divina e humana, dialogam, comunicam-se. Deste modo, “Cristo é perfeito homem, mas não um homem comum. [...] trata-se do Verbo que se fez homem para a nossa salvação”.<sup>239</sup>

Visto isso, a salvação do ser humano ocorre neste intercâmbio salvífico, “toda a comunicação de Deus com o homem passa por essa comunhão do homem e de Deus vivida em sua própria pessoa”.<sup>240</sup> Dito isso, reafirma-se que a salvação, a expiação dos pecados que se dá no alto da cruz, só é possível devido a essa comunicabilidade interna, *ad intra*, na pessoa de Jesus e que se dá pelo fato de o Verbo ter-se feito carne. Conclui-se, então, que sem encarnação não há salvação. Claro que Deus poderia encontrar outra forma de salvar a humanidade, mas quis ele que fosse por meio da encarnação do Verbo.

Além disso, “só é possível superar a infinita distância entre Deus e o ser humano quando o próprio Deus assume, em sua Palavra eterna e em seu Filho, a existência humana e se faz carne”.<sup>241</sup> Essa proximidade entre o Criador e suas criaturas realizada no evento Jesus de Nazaré efetiva no ser humano o projeto de humanidade de Deus. A elevação humana à ordem sobrenatural dá-se na gratuidade, especialmente na encarnação do Filho e no dom do Espírito, que “constituem um novo ato de liberdade divina”.<sup>242</sup> O ato encarnatório possui um verdadeiro princípio recriador. A concepção virginal de Jesus em Maria deve ser vista como uma nova criação. Através da solidariedade de Cristo, que ocorre quando ele assume a realidade humana e a salva, tem-se um novo princípio para a humanidade resgatada da escravidão do pecado.<sup>243</sup> Por isso, “nesse sentido preciso, a encarnação condiciona o valor salvífico da cruz”.<sup>244</sup> Pois o agir salvífico de Jesus Cristo só possui valor absoluto como ação do Verbo encarnado.<sup>245</sup> Todavia, tal união entre divino e humano causam uma certa dificuldade: como se dá essa união? E, além

---

<sup>238</sup> MÜLLER, 2015, p. 191.

<sup>239</sup> COSTA, 2019, p. 304.

<sup>240</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 295.

<sup>241</sup> MÜLLER, 2015, p. 229.

<sup>242</sup> LADARIA, 2016, p. 82.

<sup>243</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 299.

<sup>244</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 298.

<sup>245</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 298.

disso, o que ela significa para a humanidade em termos de salvação? Ou de libertação dos sofrimentos? É justamente isso que se quer exemplificar a partir do conceito teológico de união hipostática.

### 2.1.1.2 A união hipostática: solidariedade no sofrimento

Ressalta-se, com a união hipostática, que este Jesus, a quem as gerações reverenciaram e proclamaram como Cristo e Senhor,<sup>246</sup> é perfeito homem, “composto [...] de verdadeiro corpo e verdadeira alma, dois co-princípios que unidos são o próprio Filho de Deus encarnado”.<sup>247</sup> Assim, como verdadeiramente homem, Deus se faz história por meio do Filho. Este Senhor “que dirige a história para conduzi-la à salvação, ao mesmo tempo sofre a história, ao ter feito a opção de se humanizar”.<sup>248</sup>

Referindo-se a isso, vale ressaltar a diferença que há entre pessoa (*hypostasis*) e natureza (*ousía/physis*). Distinguir ambos os termos auxilia na compreensão do dogma cristológico calcedoniano que afirma que em Jesus Cristo se reconhecem duas naturezas que concorrem em uma só pessoa.<sup>249</sup> Contudo, apenas no II Concílio de Constantinopla (553) alcançou-se a teologia que até hoje se professa, isto é, o uso do termo técnico união hipostática, enfatizando a unidade da pessoa e não a diferença de naturezas. Em resposta aos pensamentos difisista e monofisista diz-se que:

Se alguém, confessando que a união foi feita das duas naturezas, da divindade e da humanidade, ou, falando de uma só natureza encarnada do Deus Verbo, não entende estas expressões segundo o sentido do ensinamento dos Santos Padres, isto é, que da natureza divina e da natureza humana, pela união segundo a hipóstase, se fez um só Cristo, mas antes com esta expressão tenta introduzir uma só natureza ou substância da divindade e carne de Cristo, seja anátema. Ao dizer, de fato, que o Verbo unigênito se uniu à carne segundo a hipóstase, não afirmamos que se tenha operado uma recíproca confusão de naturezas, mas antes entendemos que o Verbo se uniu à carne, mesmo se uma e outra

---

<sup>246</sup> Fl 2,11.

<sup>247</sup> COSTA, 2019, p. 266.

<sup>248</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 145.

<sup>249</sup> MÜLLER, 2015, p. 252.

“natureza” permanecem o que são. [...] Por isso, a Igreja de Deus rejeita e anatematiza aqueles que dividem ou cortam em partes o mistério da divina economia de Cristo, bem como aqueles que o confundem.<sup>250</sup>

Todavia, tais definições não se mostraram totalmente suficientes perante o monofisismo que parte para o enfrentamento quanto à vontade e às ações de Jesus. A dúvida é a seguinte: em Jesus, vontade e ação seriam duplas ou não? Segundo os monofisistas, em Jesus haveria apenas um único princípio de vontade e de ação, a divindade. Nesse caso, a humanidade nele seria restrita, absorvida pela divindade. Tempos depois, o papa Alexandre III se apresentaria contrário ao niilismo cristológico afirmando que: “Sendo Cristo perfeito Deus e perfeito homem, é estranho o atrevimento com que alguém ouse dizer que Cristo enquanto homem não é nada”.<sup>251</sup>

Entretanto, é São Máximo Confessor que lança as principais respostas nesse tocante. Em controvérsia com Pirro ele afirma: “O mesmo (Jesus) estava dotado, de acordo com suas duas naturezas, de vontade e de capacidade de ação para a nossa salvação”.<sup>252</sup> O que vale ressaltar é que, mesmo havendo em Jesus duas vontades e dois princípios ativos, ambos corroboravam um para com o outro, dado que a vontade puramente e plenamente humana não diverge da vontade de Deus, mas sim, faz a vontade do seu Criador. No caso de Jesus, a vontade humana concorda com a vontade do Pai. “[...] pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”.<sup>253</sup> A moral católica segue nesse mesmo caminho: ser humano é ser conforme a vontade de Deus; quanto mais a criatura humana faz a vontade do Criador, mais ela se humaniza. Por isso, em Jesus não há divisão, pois ele é essencialmente homem e essencialmente Deus.

Outrossim, a humanidade em Cristo é plena, corpo e alma. Ele é perfeitamente humano e, assim, possui uma alma humana. Exemplos

---

<sup>250</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015. p. 156-157; DH 429-430, grifo do autor.

<sup>251</sup> DENZINGER; HÜNERMANN, 2015. p. 261; DH 750. Ver também: MÜLLER, 2015, p. 259.

<sup>252</sup> MÁXIMO CONFESSOR. *Patrologia Graeca*. In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock et al. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 255, grifo nosso.

<sup>253</sup> Jo 6,38.

bíblicos disso são seus sentimentos humanos: “indignação (Jo 2,15-17), tristeza (Mt 26,38), alegria (Jo 11,15)”. Também no exercício da virtude: “a obediência ao Pai (Jo 5,30) e a humildade (Mt 11,29). Jesus fala claramente que a sua alma está triste até a morte (Mt 26,38) e entrega o seu espírito nas mãos do Pai (Lc 23,46)”.<sup>254</sup> Já nos Padres da Igreja encontra-se essa certeza. Tertuliano afirma que “Ele tomou as duas substâncias do homem, a carne e a alma”.<sup>255</sup> Visto isso, em Cristo “encontramos sua alma e sua carne designadas por palavras diretas e nítidas, isto é, sua alma como alma, sua carne como carne”.<sup>256</sup>

Deste modo, é claríssimo que Jesus de Nazaré, o Cristo e o Senhor, sofreu da mesma forma que os demais seres humanos; todavia, sofre injustamente. Também, como visto, tendo assumido plenamente a natureza humana, é solidário com ela, de forma misteriosa, inclusive solidário no sofrimento de todos os seres humanos, e a Igreja, como seu Corpo, é da mesma forma solidária com os sofredores. A partir de uma sólida concepção de Jesus como homem e Deus, ver-se-ão os exemplos do sofrimento na vida e missão de Jesus Cristo.

## 2.2 MISSIONÁRIO DO PAI: EXPERIMENTADO NO SOFRIMENTO

Jesus Cristo foi enviado pelo Pai para a salvação da humanidade. O próprio Senhor, no evangelho de São Lucas, afirma: “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado”.<sup>257</sup> Ademais, tais palavras encontram seu significado pleno no que Cristo afirma sobre si próprio com as palavras de Isaías:

*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista,*

---

<sup>254</sup> COSTA, 2019, p. 275.

<sup>255</sup> TERTULIANO. *Contre Práxeas*. In: SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1. p. 177.

<sup>256</sup> TERTULIANO. *La chair du Christ*. In: SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1. p. 177.

<sup>257</sup> Lc 4,43.

*para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.*<sup>258</sup>

No texto original do profeta (Is 61,1-2), além desses arrojos missionários, acresce-se a cura dos que têm um coração ferido, lembrando todos os sofredores, de males físicos e os dos males morais.<sup>259</sup> Pode-se dizer ainda que a ação de evangelização de Jesus, como missionário do Pai, é assumida em:

[...] todos os aspectos do seu mistério – a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha e envio dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus – [...].<sup>260</sup>

A doutrina da encarnação se mostra vital no processo de compreensão do sofrimento humano por meio do sofrimento de Cristo, dado que pelo ato encarnatório Deus se mostrou de tal forma humilde que corrigiu o orgulho do pecado original. Os sofrimentos de Jesus são o remédio de regresso, pois ele “sendo Deus, vem em socorro dos homens com sua divindade; e sendo homem, a eles se adapta por sua fraqueza”.<sup>261</sup> O sacrifício de Cristo em seus padecimentos, aceito e oferecido ao Pai, é sinal de sua missionariedade, visto que todos os cristãos, chamados à associação irrestrita com o Corpo são, aos moldes do Senhor, missionários na oferta de seus próprios padecimentos.<sup>262</sup> Compreender Jesus Cristo como o missionário do Pai, mas como sujeito do sofrimento, permite observar o sofrer do Senhor como exemplo para a existência humana, para aqueles que peregrinam em meio ao sofrimento. A partir disso, observa-se o concreto da experiência de Cristo.

---

<sup>258</sup> Lc 4,18-19, grifo do autor.

<sup>259</sup> Is 61,1; Lc 4,18, nota de rodapé “b”.

<sup>260</sup> PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 12; EN 6.

<sup>261</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Agostino Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 243; *De Trin.* XIII, 17,22.

<sup>262</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Vaticano, 1990. Não paginado; RM 78. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>.

Acesso em: 29 mar. 2022.

### 2.2.1 Renegado pelo povo

O Verbo veio ao mundo em vista de proclamar a Boa Nova do Reino.<sup>263</sup> Deus quis falar aos seres humanos, nestes últimos tempos, por meio de seu Filho.<sup>264</sup> Deste modo, a encarnação é o vértice da história da humanidade, pois Deus quis se fazer homem e, assim, fez-se sujeito à humanidade, concedendo-a aquela vida desejada desde a criação.<sup>265</sup> Todavia, o percurso histórico de Jesus foi forjado em meio à renegação daqueles para os quais ele veio, como visto em São João: “Veio para o que era seu e os seus não o receberam”.<sup>266</sup>

Os Salmos apresentam a realidade da pedra rejeitada que se torna a pedra angular.<sup>267</sup> Santo Agostinho ao comentar essa passagem afirma:

“Foi o Senhor quem assim o fez”, isto é, o Senhor o fez a pedra angular. Não teria sido feito se ele não tivesse sofrido, mas não foi realizado por aqueles que o fizeram sofrer. Pois, aqueles que edificavam a rejeitaram; mas como o Senhor ocultamente construía, transformou em pedra angular aquele que eles rejeitaram. “E é maravilhoso a nossos olhos”, aos olhos do homem interior, aos olhos dos que creem, esperam, amam; não aos olhos carnaís dos que o rejeitaram, desprezando-o como se fosse apenas um homem.<sup>268</sup>

Jesus Cristo é, pois, essa pedra angular.<sup>269</sup> O Apóstolo ao falar do fundamento da fé, afirma ser Jesus essa pedra, em vista de que a obra construída sobre esse fundamento permaneça e para que todos se tornem templos de Deus.<sup>270</sup> Entretanto, os judeus rejeitam esse Verbo a eles

---

<sup>263</sup> Mt 9,35.

<sup>264</sup> Hb 1,1s.

<sup>265</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 4-5; RH 1.

<sup>266</sup> Jo 1,11.

<sup>267</sup> Sl 118,22.

<sup>268</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. **Comentário aos Salmos**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 1998. vol. 3, p. 199, grifo do autor; *Enar. in Psal.* 117,18,23.

<sup>269</sup> At 4,11.

<sup>270</sup> 1 Cor 3,11. Ef 2,20s.

enviado, em vista de curá-los,<sup>271</sup> de restaurar neles aquela imagem e semelhança perdida pelo pecado, recuperar a *Imago Dei*.<sup>272</sup> São Paulo, na Epístola aos Romanos, afirma que os judeus “não se sujeitaram à justiça de Deus”<sup>273</sup> e ratifica que “a finalidade da Lei é Cristo”.<sup>274</sup> Para ele, os judeus não compreenderam a essência da Lei, isto é, que ela leva a Cristo e, por não a compreenderem, rejeitaram a Cristo.<sup>275</sup>

Em outro momento importante dos Evangelhos, Jesus afirma ser Jerusalém homicida dado que mata os seus profetas e apedreja os que a ela são enviados. Ela rejeita o desejo do Senhor de reuni-la junto a ele.<sup>276</sup> Por diversas vezes vê-se a rejeição recorrente do povo à pessoa de Jesus. Em Nazaré é visto como o carpinteiro<sup>277</sup> e os gerasenos rogam-lhe que se afaste de suas terras.<sup>278</sup> Quando ele não corresponde às expectativas materialistas dos judeus, ao afirmar a realidade celestial de seu envio, é abandonado por muitos de seus discípulos.<sup>279</sup>

Mas a maior de todas as rejeições ocorre-lhe no pretório, perante Pilatos, quando os judeus, incitados pelos chefes dos sacerdotes, escolhem Barrabás e pedem a crucifixão de Jesus.<sup>280</sup> O grito veemente do povo para crucificá-lo, “Crucifica-o!”,<sup>281</sup> não se restringe a uma rejeição formal a Cristo e a seu projeto, mas atinge a todos os seres humanos, dado que “ao longo dos séculos, a negação da verdade gerou sofrimento e morte. São os inocentes que pagam o preço da hipocrisia humana. [...]

---

<sup>271</sup> ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. A Encarnação do Verbo. In: \_\_\_\_\_. **Contra os pagãos; A Encarnação do Verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. Trad. Orlando T. L. R. Mendes. São Paulo: Paulus, 2002. p. 73-118. p. cit. 105; *Log. Enan.* V,5.

<sup>272</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço**: a pessoa humana criada à imagem de Deus. Vaticano: 2004. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html)>.

Acesso em: 01 abr. 2022. CS 47.

<sup>273</sup> Rm 10,3.

<sup>274</sup> Rm 10,4.

<sup>275</sup> CERFAUX, 2012, p. 176-177.

<sup>276</sup> Mt 23,37.

<sup>277</sup> Mc 6,1-6.

<sup>278</sup> Mc 5,17.

<sup>279</sup> Jo 6,41-66.

<sup>280</sup> Mc 15,1-15.

<sup>281</sup> Mc 15,13-14.

Não basta lavar as mãos. A responsabilidade pelo sangue do justo permanece”.<sup>282</sup>

### 2.2.2 Mal compreendido

Nos Sinóticos, Jesus repreende os discípulos pela incapacidade de compreenderem a missão para a qual eram chamados. No Evangelho de São Lucas lê-se:

Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.<sup>283</sup>

A experiência do Cristo pós-pascal clarificou aos discípulos a insensatez que até então os acompanhava. A maior dificuldade residia, justamente, na concepção judaica do messias. Essa não possui uma unidade conceitual no judaísmo,<sup>284</sup> mas há algumas diferenças a se elencar. O termo em hebraico para messias é *mashiah*, ungido, e em grego é traduzido por *Christos*, sendo claro para os cristãos que o messias é Jesus Cristo.<sup>285</sup>

O vocábulo *messias* foi diversas vezes adotado na Bíblia, recebendo muitas denominações: guerreiro, o filho de José ou o Efraimita, o descendente de Davi, o Pastor. Todas essas se referem a um libertador e redentor advindo de Deus como seu representante. Para o judaísmo, especialmente, o messias é o restaurador do reino de Davi, um

---

<sup>282</sup> JOÃO PAULO II. **Via-Sacra**: meditações e orações do Santo Padre João Paulo II. Roma, 2000. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000421\\_via-crucis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_20000421_via-crucis.html)>. Acesso em: 04 abr. 2022.

<sup>283</sup> Lc 24,25-27.

<sup>284</sup> SILVA, Severino Celestino; SILVA, Valmor da. O Messias no Judaísmo e no Cristianismo. **Caminhos**: revista da PUC-Goiás, Goiânia, jul./dez. 2017. v. 15, n. 2, p. 249-267. p. cit. 251.

<sup>285</sup> SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus**: Jesus e outros messias. São Paulo: Paulus, 1998. p. 46.

rei político, bem como o reconstrutor do templo de Salomão, aquele que reunirá os dispersos de Israel e dará pleno cumprimento às leis da Torá.<sup>286</sup>

A centralidade do pensamento messiânico do Antigo Testamento é expressa em 2Sm 7,1-17 quando o profeta Natã promete uma casa eterna a Davi: “[...] A tua casa e a tua realeza subsistirão para sempre diante de mim, e o teu trono se estabelecerá para sempre.”<sup>287</sup> A partir dessa leitura, Schwantes relaciona o messianismo ao davidismo.<sup>288</sup> Além disso, tal pensamento encontra suas raízes na ideologia real do Antigo Oriente, mas cresce nos textos subsequentes, sobretudo nos profetas, idealizando um rei, o novo Davi.<sup>289</sup>

O profeta Isaías preanuncia o messias menino:

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe da paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça. Desde agora e para sempre, o amor ciumento de Iahweh dos Exércitos fará isto.<sup>290</sup>

No pós-exílio aparece a figura de um messias pobre, *Servo Sofredor*,<sup>291</sup> montado num jumento.<sup>292</sup> Entretanto, das figuras messiânicas que circulavam no judaísmo dos tempos de Jesus, perduraram as visões de um messianismo violento, visível nos Macabeus,

<sup>286</sup> SILVA; SILVA, 2017, p. 252.

<sup>287</sup> 2Sm 7,16.

<sup>288</sup> SCHWANTES, Milton. Uma promessa de dinastia para Davi na ótica de Jerusalém: anotações sobre o Messianismo e Davidismo em 2Samuel 7. **Cultura Teológica**: revista da PUC-São Paulo, São Paulo, abr./jun. 2008, v. 16, n. 63, p. 9-32. p. cit. 9-31.

<sup>289</sup> OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues de. O Messianismo na Dinastia Davídica: de sua situação histórica à escatologia. **Teologia Prática**: revista do Centro Universitário Metodista, Belo Horizonte, 1º e 2º semestre de 2007, v. 5, n. 9 e 10, p. 27-37. p. cit. 27-37.

<sup>290</sup> Is 9,5-6.

<sup>291</sup> Is 52,13-53,12.

<sup>292</sup> Zc 9,9.

na revolta judaica dos anos 70 d.C. e na resistência de Bar Kochba<sup>293</sup> em 136 d.C. Outrossim, Daniel apresenta o Filho do Homem, uma figura messiânica cósmica e apocalíptica.<sup>294</sup>

Embora mal compreendido, Jesus assume para si a figura do herdeiro de Davi como pastor, tomando a causa dos camponeses, dos marginalizados, dos mais necessitados e empenha seu ministério a serviço dos sofredores.<sup>295</sup> “Ele viveu à maneira dos pobres e dos perdedores, assumindo a posição de servo, e não a de senhor”.<sup>296</sup> Tal realidade, inconcebível para os apóstolos, gera um desajuste, reiterado diversas vezes por Jesus quando diz aos discípulos serem eles duros de coração ou sem entendimento.<sup>297</sup>

### 2.2.3 Compassivo com os sofredores

O ser e o agir desse messias mostra sua compaixão para com os sofredores. Em Jesus Cristo, Deus vai ao encontro da ovelha perdida, isto é, a humanidade que sofre por causa do pecado. Seu exemplo é o de um Deus que se vira contra si próprio em vista de salvar o ser humano, oferecendo a esses o modelo do amor radical. A novidade do Novo Testamento consiste justamente nisso, Cristo dá materialidade aos conceitos divinos preanunciados no Antigo Testamento.<sup>298</sup>

A compaixão do Senhor é tamanha que o Pai faz dele pecado pela humanidade: “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o faz pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus”.<sup>299</sup> Vê-se que o Apóstolo tem em sua frente a cruz. Contudo, não se restringe

---

<sup>293</sup> Bar Kochba: “O líder carismático desta nova revolta [...] foi certo Simão, que o Rabino Aqiba, um dos mestres mais prestigiados de Israel, chamou Bar Kokhba, em aramaico ‘filho da estrela’ em referência ao texto de Nm 24,17 [...]. Trata-se, na verdade, de um personagem que muitos reconhecerão como o Messias.” (MAZZINGHI, Luca. **História de Israel**: das origens ao período romano. Trad. Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 194).

<sup>294</sup> SILVA; SILVA, 2017, p. 255.

<sup>295</sup> SILVA; SILVA, 2017, p. 260.

<sup>296</sup> BLANK, Renold. **A face mais íntima de Deus**: elementos-chave da Revelação. São Paulo: Paulus, 2011. p. 52.

<sup>297</sup> Mc 4,13; 6,52; 7,18; 8,17-18.21.33; 9,10.32; 10,38. Mt 15,16; 16,9.23; 20,22. Lc 9,45; 18,34; 24,25.

<sup>298</sup> BENTO XVI. **Carta Encíclica Deus Caritas Est**. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 12; DCE 12;

<sup>299</sup> 2Cor 5,21.

a ela, remete-se à encarnação e à preexistência do Verbo. Sua nova situação, pecadora e maldita, é uma antítese à sua realidade divina, assinalando o aniquilamento e a humilhação, isso é, a *kénosis* a que Jesus se condena. São Paulo aponta, justamente, para a condição humilde do Cristo.<sup>300</sup>

A assunção da realidade humana é tamanha que Cristo assume o rosto dos sofredores. Encarna-se não somente em um corpo humano, mas na própria realidade decaída pelo pecado ao ponto de ser confundido com ela. São Mateus deixa isso claro ao pôr na boca de Jesus:

“Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te socorremos?” E ele responderá com estas palavras: “Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”.<sup>301</sup>

O encontro com Jesus no rosto dos sofredores é constituinte da fé cristã. Contempla-se a Cristo nos pobres, “aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino”.<sup>302</sup> Retoma-se, aqui, o pensamento de Francisco de que é preciso tocar a carne sofredora de Cristo naqueles que sofrem.<sup>303</sup>

Jesus é, também, compassivo com aqueles que padecem de doenças. Diversos são os relatos de cura nos evangelhos. Nesse sentido, José Antonio Pagola, citando outros autores, apresenta o comportamento de Jesus que se aproxima, acolhe, toca e cura os sofredores:

Os autores realçam este comportamento de Jesus com expressões diferentes: C. H. Dodd falou do “inérito interesse (de Jesus) pelo perdido”; E. Bloch assinala que Jesus tem “a tendência para baixo”; A. Holl diz-nos que Jesus andava “com más companhias”; L. Boff sublinha que Jesus se dirige preferencialmente aos “não homens”; M.

---

<sup>300</sup> CERFAUX, 2012, p. 132-133.

<sup>301</sup> Mt 25,44-45.

<sup>302</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 120; DAp 257.

<sup>303</sup> FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24.

Fraijó fala da “predileção de Jesus pelo fraco, pelo que não é capaz de se valer a si mesmo”.<sup>304</sup>

O messias esperado se compadece do povo, daqueles que viviam como ovelhas sem pastor.<sup>305</sup> Mas, principalmente, dos doentes<sup>306</sup> e famintos.<sup>307</sup> O cristão é chamado a reconhecer Cristo sofredor nas mais diversas realidades de sofrimento (os desabrigados, os toxicodependentes, os refugiados e os migrantes, os povos originários, os idosos, os pobres e marginalizados),<sup>308</sup> da mesma forma como o Divino Mestre se compadece por aqueles que sofrem. Ele:

Curava os doentes, consolava os aflitos, dava de comer aos famintos, libertava os homens da surdez, da cegueira, da lepra, do demônio e de diversas deficiências físicas; por três vezes restituiu mesmo a vida aos mortos. Era sensível a toda a espécie de sofrimento humano, tanto do corpo como da alma. Ao mesmo tempo, ensinava; e no centro do seu ensino propôs as *oito bem-aventuranças*, que são dirigidas aos homens provados por diversos sofrimentos na vida temporal.<sup>309</sup>

Cristo foi em tudo compassivo ao ser humano, indo à cruz para a salvação de todos. Ele morre e ressuscita em vista de que todos vivam por ele.<sup>310</sup> Jesus não guarda nada para si, doa-se inteiramente ao Pai, que é doador da vida desde os primórdios e que concede vida divina a todos que estão ligados ao Filho.<sup>311</sup>

---

<sup>304</sup> PAGOLA, José Antonio. **Ide e curai**: evangelizar o mundo da saúde e da doença. Trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Paulus, 2015. p. 17.

<sup>305</sup> Mt 9,36; Mc 6,34;

<sup>306</sup> Mt 14,14.

<sup>307</sup> Mt 15,32.

<sup>308</sup> FRANCISCO, 2013, p. 171; EG 210.

<sup>309</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 27; SD 16.

<sup>310</sup> 2Cor 5,15.

<sup>311</sup> JOÃO PAULO II, 2010, p. 88; RH 20.

## 2.3 PAIXÃO: SERVO SOFREDOR

A figura do *Servo Sofredor*<sup>312</sup> é apresentada pelo profeta Isaías. Em uma leitura pós-pascal, o cristianismo viu prefigurada no texto a figura de Cristo que assume de forma vicária os sofrimentos inerentes à condição humana, alcançando-lhes redenção:

Presente nos mais diversos livros, a tradição do “servo sofredor” é abordada pelo profeta Isaías, que o apresenta como o ser humano mais desfigurado pela dor e atormentado inocentemente, a ponto de perder seus traços humanos. Sua dor parece ser infligida pelas pessoas e pelo próprio Deus. Acolhendo de forma propiciatória o mal e o sofrimento com aceitação sincera, parece redimir a humanidade.<sup>313</sup>

Jesus Cristo, *Servo Sofredor*, alcança a plenitude do desejo divino em relação ao sofrimento. Se em Isaías o problema parece permanecer sem solução, agora, em Cristo, já é possível vislumbrar a identificação de Deus com os sofredores, apoiando-os perante o mal. A partir do texto do profeta pode-se afirmar que o sofrimento não é um castigo ou retribuição, mas caminho que conduz à plenitude,<sup>314</sup> ao ponto ômega.

O profeta apresenta quatro cânticos nos quais se caracteriza a figura deste servo. O primeiro cântico afirma que o servo é o escolhido de Deus, em quem repousa o Espírito do Senhor; ele será o juiz universal e sofrerá em silêncio, sem reagir.<sup>315</sup> Já o segundo cântico apresenta o servo escolhido desde as entranhas de sua mãe. Esse virá como restaurador de Israel, mas também como luz para os gentios, estendendo a salvação a toda terra.<sup>316</sup> O terceiro cântico apresenta a passividade do servo: “Ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não ocultei o rosto às injúrias e aos

---

<sup>312</sup> A tradição do “servo sofredor”, vista em Isaías, é também presente nos Salmos, no livro da Sabedoria, em textos proféticos e apocalípticos, em Jó, em textos extrabíblicos e intertestamentários, bem como no Novo Testamento. (SCHERER, Odilo Pedro. **“Justo sofredor”**: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995. p. 33-84.)

<sup>313</sup> GOMES, 2007, p. 28.

<sup>314</sup> GOMES, 2007, p. 39.

<sup>315</sup> Is 42,1-9.

<sup>316</sup> Is 49, 1-6.

escarros”.<sup>317</sup> A esse sofredor Deus não o abandona, e por isso o servo não se sente humilhado, dado que o Senhor o socorrerá.<sup>318</sup>

O quarto cântico, último a citar claramente a figura do servo, precisa ser observado em separado devido à amplitude do texto. Nesse se vê que o *Servo Sofredor* será exaltado e elevado por causa de sua entrega. Seu rosto estará desumanizado devido à desfiguração. Ele por ser justo e servo, justificará a muitos, tomando sobre si as transgressões dos seres humanos, tornando-se para eles mediador.<sup>319</sup> Ele:

Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca.<sup>320</sup>

A figura do *Servo Sofredor* é *typos* de Jesus Cristo que é seu *antítipo*. Por muitas vezes, devido ao caráter expiatório, foi feita tal

---

<sup>317</sup> Is 50,6.

<sup>318</sup> Is 50, 4-11.

<sup>319</sup> Is 52,13-53,12.

<sup>320</sup> Is 53,3-9.

ligação, justamente por causa da inspiração evangélica na narração da paixão.<sup>321</sup> A plenitude da compreensão desse cântico só se alcança em Jesus Cristo. A condição humana por ele assumida significou ter também de sofrer, tomando para si o rosto dos que sofrem. Deste modo, tanto nos evangelhos, quanto nos Atos dos Apóstolos,<sup>322</sup> o texto do profeta é interpretado “alegoricamente como profecia acerca do Messias que deveria sofrer”.<sup>323</sup>

São João Paulo II afirma que, pela paixão de Cristo, o sofrimento humano encontra seu ponto de virada, entrando em uma nova ordem, isso é, associando-se ao amor, criando o bem a partir de um mal, “tal como o bem supremo da redenção do mundo foi tirado da cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio”.<sup>324</sup> No ato passional de Jesus todo o sofrimento se encontra em uma nova situação,<sup>325</sup> dado que encontra redenção em si mesmo, pois “Cristo *elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de redenção*”.<sup>326</sup>

### 2.3.1 Amou-os até o fim

A paixão de Cristo não é puramente um ato de obediência, ela é, antes, um ato voluntário de alguém que se doa por amor, assumindo sua missão ao extremo, tocando o mais profundo da dimensão humana em seu sofrimento e desamparo.<sup>327</sup> O texto sagrado afirma ter Jesus amado a humanidade até o fim.<sup>328</sup> Ele assume sobre si mesmo, inclusive, a agonia, solidarizando-se com todos os agonizantes e clamando ao Pai. São João Paulo II diz que “se houvesse faltado aquela agonia na cruz, a verdade

---

<sup>321</sup> ACQUAROLI, Armando Rafael Castro. A beleza escondida no pobre: uma leitura de Is 53,2-3. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 137-151, jan./abr. 2020. p. 140.

<sup>322</sup> At 8,32s.

<sup>323</sup> ACQUAROLI, 2020, p. 144.

<sup>324</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 35; SD 18.

<sup>325</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 37; SD 19.

<sup>326</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 39, grifo do autor; SD 19.

<sup>327</sup> RIBARIC, Sergio Alejandro. **O silêncio de Deus**: segundo Hans Urs von Balthasar. 154 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Teologia Sistemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 118.

<sup>328</sup> Jo 13,1.

que Deus é Amor ficaria por se demonstrar”.<sup>329</sup> Sem a paixão a palavra definitiva de Deus acerca do amor seria incompleta, mas a partir do mistério pascal não há dúvidas de que o ser humano é chamado ao amor, dado que “ele nos amou primeiro”.<sup>330</sup>

A partir disso, o amor deixa de ser apenas um mandamento e se torna “a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”.<sup>331</sup> No amor não há imposição exterior ao ser humano, pois emana de uma experiência interior e se expande aos outros.<sup>332</sup> A real experiência do amor não se pode conter, ela é exagerada e se derrama, antecipa-se a todas as coisas.<sup>333</sup> Ela supera a esfera do *eu*, unifica todos no *nós*, “para que Deus seja tudo em todos”.<sup>334</sup> O *modus operandi* de Jesus é amar. Cristo vai até as últimas consequências no projeto do amor e por isso se pode afirmar:

Cristo encaminha-se para o próprio sofrimento, consciente da força salvífica deste; e vai, obediente ao Pai e, acima de tudo, *unido ao Pai naquele mesmo amor* com o qual ele amou o mundo e o homem no mundo.<sup>335</sup>

Justamente, essa entrega de amor, na qual o Pai dá o seu Filho em vista de libertar o ser humano do mal, traz consigo a perspectiva definitiva acerca do sofrimento, que o próprio Filho assume. Nisso se manifesta, indubitavelmente, o amor ilimitado, infinito de Deus para com o ser humano e o mundo, isto é, um amor de salvação.<sup>336</sup> Desde a aliança com Israel, o amor de Deus é de eleição e com a finalidade de curar.<sup>337</sup>

<sup>329</sup> JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**: depoimentos de João Paulo II a Vittorio Messori. Trad. Antônio Angonese; Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 76.

<sup>330</sup> 1Jo 4,19.

<sup>331</sup> BENTO XVI, 2011, p. 4; DCE 1.

<sup>332</sup> BENTO XVI, 2011, p. 34; DCE 18.

<sup>333</sup> FRANCISCO. **Como a flor da amendoeira**: meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Vaticano, 8 jun. 2018. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie\\_20180608\\_flor-amendoeira.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180608_flor-amendoeira.html)>. Acesso em: 8 abr. 2022.

<sup>334</sup> 1Cor 15,28. Ver também BENTO XVI, 2011, p. 34; DCE 18.

<sup>335</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 29, grifo do autor; SD 16.

<sup>336</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 23; SD 14.

<sup>337</sup> BENTO XVI, 2011, p. 20; DCE 9.

Deus é o grande companheiro no sofrimento, que é a terrível marca da finitude humana, o lugar do desamparo, mas também o espaço no qual se provam os verdadeiros amigos. Nessa perspectiva, o Pai nunca esteve tão unido ao Filho quanto no momento da cruz. Compassivamente, a primeira pessoa da Santíssima Trindade acompanha a segunda pessoa até a entrega definitiva, apoiando-a. Tal amor, cumprida a história, fará brilhar a verdade, vencendo o mal e eliminando todo sofrimento.<sup>338</sup> Deus se mostra um verdadeiro amigo.

Deste modo, Jesus muda a dinâmica relacional com os seres humanos, afirmando-os como amigos e não mais servos.<sup>339</sup> Cristo faz-se próximo aos seres humanos ao ponto de considerá-los seus amigos, e lhes diz: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.<sup>340</sup> E acresce: “Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando”.<sup>341</sup> Nessa passagem de São João compreende-se que a entrega de Cristo, sua assunção dos desamparos, sofrimentos e da finitude humanos são, ao mesmo tempo, entrega e testemunho: “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais”.<sup>342</sup>

A visão cristológica do Apóstolo, aos colossenses, especialmente no primado de Cristo, deixa claro que o Verbo precede o ser humano em todas as coisas e todas elas subsistem nele.<sup>343</sup> Nesse excerto paulino pode-se perceber Cristo como imagem de Deus por sua preexistência e por sua glorificação. Do mesmo modo, “o mundo recebe uma dupla impressão de Cristo imagem: a primeira na criação, a segunda na ordem da salvação”.<sup>344</sup> Nesse hino, ainda, a criação por Cristo situava a obra criada em submissão, e os seres humanos em caráter eletivo, isso é, como filhos adotivos de Deus. Ressalta-se, pois, que o pensamento teológico de São Paulo “vai de Cristo ao mundo e do mundo a Cristo; de Cristo à obra criada em submissão, e os seres humanos em caráter eletivo, isso é, como filhos adotivos de Deus. Ressalta-se, pois, que o pensamento teológico de São Paulo “vai de Cristo ao mundo e do mundo a Cristo; de Cristo à obra de salvação e da obra de salvação a Cristo”.<sup>345</sup>

Retoma-se, assim, a ideia de que o Senhor, *Servo Sofredor*, amou a humanidade por primeiro. Ele é o alfa-A. Ademais, todas as coisas

<sup>338</sup> QUEIRUGA, André Torres. **Recuperar la creación**: por uma religión humanizadora. Santander: Sal Terrae, 1997. p. 101-102.

<sup>339</sup> Jo 15,15.

<sup>340</sup> Jo 15,13.

<sup>341</sup> Jo 15,14.

<sup>342</sup> Jo 13,15.

<sup>343</sup> Cl 1,15-20.

<sup>344</sup> CERFAUX, 2012, p. 338.

<sup>345</sup> CERFAUX, 2012, p. 338-339.

caminham para a plenitude inaugurada por Cristo e da qual far-se-á parte nele mesmo:

[...] o homem tal como foi “querido” por Deus, como por Ele foi eternamente “escolhido”, chamado e destinado à graça e à glória, este homem assim é exatamente “todo e qualquer” homem, o homem “o mais concreto”, “o mais real”; este homem, depois, é o homem em toda a plenitude do mistério de que se tornou participante em Jesus Cristo, mistério de que se tornou participante cada um dos quatro (oito) bilhões de homens que vivem sobre o nosso planeta, desde o momento em que é concebido sob o coração da própria mãe.<sup>346</sup>

Por isso, ele é para a criação ao mesmo tempo que o  $A$  o ponto  $\omega$ - $\Omega$ , de convergência universal, ou melhor, a centralidade de toda a comunhão criacional. A comunhão na missão dos cristãos – no hoje da história – é união que prefigura a comunhão plena que se dará.<sup>347</sup> O *amou-os até o fim* não se restringe apenas à vida de Cristo “encerrada” na cruz, mas à vida eterna: na divindade desde sempre e na humanidade a partir da ressurreição. Cristo ama a obra criada desde sempre e para sempre, sem limites espaço-temporais.

### 2.3.2 Traído e negado

No decorrer de sua peregrinação terrena, Jesus Cristo, o *Servo Sofredor*, é traído e negado. O primeiro termo, facilmente, faz com que se remeta à traição de Judas Iscariotes, que levou o Senhor à cruz. Já o segundo remete às três negações de São Pedro antes do canto do galo. Todavia, ambas as ações não se encerram nas figuras de Judas e de São Pedro. Mas dizem respeito, principalmente, às rejeições sofridas pelo Deus de Israel, constantemente traído e negado pelo povo, com quem fez aliança. O *Servo Sofredor*, que deu a vida pelo povo, também, padece constantemente do mesmo desprezo.

Ressalta-se, após o gesto de traição, as palavras de Jesus dirigidas a quem o traiu: “Amigo, para que estás aqui?”<sup>348</sup> São João Crisóstomo,

<sup>346</sup> JOÃO PAULO II, 2010, p. 45, grifo nosso; RH 13.

<sup>347</sup> JOÃO PAULO II, 2010, p. 36; RH 12.

<sup>348</sup> Mt 26,50.

Santo Agostinho e Orígenes liam tal passagem como uma repreensão feita pelo Senhor.<sup>349</sup> Os próprios evangelistas apresentam que Judas cai na tentação do maligno,<sup>350</sup> observando a responsabilidade pessoal dele, deixando-se levar pela sedução do tentador. Entretanto, seu ato traidor permanece, sempre, um mistério. O que vale ressaltar é que mesmo um discípulo de Jesus, que andava próximo do Mestre, está sujeito a traí-lo, dado que a mensagem de Cristo é sempre um convite que considera a liberdade humana.<sup>351</sup>

Ao princípio, apenas se deduz que aquele que há de atrair Jesus é um dos convivas; torna-se evidente que o Senhor tem de sofrer até o fim e, mesmo nos detalhes, o destino de sofrimento do justo, um destino que se manifesta de variados modos, sobretudo nos Salmos. Jesus tem de experimentar a incompreensão, a infidelidade até no âmbito do círculo mais íntimo dos amigos e assim “cumprir a Escritura”. Ele revela-se como o verdadeiro sujeito dos Salmos, como o “Davi” de quem provêm e por meio de quem adquire sentido.<sup>352</sup>

A traição de Judas não encerra ainda o sofrimento gerado pela deslealdade. “Até meu amigo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim”.<sup>353</sup> Hoje, a traição ocorre entre aqueles que, recebendo o pão eucarístico, atentam contra aquele que partilha de si mesmo. Na traição de Judas, Jesus suporta todas as traições anteriores e posteriores à cruz.<sup>354</sup> A entrega de “seu sangue”, isto é, o dom total de si mesmo, no qual ele sofre até o fundo todo o mal da

---

<sup>349</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos (Evangelho de São Mateus). Campinas: Ecclesiae, 2018. vol. 1. p. 821; *Cat. Aur.* 26, XIII, V.47-50.

<sup>350</sup> Jo 13,2; Lc 22,3.

<sup>351</sup> BENTO XVI. **Audiência Geral**: Judas Iscariotes e Matias. Vaticano, 18 out. 2006. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20061018.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061018.html)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

<sup>352</sup> BENTO XVI. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. Trad. Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016. p. 70-71, grifo do autor.

<sup>353</sup> Sl 41,10.

<sup>354</sup> BENTO XVI, 2016, p. 71.

humanidade, transforma toda a traição absorvendo-a na sua fidelidade incondicionada”.<sup>355</sup>

A tríplice negação de São Pedro,<sup>356</sup> por sua vez, está ligada a uma passagem anterior: “Simão Pedro lhe diz: ‘Senhor, para onde vais?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Não podes seguir-me agora aonde vou, mas me seguirás mais tarde’”.<sup>357</sup> Em vista de assegurar-lhe um espaço no átrio, ao redor da fogueira no palácio do Sumo Sacerdote, São Pedro torna seu heroísmo anterior em mesquinhez. Ele precisa esperar a sua própria hora, compreender a justaposição entre expectativa e perseverança, até que “[...] quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres”.<sup>358</sup> Isso toca claramente a realidade do sofrimento humano, dado que não consiste em querer se elevar à altura de Deus, mas como servo se deixar plasmar à imagem de Deus.<sup>359</sup> Esperar confiantemente a sua própria hora.

A negação do apóstolo apresenta a fragilidade do ser humano, incapaz de percorrer sozinho o caminho, pretendendo viver sem a necessidade da graça de Deus, sem ter de abraçar a cruz.<sup>360</sup> Esta realidade, a mensagem do Reino como um todo, está sob a cruz:

Partindo da Última Ceia e da Ressurreição, poderemos afirmar precisamente que a cruz é a radicalização extrema do amor incondicionado de Deus: amor em que ele, não obstante toda a negação por parte dos homens, se dá a si mesmo, toma sobre si o “não” dos homens, atraindo-o desse

---

<sup>355</sup> BENTO XVI, 2016, p. 126, grifo do autor.

<sup>356</sup> “O relato começado em (Marcos) 14,54 é retomado para contrastar a fidelidade de Jesus e a infidelidade de Pedro. A negação de Pedro aparece em todos os quatro evangelhos (veja Mt 26,69-75; Lc 22,56-62; Jo 18,17.25-27). Note a progressão dos públicos para as negações de Pedro: uma criada (14,66), a criada e alguns dos presentes (14,69), e os presentes (14,70)”. (BROWN, Raymond E. (Ed.); FITZMYER, Joseph A. (Ed.); MURPHY, Roland E. (Ed.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011. p. 125, grifo nosso; *Nov. Coment. Bibl.* Marcos, 66.)

<sup>357</sup> Jo 13,36.

<sup>358</sup> Jo 21,18.

<sup>359</sup> BENTO XVI, 2016, p. 74.

<sup>360</sup> BENTO XVI, 2016, p. 142. Ver também VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho segundo Lucas**: para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 2018. p. 112.

modo para dentro do seu “sim” (cf. 2 Cor 1, 19). Essa interpretação das parábolas e da sua mensagem sobre o Reino de Deus – interpretação segundo a teologia da cruz – encontra-se também nas parábolas paralelas dos outros sinóticos (cf. Mt 13, 10-17; Lc 8, 9-10).<sup>361</sup>

A negação gradual, vista em São Marcos, retoma o pensamento moral judaico da apostasia, no qual uma negação particular é menos grave que a pública e a negação evasiva é menos grave do que a explícita. No texto marcano a graduação do pecado serve para mostrar a progressão da negação de São Pedro.<sup>362</sup> Em São Lucas há também uma significativa diferença da sequência marcana (prisão, julgamento noturno, zombaria, negação). No terceiro Evangelho (prisão, negação, zombaria e julgamento matutino) o evangelista quer enfatizar, com essa mudança, primeiramente “o abandono de Jesus por São Pedro e então a fidelidade de Jesus para com sua vocação profética”.<sup>363</sup> São João, por sua vez, piora a condição de São Pedro pois não considera estar ele assustado ou em perigo de morte. Para o quarto Evangelho, ele nega a Jesus de forma livre.<sup>364</sup>

Considera-se, pois, ser Jesus novamente traído e negado pelos cristãos de hoje. Especialmente quando se nega a dignidade dos outros, quando não é considerada a plena dignidade da pessoa humana. A traição de Judas por trinta moedas e a negação de São Pedro não deixam de ser um tipo de idolatria, sobretudo, a idolatria ao dinheiro, expressa claramente na ação de Judas, que no fundo é uma “crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano”.<sup>365</sup> O *ser Judas* e o *ser Pedro* estão em cada ser humano, que relega ao sofrimento os que são traídos e os que veem negados os seus direitos.

---

<sup>361</sup> BENTO XVI, 2016, p. 118.

<sup>362</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 211; *Nov. Coment. Bibl. Mateus*, 156.

<sup>363</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 300; *Nov. Coment. Bibl. Lucas*, 186.

<sup>364</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 805; *Nov. Coment. Bibl. João*, 211.

<sup>365</sup> FRANCISCO, 2013, p. 49; EG 55.

### 2.3.3 Condenado sem culpa

Pode-se dizer que um dos processos que mais causa sofrimento a um ser humano é ser considerado culpado de algo que não cometeu. Jesus Cristo, por sua vez, assume sobre si os pecados, em vista de que a humanidade encontre a justiça de Deus.<sup>366</sup> No pensamento de São Paulo a justiça significa a santidade produzida por Deus que gera o ser cristão, isto é, um dom gratuito de Deus por excelência, a graça santificante que é obra da cruz. A antítese Lei-fé dá lugar à Lei-gratuidade.<sup>367</sup> Ou seja, Cristo assume voluntariamente a culpa que não lhe cabe. Ele “[...] nos remiu da maldição da Lei tornando-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro”.<sup>368</sup> O libertador liberta justamente da Lei enquanto maldição do pecado.<sup>369</sup> Ele faz dela promessa de vida e âmagô do ser, interior ao próprio ser humano e não mais imposição exterior e alheia ao seu ser enquanto tal. Por isso, a sua opção pelas vidas ameaçadas faz com que ele não resista à violência; dessa forma, desmascara o caráter assassino do poder que exclui o povo da vida.<sup>370</sup>

Jesus Cristo, condenado sem culpa e de forma pacífica, “não entra no jogo do poder violento que se impõe contra o homem” e, deste modo, o liberta.<sup>371</sup> Tal realidade fica clara em São Lucas no relato do diálogo entre o Senhor e o bom ladrão na cruz:

Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: “Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós”. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: “Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal”. E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino”. Ele respondeu: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso”.<sup>372</sup>

---

<sup>366</sup> 2Cor 5,21.

<sup>367</sup> CERFAUX, 2012, p. 248.

<sup>368</sup> Gl 3,13.

<sup>369</sup> CERFAUX, 2012, p. 112.

<sup>370</sup> GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesús, hombre en conflicto**: el relato de Marcos en América Latina. Santander: Sal Terrae, 1986. p. 228.

<sup>371</sup> GALLARDO, 1986, p. 230.

<sup>372</sup> Lc 23,39-43.

Retoma-se, então, o tema da inocência daquele que é o *Servo Sofredor*. Por sua ação, “as portas do paraíso foram reabertas pela obediência e fé do Novo Adão”.<sup>373</sup> Sua função vicária retoma o quarto cântico,<sup>374</sup> no qual o *Servo Sofredor* assume sobre si as culpas de muitos, tornando-os justos. Caifás afirma justamente isso ao dizer: “Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?”.<sup>375</sup> Com essa fala, o sumo sacerdote do judaísmo reúne, em Cristo, tudo o que esperava Israel. Nesse contexto se compreende a *pró-existência*, pois um deveria morrer “por” muitos.<sup>376</sup> Nessa visão, a vida de Jesus é caracterizada como vivência “para”, “em dupla direção: vertical – para o Pai; horizontal – para os homens e sua salvação”.<sup>377</sup> Heinz Schürmann, a quem Joseph Ratzinger atribui o termo *pró-existência*, afirma que:

Em Jesus de Nazaré parece sair ao nosso encontro uma pessoa que, em lugar do coração egoísta dos homens, dispõe de um “espaço livre”; espaço livre do qual flui um amor radical para Deus e para o próximo. Mas isso é assim porque, através desse “espaço livre” flui o amor de Deus ao mundo. Assim, Jesus é o verdadeiramente “livre”, libertado de si mesmo e de todas as coações existenciais. Dessa maneira, ele é a forma existencial de Deus para a humanidade e para o cosmos. Só porque Deus “irrompeu” em Jesus, fez-se presente nele uma “descida” impressionante, tem espaço nele amando, faz-se presente a *pró-existência* de Deus para os homens na *pró-existência* de Jesus, o compromisso de Deus nos alcança no compromisso de Jesus.<sup>378</sup>

---

<sup>373</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 304; *Nov. Coment. Bibl.* Lucas, 192.

<sup>374</sup> Is 52,13-53,12.

<sup>375</sup> Jo 11,50.

<sup>376</sup> BENTO XVI, 2016, p. 160.

<sup>377</sup> ROBERT, Everaldo Bon. **Pró-existência**: uma chave teológica na Cristologia de Joseph Ratzinger. 272 p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. p. 26.

<sup>378</sup> SCHÜRMAN, Heinz. ¿Cómo entendió y vivió Jesus su muerte? In: ROBERT, Everaldo Bon. **Pró-existência**: uma chave teológica na Cristologia de

A partir disso compreende-se a assunção por Cristo das culpas do ser humano. Há nele um espaço que é vital à humanidade, a liberdade da qual brota o amor radical do Senhor. O sangue de Jesus, condenado sem culpas, clama aos céus como o sangue de Abel. Entretanto, há uma diferença crucial, de plenitude do amor. O sangue de Jesus “não pede vingança e castigo, mas é reconciliação. Ele não é derramado *contra* ninguém, mas é sangue derramado *por* muitos, por todos”.<sup>379</sup>

Além disso, vale ressaltar a figura de Pilatos na condenação de Jesus. O procurador romano não encontra nele crime algum, os relatos evangélicos justamente apresentam-no como testemunha da inocência de Jesus.<sup>380</sup> “Vede: eu vo-lo trago aqui fora, para saberdes que não encontro nele motivo algum de condenação”.<sup>381</sup> Pilatos, ainda, considerava que entregaram Jesus para ser crucificado apenas por invejá-lo.<sup>382</sup> Entretanto, a condenação injusta culmina na apresentação do condenado perante o pretório: “Eis o homem!”.<sup>383</sup> Tal expressão, além de expor aos condenadores a sua vítima, tem o caráter de exposição à humanidade:

“Ecce homo” – por si só essa expressão adquire uma profundidade que vai além daquele momento. Em Jesus aparece o homem enquanto tal. Nele aparece a carência de todas as pessoas maltratadas e agredidas. Em sua miséria se reflete a desumanidade do poder humano, que tanto esmaga os fracos. Nele se reflete aquilo que chamamos de pecado: aquilo em que o homem se transforma quando se afasta de Deus e toma com suas próprias mãos o controle do mundo. Mas o contrário também é válido: não se pode tirar de Jesus sua dignidade interior. O Deus oculto continua nele presente. Mesmo o homem flagelado e humilhado continua sendo a imagem de Deus. Desde que Jesus se deixou flagelar, os mutilados e açoitados

---

Joseph Ratzinger. 272 p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. p. 34-35.

<sup>379</sup> BENTO XVI. **Liberar a liberdade**: fé e política no terceiro milênio. Trad. Rudy Albino de Assunção. São Paulo: Paulus, 2019. p. 40, grifos do autor.

<sup>380</sup> BORNKAMM. Günter. **Jesus de Nazaré**. Trad. José dos Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 152.

<sup>381</sup> Jo 19,4. Ver também Lc 23,4; Mt 27,23; Mc 15,14.

<sup>382</sup> Mt 27,18; Mc 15,10.

<sup>383</sup> Jo 19,5.

são justamente a imagem de Deus, que quis sofrer por nós. Assim, Jesus é imagem da esperança ao longo de sua Paixão: Deus está do lado dos que sofrem.<sup>384</sup>

Essa citação funciona como uma retomada da *Gaudium et Spes* 22 sob a perspectiva do sofrimento. Bento XVI reescreve a leitura de Cristo como a imagem perfeita do ser humano em relação aos sofredores a partir da condenação de Jesus. Da mesma forma, muitos são aqueles que, condenados sem culpa, sofrem nas mais diversas realidades. São relegados à miséria, à fome, ao abandono, simplesmente, devido à cobiça e à ganância do ser humano. Isso se dá por causa da lógica escravizadora do mundo segundo a qual quanto mais alguém possui melhor pessoa é. Mas sobre essas situações cintila o texto de São Mateus: “Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado”.<sup>385</sup> Jesus Cristo é o exemplo de humilhação que se torna exaltação. “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”.<sup>386</sup>

### 2.3.4 Humilhado pelos homens

A missão de Jesus começa, precisamente, entre os mais pobres de Israel. Na Galileia, o Senhor encontra aqueles que são mais desrespeitados em seus direitos fundamentais, o povo mais enfermo, maltratado, oprimido, miserável. A implantação do Reino de Deus deve começar onde o povo é o mais humilhado, anunciando-lhes a boa notícia no contato direto e estrito com a realidade na qual encontra boa terra.<sup>387</sup> Por ter Cristo assumido toda a realidade humana, ele também sofre a humilhação, unindo-se aos humilhados.

Dois momentos são importantes para o conceito da humilhação de Jesus Cristo: o lava-pés e a via-crúcis. No primeiro ele humilha a si mesmo, no segundo ele se deixa humilhar pelos outros. A Epístola aos Filipenses faz esse caminho crescente: da *kénosis* ao serviço e à morte. Retomando parte do texto: “Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura

---

<sup>384</sup> BENTO XVI, 2019, p. 49, grifo do autor.

<sup>385</sup> Mt 23,12.

<sup>386</sup> Jo 12,32.

<sup>387</sup> PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Trad. Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 113-114.

de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!”<sup>388</sup> Ele se fez impotente, destituiu-se do poder que lhe é próprio por ser Deus, deixando a figura de Senhor e fazendo-se servo.<sup>389</sup> Jesus permanece Senhor, mas é o primeiro entre os servos: “Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros”.<sup>390</sup>

O segundo processo de humilhação é a caminhada rumo ao Calvário. Retoma-se o segundo cântico do *Servo Sofredor* de Isaías no qual se lê: “Tu és meu servo, Israel, em quem me gloriarei”.<sup>391</sup> Vê-se que há, aqui, uma ligação entre o serviço humilde e a glorificação. Este binômio serviço-glória é o centro da narração da paixão do evangelista São João: “é precisamente no abaixamento de Jesus, na sua humilhação até a cruz, que transpore a glória de Deus, é glorificado Deus Pai e, nele, Jesus”.<sup>392</sup> A humilhação e a exaltação se unem de modo misterioso, o escárnio sofrido é a exaltação de Jesus como o Servo do Senhor.<sup>393</sup>

Durante o percurso até chegar ao Calvário, Jesus Cristo sofre com a zombaria e as mais diversas humilhações. Crucificado, permanecem os escárnios, como no caso do mau ladrão, dos transeuntes, dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos. Todavia, a sua resposta é a do amor que transborda. O Salmo 22 prefigura o momento da cruz. O Verbo encarnado ao vocalizar as palavras sálmicas – “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”<sup>394</sup> – afirma, antes, a certeza da salvação de muitos do que um real abandono da parte do Pai para com o Filho.<sup>395</sup> Antes de um gesto de desespero é uma prece apresentada a Deus.<sup>396</sup> Tal prece, reflexo de seus sofrimentos, é proferida por Cristo no cumprimento da vontade do Pai em vista da salvação do mundo.<sup>397</sup>

<sup>388</sup> Fl 2,7-8.

<sup>389</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 447-448; *Nov. Coment. Bibl. Filipenses*, 20.

<sup>390</sup> Jo 13,13-14.

<sup>391</sup> Is 49,3.

<sup>392</sup> BENTO XVI, 2016, p. 77.

<sup>393</sup> BENTO XVI, 2016, p. 167.

<sup>394</sup> Sl 22,2.

<sup>395</sup> BENTO XVI, 2016, p. 194-195.

<sup>396</sup> BROWN; FITZMYER; MURPHY, 2011, p. 213; *Nov. Coment. Bibl. Mateus*, 163.

<sup>397</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 33; SD 18.

## 2.4 MORTO PARA SALVAR

Os relatos evangélicos acerca da paixão do Senhor diferem dos demais relatos da vida de Jesus, compostos de pequenas cenas e episódios, dado que todo o processo, desde a sua prisão até a sua morte e sepultamento, compõe uma larga descrição de sucessões de fatos entrelaçados de um único ato salutar.<sup>398</sup> Esse, por sua vez, retoma a própria encarnação – “a carne é o fulcro da salvação”<sup>399</sup> – e se completa na ressurreição. João Batista, ao afirmar, no batismo, ser Cristo “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”<sup>400</sup> alude à realidade de que a missão de Jesus, assumida publicamente no batismo, é ir ao encontro da morte na cruz, extirpando o pecado do mundo.<sup>401</sup>

O ato redentor de Jesus se dá na escolha livre de Cristo, “um só e mesmo” que suportou o sofrimento e a morte, que assumiu a desobediência de Adão e, por sua obediência, inverteu a lógica do pecado, tornando-a fonte da graça. Por sua morte, “opera a reversão (*recirculatio*) da liberdade pervertida do homem para saná-la num ato que remonta às origens do pecado”.<sup>402</sup> Em Cristo se rompe a cadeia de pecado originada no orgulho de Adão e Eva, tentados pela serpente a se fazerem iguais a Deus. Ao se fazer igual ao ser humano, ele destrói o vício do pecado. Não sendo o ser humano por si feito igual a Deus, mas sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade por si feita igual ao ser humano, em tudo, exceto no pecado.

Além disso, a morte de Jesus Cristo não é uma simples imolação que aplacaria a ira de um Deus colérico. Ela é um ato unitivo da ação do Pai e do Filho e a entrega desse revela o *ser-para* daquele. Ou seja, a oferta de Jesus Cristo na cruz deixa claro o ser do Pai, que permite o sofrimento do seu amado por amor aos seres humanos. A historicidade desse modo de ser de Deus ocorre na concretude da crucificação do Verbo, como “autoentrega livre e espontânea do Filho ao Pai para implantar o Reino de Deus”.<sup>403</sup> No Calvário se dá a autocomunicação

---

<sup>398</sup> PAGOLA, 2014, p. 444-445.

<sup>399</sup> TERTULIANO. *De carnis resurrectione*. In: BENTO XVI. **Audiência Geral**. Vaticano, 5 jan. 2011. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2011/documents/hf\\_benxvi\\_aud\\_20110105.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2011/documents/hf_benxvi_aud_20110105.html)>. Acesso: 25 abr. 2022.

<sup>400</sup> Jo 1,29.

<sup>401</sup> BENTO XVI, 2016, p. 203-204.

<sup>402</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 151.153.

<sup>403</sup> MÜLLER, 2015, p. 214.

definitiva de Deus para a salvação de toda a humanidade. Clarifica-se, então, a importância salvífica do sofrimento e da morte vicários do único mediador que purifica dos pecados a totalidade do povo de Deus.<sup>404</sup> A morte do Senhor é *morte para*, consumando a *pró-existência* de Jesus na cruz redentora. Em vista disso, afirmam os sinóticos que o véu do templo se rasga de alto a baixo.<sup>405</sup>

Assim se alude a duas coisas: por um lado, torna-se evidente que o período do antigo templo e dos seus sacrifícios terminou; no lugar dos símbolos e dos ritos que remetiam para o futuro, temos agora a própria realidade: Jesus crucificado que nos reconcilia a todos com o Pai. Mas, ao mesmo tempo, o rasgar-se do véu do templo significa que agora está aberto o acesso a Deus. Até então o rosto de Deus estivera velado. [...] Agora o próprio Deus tirou o véu; no Crucificado, Deus manifestou-se como aquele que ama até a morte.<sup>406</sup>

Esse Deus que sofre como os seres humanos não lhes é alheio em seus sofrimentos. Em Cristo todo o sofrimento humano encontra um rosto, isto é, cada sofredor é confundido com o próprio Senhor,<sup>407</sup> os que sofrem estão intimamente ligados a Cristo e à sua missão. A intimidade é tamanha que ocorre de fato a compaixão, um está no lugar do outro e vice e versa, o que é feito em prol de um é feito em prol do outro, e o que de bem não se faz a um é também negado ao outro.<sup>408</sup> Outrossim, o sofrimento de Cristo é até o fim, na sua historicidade na cruz e no tempo – de forma misteriosa – até a recapitulação final, sofrendo com os que sofrem.

### **2.4.1 Sofre até o fim no Espírito Santo**

A cruz e a ressurreição são, pois, causa final da autocomunicação de Deus ao mundo, a qual se chama de Espírito Santo. A vontade salvífica de Deus não encontra causa exterior a ele. A terceira pessoa da Santíssima

---

<sup>404</sup> MÜLLER, 2015, p. 213-214.

<sup>405</sup> Mt 27,51; Mc 15,38; Lc 23,45.

<sup>406</sup> BENTO XVI, 2016, p. 191.

<sup>407</sup> Mt 25,40.

<sup>408</sup> Mt 25,45. Ver também: JOÃO PAULO II, 2009, p. 65-66; SD 30.

Trindade é a *entelêquia* da revelação e da salvação que se dá como comunicação concreta, histórica e aponta para um evento histórico, a saber, a encarnação, morte e ressurreição do Verbo. O ponto alto da mediação do Espírito é o evento crístico, ao passo que ele é o Espírito de Cristo, causa eficiente da encarnação e da cruz.<sup>409</sup> Deste modo, o evento salutar do Calvário é ação trinitária:

[...] a entrega de Jesus à morte [...] realiza-se em virtude do Espírito eterno (Hb 9,14), que há de ser identificado provavelmente com o Espírito Santo do qual fala a carta no mesmo contexto (Hb 9,8). O Espírito foi comparado ao fogo do sacrifício em virtude do qual Jesus leva a cabo seu total oferecimento ao Pai. No mistério pascal acontece sem dúvida o momento fundamental da revelação do mistério de Deus amor, da paternidade e da filiação divina no Espírito Santo. Na morte de Jesus manifestou-se o amor que ele nos tem, mas também o amor do Pai por nós pecadores (Cf. Rm 5,6-10; 8,32.35). O mistério pascal há de ser visto sempre na unidade de morte e ressurreição.<sup>410</sup>

O Espírito é, pois, o amor mútuo entre Pai e Filho, isto é, na própria relação Pai-Filho, na Trindade imanente. Deste modo, as duas pessoas são tais, Pai e Filho, no amor que é a terceira pessoa. Na Trindade econômica o Espírito é o elo de relacionamento entre o Pai e o Filho na realização da missão e da obra deste.<sup>411</sup> Por isso:

[...] o Filho de Deus, Jesus Cristo – como homem –, na oração ardente da sua paixão, permitiu ao Espírito Santo, que já tinha penetrado até o mais profundo a sua humanidade, *transformá-la num sacrifício perfeito* mediante o ato da sua morte, como vítima de amor na Cruz.<sup>412</sup>

---

<sup>409</sup> RAHNER KARL. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. Trad. Alberto Costa. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 373-374.

<sup>410</sup> LADARIA, 2015, p. 82-83.

<sup>411</sup> LADARIA, Luis F. **A Trindade: mistério de comunhão**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2009. p. 217.

<sup>412</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem***. Vaticano: 1986. Não paginado, grifo do autor; DeV 40. Disponível em:

Desta forma, o Espírito acompanha o Cristo até a entrega definitiva, como animador e como testemunho “e é o Espírito que testemunha, porque o Espírito é a Verdade. Porque três são os que testemunham: o Espírito, a água e o sangue, e os três tendem ao mesmo fim”.<sup>413</sup> Ele é quem conduz a Igreja na compreensão do mistério da cruz,<sup>414</sup> no entendimento da ação de Cristo que sofre até o fim pela humanidade. É ele, também, quem permite ao ser humano se unir à *sequela Christi* na qual o indivíduo é convidado à comunhão no amor de Cristo. Ele, o Espírito, é quem permite que a oblação seja agradável e santificada.<sup>415</sup> Do mesmo modo é por meio dele que a humanidade encontra consolação no sofrimento, dado que o próprio Cristo encontrou consolação no Espírito. Assim:

É ele próprio (Cristo) a agir, no mais vivo do sofrimento humano, por meio do seu Espírito de verdade, do Espírito consolador. É ele que transforma, em certo sentido, a própria substância da vida espiritual, indicando à pessoa que está a sofrer um lugar perto de si. É *ele* – como mestre e guia interior – *que ensina* ao irmão e à irmã que sofrem esta *admirável permuta*, que se situa no coração do mistério da redenção.<sup>416</sup>

A linguagem da cruz é, como diz São Paulo, força de Deus para os que se salvam por ela.<sup>417</sup> Deus, de um ícone de morte e sofrimento, faz brotar vida e alegria, dado que a redenção vem, antes de tudo, do sangue derramado na cruz.<sup>418</sup> Essa é, pois, a nova árvore da vida, retomando o texto de Gênesis, e o Cristo é o novo Adão. Sua entrega até o fim é contrassenso para a lógica do pecado que toca o ser humano no mais profundo do seu ser. Sendo o pecado desumano, o que foi operado no Calvário é a retomada que o ser humano faz de sua própria humanidade

---

<[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-etvivificantem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-etvivificantem.html)>. Acesso em: 26 abr. 2022.

<sup>413</sup> 1Jo 5,6-8.

<sup>414</sup> BENTO XVI, 2016, p. 207-208.

<sup>415</sup> BENTO XVI, 2016, p. 215. Ver também: Rm 15,16

<sup>416</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 55, grifo nosso e grifos do autor; SD 26.

<sup>417</sup> 1Cor 1,18.

<sup>418</sup> CATECISMO, 2000, p. 145; CIgC 517.

perdida pelo pecado, o que só se fez possível pela encarnação do Filho de Deus.

#### 2.4.2 A Cruz, nova árvore da vida!

Jesus Cristo fala com os seres humanos através de sua morte na cruz, comunica-lhes “a imperscrutável profundidade do seu sofrimento e do seu abandono”.<sup>419</sup> Por meio da cruz, o último lugar, Cristo fundamenta a humildade radical que redime e auxilia os seres humanos sem cessar.<sup>420</sup> Nela faz-se uma mudança paradigmática acerca do pecado. A partir dela a questão deixa de ser o quanto o pecado de Adão afeta os seres humanos e passa a ser o quanto o perdão operado por Cristo afeta Adão. A teologia cristã deve, pois, abordar o elemento da ancestralidade do pecado a partir do amor, a partir da remissão ocorrida na cruz.<sup>421</sup>

A leitura tipológica da cruz como nova árvore da vida diz respeito a Jesus Cristo como novo Adão, inclusive assumindo a mesma obra modelada. Nesse tocante afirma Santo Ireneu de Lião:

Mas se o primeiro Adão foi tirado da terra e modelado pelo Verbo de Deus, era necessário que este mesmo Verbo, efetuando em si a recapitulação de Adão, tivesse geração semelhante à dele. E, então, por que Deus não tomou outra vez do limo da terra, mas quis que esta modelagem fosse feita por Maria? Para que não houvesse segunda obra modelada e para que não fosse obra modelada diferente da que era salvada, mas, conservando a semelhança, fosse aquela primeira a ser recapitulada.<sup>422</sup>

Para Santo Ireneu, Cristo restitui ao ser humano aquela semelhança originária. Isso faz com que o sujeito humano recobre, por ação da graça, sua real identidade, tendo acesso ao seu drama existencial e capacidade de compreendê-lo. Para o autor, a missão de Jesus Cristo restaura o

<sup>419</sup> JOÃO PAULO II, 2010, p. 23; RH 7.

<sup>420</sup> BENTO XVI, 2011, p. 66; DCE 35.

<sup>421</sup> ALISON, James. **O pecado original à luz da ressurreição**: a alegria de descobrir-se equivocado. Trad. Mauricio G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 379-380.

<sup>422</sup> IRENEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. Trad. Lourenço Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995. p. 189; *Adv. haer.* III, 21,10.

privilégio original humano de ser imagem e semelhança de Deus, retomando para si o que era seu e tinha sido perdido pela ruptura do pecado.<sup>423</sup> Por isso, em Cristo o sofrimento parte do existir humano e encontra sentido como elemento do percurso existencial que rumo à perfeição.

Vale ressaltar o pensamento de São Teodoro Estudita:

Como é bela a imagem da cruz! A sua beleza não oferece mistura de mal e de bem, como outrora a árvore do jardim do Éden. Toda ela é admirável, “uma delícia para os olhos e desejável” (Gn 3,6). É uma árvore que dá a vida e não a morte; a luz e não a cegueira. Que leva a entrar no Éden e não a sair dele. Esta árvore, à qual Cristo subiu como um rei para o seu carro de triunfo, derrotou o diabo, que tinha o poder da morte, e libertou o gênero humano da escravidão do tirano. Foi sobre esta árvore que o Senhor, qual guerreiro de eleição, ferido nas mãos, nos pés e no seu divino peito, curou as cicatrizes do pecado, quer dizer, a nossa natureza ferida por Satanás.<sup>424</sup>

Por fim, vê-se na vida e missão de Cristo o convite aos seres humanos para tomarem parte dos seus sofrimentos. Isso “para conhecê-lo, conhecer o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte”.<sup>425</sup> E São Pedro convida todos à alegria pela participação no sofrimento de Cristo.<sup>426</sup> A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* considera que os cristãos, enquanto membros do Corpo de Cristo – isso é, a Igreja – devem peregrinar na terra: “seguimos as suas pegadas na tribulação e na perseguição, associamo-nos à sua paixão como o corpo à cabeça, e

---

<sup>423</sup> EUFRÁSIO, 2018a, p. 54.

<sup>424</sup> TEODORO ESTUDITA. **A cruz, árvore de vida**. [s.l.], [s.d.]. Não paginado. Disponível em: <<https://www.diocesedeb Blumenau.org.br/site/blog/cruz-arvore-de-vida-sao-teodoro-estudita-759-826-monge-de-constantinopla/>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

<sup>425</sup> Fl 3,10.

<sup>426</sup> “[...] antes, na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação da sua glória possais ter uma alegria transbordante”. (1Pd 4,13).

sofremos com ele para com ele sermos glorificados (Rm 8,17)”.<sup>427</sup> Desta forma, o sofrimento do Corpo, por causa da solidariedade, ocorre de forma única: do corpo aos membros e dos membros ao corpo.

### 2.4.3 O Corpo que sofre: fraternidade no sofrimento

Para o cristianismo o corpo, a matéria, faz parte do próprio processo da fé. Por isso, o mistério crístico está profundamente enraizado em uma teologia unitiva do sujeito humano enquanto ser dotado de corpo e alma. Além disso, pode-se afirmar que não há antropologia cristã se essa não considerar Jesus como o sentido último do ser humano.<sup>428</sup> “Jesus, o Filho, está presente no mundo por seu percurso humano. Ele nasceu nesta Terra, viveu e morreu consumando no sofrimento sua missão [...]”.<sup>429</sup> A partir disso, não se pode desconsiderar a temática corporal do sofrimento e, com ela, compreender o Corpo de Cristo,<sup>430</sup> em si mesmo, como corpo humano, e na Igreja, enquanto realidade mistérica.

Retomando o texto da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* 1, pode-se ver que a realidade sofredora da humanidade é, também, a da Igreja. O Filho de Deus, encarnando-se, padecendo, morrendo e ressuscitando redime os seres humanos, transformando-os em novas criaturas ao associá-los de, forma mistérica, na comunicação de seu Espírito, ao seu Corpo,<sup>431</sup> dado que “[...] fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo [...]”.<sup>432</sup> Poder-se-ia, ainda, falar com São Paulo de uma “identificação mística com o corpo (pessoal) de Cristo. [...]”

---

<sup>427</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 109; LG 7.

<sup>428</sup> DUPUIS, Jacques. **Introdução à cristologia**. Trad. Aldo Vannucchi. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 13.

<sup>429</sup> CORBIN, Alain et. al. **História do corpo: Da Renascença às Luzes**. Trad. Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 23.

<sup>430</sup> “O verdadeiro conceito paulino para Igreja para Igreja do Senhor é, portanto, *Corpo de Cristo*. Corpo significa, em primeiro lugar, em sentido natural, a existência terreno-corporal de Jesus; em segundo lugar, a presença sacramental da humanidade do Senhor glorificado na figura do pão e do vinho na Ceia do Senhor e, em terceiro lugar, a comunhão de vida, que daí resulta, dos fiéis com Jesus Cristo, a cabeça da Igreja, bem como a comunhão de vida recíproca que deriva daí (1Cor 10,16): ‘Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte’ (1Cor 12,27)”. (MÜLLER, 2015, p. 414).

<sup>431</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 107; LG 1.

<sup>432</sup> 1Cor 12,13. Ver também Rm 6,3-4.

participação por identificação mística com a vida de Cristo ressuscitado”.<sup>433</sup>

Fazer parte do Corpo de Cristo é, também, “estar em Cristo”<sup>434</sup>. Isto é, o Cristo morto e ressurreto é para o crente o seu espaço vital, de vida nova. Esse novo modo de ser gera uma nova forma de socialização, dado que, anuladas as antigas estruturas, em Cristo “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.<sup>435</sup> Se antes a solidariedade entre os seres humanos se dava no campo do pecado, em Cristo é solidariedade na graça. Esse ser solidário, ao qual os cristãos são chamados, é a mais plena associação a Cristo:

[...] solidariedade tão especial que existe entre quantos sofrem, entre os pobres, e que a nossa civilização parece ter esquecido, ou pelo menos tem grande vontade de esquecer. Solidariedade é uma palavra que nem sempre agrada; diria que algumas vezes a transformamos num palavrão, não se pode dizer; mas uma palavra é muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridades da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro: as deslocções forçadas, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, a droga, a guerra, a violência e todas aquelas realidades que muitos de vós suportam e que todos estamos chamados a transformar. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história [...].<sup>436</sup>

---

<sup>433</sup> CERFAUX, 2012, p. 265.

<sup>434</sup> *εἰν ὀριστῆς*: 1Cor 30; Gl 3,38; 2Cor 5,17.

<sup>435</sup> Gl 3,28. Ver também: WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*. Trad. Walter O. Schlupp. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. Trad. Ilson Kayser; Luís Marcos Sander; Walter Schlupp. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2012. v. 2. p. 66.

<sup>436</sup> FRANCISCO. **Discurso aos participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares**. Vaticano, 28 out. 2014. Não paginado. Disponível em:

Os crentes são, pois, unificados pelo batismo, pela profissão de uma única e mesma fé e, pela ceia do Senhor, são chamados à comunhão. Estar em comunhão com Cristo, ser parte de seu Corpo, não se fecha no relacionamento vertical, mas se plenifica na horizontalidade relacional entre os seres humanos: “[...] na comunhão recíproca dos crentes e na participação comum nos sofrimentos e nas alegrias de todos os membros do único corpo de Cristo [...]”.<sup>437</sup>

Nessa mesma direção reflete o magistério latino-americano e caribenho ao dizer que:

No rosto de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, maltratado por nossos pecados e glorificado pelo Pai, nesse rosto sofrido e glorioso, com o olhar da fé podemos ver o rosto humilhado de tantos homens e mulheres de nossos povos e, ao mesmo tempo, sua vocação à liberdade de filhos de Deus, à plena realização de sua dignidade pessoal e à fraternidade entre todos. A Igreja está a serviço de todos os seres humanos, filhos e filhas de Deus.<sup>438</sup>

O cristão, membro desse Corpo de Cristo que padece no sofrimento de seus membros, é chamado à fraternidade. Jesus Cristo é o vértice insuperável dessa perspectiva, dado que nele se reconhece “o amor incomensurável e transcendente do *Deus-conosco*, que assume as enfermidades do seu povo, caminha com ele, salva-o e o constitui na unidade”.<sup>439</sup> A fraternidade é, portanto, a chave capaz de ligar todos os seres humanos em rede, rompendo com o vírus do individualismo e se aproximando dos sofredores relegados ao abandono na sociedade contemporânea. É só com a fraternidade que os princípios da liberdade e da igualdade alcançam o seu verdadeiro propósito.<sup>440</sup>

---

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/document\\_s/papa-francesco\\_20141028\\_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/document_s/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html)>.

Acesso em: 28 abr. 2022.

<sup>437</sup> MÜLLER, 2015, p. 414.

<sup>438</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 25; DAp 32.

<sup>439</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 119; CDSI 196. Ver também: CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 574-575; GS 32.

<sup>440</sup> FRANCISCO, 2020, p. 58-59; FT 103-105.

### 3 DO SOFRIMENTO AO AMOR: HUMANISMO INTEGRAL

O terceiro capítulo *propõe a transformação do sofrimento em atos de amor em vista do humanismo integral*. Isso é, após *ver* a realidade do sofrimento humano e *julgá-lo* à luz de Jesus Cristo, *propõe-se* sua transformação, *agir* perante o sofrimento, ainda que conscientes de que não é possível superá-lo *in totum* neste espaço-tempo. Apenas quando a finitude for cessada pela recapitulação final é que se fará possível o findar da realidade do sofrimento. Entretanto, em Cristo já se faz possível experimentar, mesmo que não totalmente, o estado de perfeição que é eterno.

O exemplo de Jesus perante o seu próprio sofrimento é o de uma passividade-ativa. Ele, mesmo sofrendo sem revidar, transforma todo o sofrimento em algo novo, insere-o no campo da redenção. De fato, “o Evangelho é a negação da passividade diante do sofrimento”.<sup>441</sup> No projeto messiânico de Cristo, na implantação do Reino de Deus, o sofrimento é via de desencadeamento do amor.<sup>442</sup> Deste modo, a atitude de Jesus perante os sofrimentos dos outros é a de cuidado:

Um dos dados que, com maior garantia histórica, podemos afirmar de Jesus é a sua proximidade e atenção preferencial pelos doentes: pelos leprosos, pelos deficientes físicos ou mentais, pelos desvalidos, pelos loucos, homens e mulheres incapazes de abrir o seu caminho na vida. Quando ele entra numa cidade ou numa aldeia, o seu mundo preferido é esse submundo de doentes a quem negam a dignidade e até os direitos mínimos, sem os quais a vida não se pode considerar humana.<sup>443</sup>

A busca ativa por “solucionar” os problemas relativos ao sofrimento, ou de minimizá-los, move o ser humano em busca de algo exterior a ele. Se o sofrimento está associado à finitude e ao espaço-tempo, a transformação dele reside naquilo que transcende toda essa realidade e que a ela dá pleno sentido. Quando assume a realidade imanente, o Verbo eleva-a à transcendência. Por isso a *Gaudium et Spes* 22 afirma que:

---

<sup>441</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 65; SD 30. Ver também: Lc 4,18-19; Is 61,1-2; Mt 25,34-36.40.

<sup>442</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 66; SD 30.

<sup>443</sup> PAGOLA, 2015, p. 15-16.

“Imagem de Deus invisível” (Col 1,15), ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, nele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo, também em nós foi ela elevada a sublime dignidade.<sup>444</sup>

Essa busca ativa moveu a humanidade na direção de algo mais, exterior a ela mesma. Santo Agostinho, que procurou com afincos a verdade, em sua obra *Confissões* afirma a Deus: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.<sup>445</sup> O coração inquieto que deseja o verdadeiro repouso está sempre em busca de um sentido. Frei Clodovis Boff diz que:

De fato, o homem está “condenado ao sentido”, como está condenado à liberdade. A própria negação de um sentido último é uma contradição performativa: negar um sentido último leva, na prática, a ultimar um sentido penúltimo.<sup>446</sup>

Assim, o ser livre em Cristo é, também, um ser que anseia por sentido. Hoje, grande parte dos sujeitos acreditam encontrar sentido em si mesmos (antropocentrismo), ou então no campo financeiro, ou do prestígio perante a sociedade. Entretanto, o sentido máximo para o cristianismo reside na indivisível relação que há entre o amor a Deus e ao próximo, um exigindo estritamente o outro, dado que o amor a Deus é mentira quando não há amor ao próximo e esse é via de encontro com Deus.<sup>447</sup> Saint-Exupéry, por sua vez, afirma que: “Urge conquistar um sentido para a vida dos homens”.<sup>448</sup> Mas permanece no íntimo do ser humano a indagação: *como encontrar este sentido em meio ao sofrimento?*

---

<sup>444</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 563; GS 22.

<sup>445</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984. p. 16; *Conf.* I,1,1.

<sup>446</sup> BOFF, 2014, p. 360.

<sup>447</sup> BENTO XVI, 2011, p. 30; DCE 16.

<sup>448</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Um sentido para a vida*. Trad. Ruy Belo. 2. ed. Lisboa: Aster, sem data. p. 19.

### 3.1 CRIATIVIDADE E SENTIDO

Encontrar sentido para a vida talvez seja a mais humana de todas as necessidades. Tendo trilhado o caminho dos capítulos antecedentes pode-se afirmar que Jesus Cristo é o sentido pleno da vida de cada ser humano e, o seu seguimento, o modo de colocar em prática o existir segundo Deus. A *Gaudium et Spes* reflete isso, dado que a pessoa humana é tida, claramente, como *Imago Dei* em um duplo sentido: funcional e ontológico.<sup>449</sup>

Este ponto, então, compreende a cristologia ascendente. Não se quer, pois, fazer aqui distinção entre as cristologias (descendente e ascendente), mas entender o ato salutar de Deus em sua ação plena, visto que encarnação e mistério pascal se compreendem em um único movimento da gesta salvadora da Trindade. O Verbo que se esvazia de sua divindade é o mesmo que assume todo o ser humano.

Com isso, retorna-se às fontes patrísticas de Santo Ireneu e Tertuliano que consideram Cristo como o “[...] centro da intenção criadora de Deus. Na unicidade de sua pessoa encarnada, ele é para o homem ao mesmo tempo a revelação do homem e a revelação de Deus”.<sup>450</sup> Por isso, o mistério do Cristo encarnado, visto à luz da cruz, escancara, simultaneamente, a revelação do ser humano e de Deus.<sup>451</sup> Ratifica-se, pois, o que foi apresentado, crendo que uma antropologia boa, bela e verdadeira é, necessariamente, cristocêntrica.<sup>452</sup> Em Cristo encontra-se o sentido e a plenitude da vida humana, pois se compreende

---

<sup>449</sup> EUFRÁSIO, 2018a, p. 27.

<sup>450</sup> SESBOÛÉ; WOLINSKI, 2015, p. 406-407.

<sup>451</sup> EUFRÁSIO, 2018a, p. 28. Ver também: JOÃO PAULO II. *Ângelus*. Vaticano, 11 jan. 2004. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_20040111.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf_jp-ii_ang_20040111.html)>. Acesso em: 09 mai. 2022.

<sup>452</sup> “*As criaturas, todas elas, trazem em si certa semelhança com Deus, muito particularmente o homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Por isso as múltiplas perfeições das criaturas (sua verdade, bondade e beleza) refletem a perfeição infinita de Deus. Em razão disso podemos falar de Deus a partir das perfeições de suas criaturas, ‘pois a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor’ (Sb 13,5)”. (CATECISMO, 2000, p. 25-26, grifo do autor; CIGC 41).*

“[...] a salvação como integração de todas as dimensões do ser humano em Jesus Cristo”.<sup>453</sup>

### 3.1.1 Criatividade do sofrimento

Para responder à indagação acerca do sentido, São João Paulo II propõe o caráter criativo que há no sofrimento:

O sofrimento de Cristo criou o bem da redenção do mundo. Este bem é em si mesmo inexaurível e infinito. Ninguém lhe pode acrescentar coisa alguma. Ao mesmo tempo, porém, Cristo, no mistério da Igreja, que é o seu Corpo, em certo sentido abriu o próprio sofrimento redentor a todo o sofrimento humano.<sup>454</sup>

O caráter criativo é, sempre, um ato de amor; atos de desamor são destrutivos. A remissão ocorre neste ato de amor de Jesus que “[...] tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”.<sup>455</sup> Nessa criatividade não se encontra, apenas, um significado para o sofrimento, mas também uma utilidade dinâmica e fecunda para ele. O cristão é convidado a se associar ao sofrimento criador de Cristo, participando de seu caráter redentor.<sup>456</sup> É isto que São Paulo afirma na Epístola aos Colossenses: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta às tribulações de Cristo em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja”.<sup>457</sup> O cristão, unido a Cristo e ao seu sofrimento, abraçando a cruz que lhe cabe, deve anteciper o novo céu e a nova terra, na qual habitará a justiça.<sup>458</sup>

Nesse contexto, observa-se o sacerdócio régio de Cristo segundo a Epístola aos Hebreus:

---

<sup>453</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (Org.); AMARAL, Miguel de Salis (Org.). **As constituições do Vaticano II – ontem e hoje**. Brasília: CNBB, 2015. p. 245.

<sup>454</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 47-48; SD 24.

<sup>455</sup> Jo 13,1.

<sup>456</sup> LARRAÑAGA, Ignácio. **Sofrimento e paz**: para uma libertação pessoal. Trad. José Calos Pedroso. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 193.

<sup>457</sup> Cl 1,24.

<sup>458</sup> 2Pd 3,13; Ap 21,1.

Porquanto todo Sumo Sacerdote, tirado do meio dos homens é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus. Sua função é oferecer dons e sacrifícios pelos pecados. [...] E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento [...].<sup>459</sup>

A expressão obediência, estritamente, vem a significar que Jesus assume o sofrimento de forma pessoal, ativa, consciente e voluntária oferecendo o seu sofrimento como abertura a todos os seres humanos.<sup>460</sup> Ademais, convida todos à associação em seu sofrimento, completando cada qual em si mesmo a redenção operada por ele na cruz. Isso não significa que ela não seja completa, mas “[...] que a redenção, operada em virtude do amor satisfatório, permanece *constantemente aberta a todo o amor* que se exprime *no sofrimento humano*”.<sup>461</sup>

Tal associação se dá mediante a Igreja enquanto seu Corpo, essa que é continuadora da obra da redenção. É nesse contexto, também, que se compreende o sacerdócio comum dos fiéis, dado que – incorporados à Igreja por meio do batismo, fortalecidos pelo Espírito na confirmação – oferecem, no sacrifício eucarístico, a própria vítima divina e a si mesmos.<sup>462</sup> Além disso, todos os que compõem o povo de Deus, em suas vidas, são chamados ao sacrifício de louvor que se dá na fé e na caridade.<sup>463</sup> Dessa forma, todos os cristãos são chamados ao sacrifício, unindo inteiramente o seu ser e o seu existir a Cristo. Não em uma experiência, simplesmente, ideal, desenraizada, mas sim de forma real e enraizada na própria finitude do existir humano:

No interior desse organismo que chamamos de Igreja existe uma intercomunicação de saúde e de doença, de bem e de mal-estar, de graça e de pecado [...]. [...] Todos os batizados do mundo estamos misteriosamente intercomunicados. O mistério opera por baixo de nossa consciência.<sup>464</sup>

---

<sup>459</sup> Hb 5,1.8.

<sup>460</sup> LARRAÑAGA, 2013, p. 190.

<sup>461</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 48, grifo do autor; SD 24.

<sup>462</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 116; LG 11.

<sup>463</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 117-118; LG 12.

<sup>464</sup> LARRAÑAGA, 2013, p. 194-195.

Entretanto, tal intercomunicação não se restringe à comunidade dos fiéis. A missão redentora a qual cada cristão adere pelo batismo e que é chamado a tornar o *leitmotiv* de seu existir é ainda mais profunda, toca todo o gênero humano. O cristão é o sal da terra e a luz do mundo, sem o qual o mundo perde sabor e cor.<sup>465</sup> A *Gaudium et Spes* considera a sublime vocação humana como depósito do germe divino em vista dessa fraternidade universal, como continuação da obra de Cristo.<sup>466</sup> Por isso, a criatividade do sofrimento está em vista do novo homem e da nova humanidade.

De fato, apenas no encontro com Deus é que se deixa de “[...] ver no outro, sempre e apenas, o outro [...]”,<sup>467</sup> dado que passa a ver em cada ser humano o próximo em toda a sua dignidade intransferível. Assim, a Igreja, em todo o seu ser, enquanto atua na caridade, busca a promoção integral do ser humano e, por isso, volta os seus esforços para a promoção humana e fraterna.<sup>468</sup> O cristão se inclina, desse modo, a todos os outros e, enquanto membro do Corpo, move-se em direção da redenção ao se aproximar do sofrimento. Unindo-se aos que sofrem e abraçando sua própria cruz, assume a retaguarda de Cristo, seguindo-o até a morte e permitindo a própria recriação constante. Os atos verdadeiramente humanos unem-se à remissão operada por Cristo e se tornam, também eles, redentores por participação.<sup>469</sup>

Assim, ocorre de fato uma verdadeira *virada antropológica*.<sup>470</sup> Não no sentido tradicionalmente conhecido, mas em vista de que, o ser humano, compreendendo-se inteiramente amado por Deus, torna-se *repetidor* desse amor, dado que não é princípio, mas recebe da fonte e, ao estar nela, faz haurir de si o amor. O ser humano se volta aos seus iguais a partir de Deus. Portanto, cumpre-se o que foi dito por Cristo: “Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei,

<sup>465</sup> Mt 5,13-16.

<sup>466</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962, p. 541; GS 3.

<sup>467</sup> BENTO XVI, 2011, p. 33; DCE 18.

<sup>468</sup> BENTO XVI, 2009, p. 16; CV 11.

<sup>469</sup> LARRAÑAGA, 2013, p. 193.

<sup>470</sup> “A virada antropológica consiste basicamente em resgatar a implicação do ser humano em todo enunciado teológico”. (SUREKI, Luiz Carlos. A virada antropológica da Teologia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO, XII, 2016, Belo Horizonte. *Anais* [...]. Belo Horizonte: FAJE, 2016. p. 13. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/simposio2016/arquivos/seminarios/Luiz%20Carlos%20Sureki.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2022.)

amai-vos também uns aos outros”.<sup>471</sup> Voltam-se, pois, uns aos outros na compreensão da dignidade ontológica do ser humano.

### 3.1.2 O sentido do sofrimento cristão

Há, pois, na realidade do sofrimento, a completude da revelação de Deus, dado que a verdade suprema da pregação de Jesus é o próprio revelar do amor do Pai.<sup>472</sup> Assim, o Evangelho manifesta a força e o significado salvíficos “[...] do sofrimento na missão messiânica de Cristo e, em seguida, na missão e na vocação da Igreja”.<sup>473</sup> O sentido do sofrimento reside justamente nisso, ele é o operador da redenção. Se não houvesse o sofrimento de Jesus até o fim, não haveria a redenção querida por Deus em seus próprios moldes, porque o amor de Deus é totalizante, ele ama até entregar-se totalmente.

Jesus Cristo faz do sofrimento “[...] a base mais sólida do bem definitivo, ou seja, do bem da salvação eterna”.<sup>474</sup> Além disso, o ser humano só consegue dar sentido ao seu sofrimento por meio da adesão pessoal à cruz. Só se descobre tal sentido salvífico “[...] ao nível do sofrimento de Cristo [...]” e não em um nível puramente imanente, lógico ou racional.<sup>475</sup> Isso é, apenas na conjugação da missão de Jesus, como o Cristo do Pai, e da sua encarnação, que o permite chegar à cruz e ao sofrimento enquanto Deus e homem, é que se pode dar significado para o sofrer de cada ser humano na participação do sofrimento de Cristo. Por fim, em última instância, o significar do sofrimento é matéria e ato de fé.

A pessoa que sofre, completando o que falta aos sofrimentos de Cristo, unida intimamente ao Redentor, colabora com Cristo para a salvação dos seus irmãos e irmãs. Logo, o sofrimento não é inútil, mas, sim, um serviço insubstituível à humanidade. O sofrimento é “[...] *autor dos bens* indispensáveis para a salvação do mundo”.<sup>476</sup> Em uma sociedade altamente secularizada e avessa ao sofrimento, a ponto de acorrer à

---

<sup>471</sup> Jo 13,34.

<sup>472</sup> FRANCISCO. **Audiência Geral**. Vaticano, 04 ago. 2021. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2021/08/04/ocumonts/papa-francesco\\_20210804\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2021/08/04/ocumonts/papa-francesco_20210804_udienza-generale.html)>. Acesso em: 17 mai. 2022.

<sup>473</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 52; SD 25.

<sup>474</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 56; SD 26.

<sup>475</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 58; SD 26.

<sup>476</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 58, grifo do autor; SD 27.

analgésia, o sofrimento compreendido como *opus salutis* é testemunho crucial para a continuação da missão de Cristo e da Igreja.

Retornando à *Gaudium et Spes*, compreende-se sua antropologia de fundo como cristocêntrica. Ela possui dois momentos: Cristo como revelador da pessoa humana e como resposta ao drama existencial humano.<sup>477</sup> Tal drama existencial, permeado de sofrimentos, encontra sentido na vicariedade do Redentor, uma vez que o “[...] mistério de Deus desvela-se na história [...]” tornando-se convite ininterrupto de inserção histórica enquanto participação na obra de Deus.<sup>478</sup> Por seu sofrimento, a pessoa humana se torna artífice de salvação pessoal e comunitária como participação na única salvação realizada por Cristo.

Opera-se, deste modo, aquela solidariedade querida por Deus desde a criação. Os seres humanos não são seres fechados em si mesmos, mas são seres comunionais. São Paulo VI afirma claramente isso ao dizer que: “A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever”.<sup>479</sup> Além disso, na mesma Carta Encíclica *Populorum Progressio* unem-se sofrimento e solidariedade:

[...] o próprio sofrimento, aceito por amor dos nossos irmãos, é portador de progresso para toda a família humana. Os cristãos sabem que a união ao sacrifício do Salvador contribui para a edificação do Corpo de Cristo na sua plenitude: o povo de Deus reunido.<sup>480</sup>

Além disso, a solidariedade entre os seres humanos é a maior promotora da paz. “*Opus solidaritatis pax*: a paz é fruto da solidariedade”.<sup>481</sup> Os documentos da Doutrina Social da Igreja analisam a solidariedade em sua dimensão mais existencial, como “[...] princípio social ordenador das instituições [...]”.<sup>482</sup> Já, no campo do sofrimento, as duas realidades – ser e existir –, são totalmente comunicantes, interpenetradas, dado que falam do ser humano em sua totalidade. Da mesma forma, o inverso é também verdadeiro, pois quando o ser humano oferece o seu sofrimento como união a Cristo, por meio da fé, já se inicia nele o processo de transformação das realidades existenciais. Com efeito,

---

<sup>477</sup> HACKMANN, 2015, p. 245.

<sup>478</sup> EUFRÁSIO, 2018a, p. 31.

<sup>479</sup> PAULO VI, 2009, p. 18; PP 17.

<sup>480</sup> PAULO VI, 2009, p. 61; PP 79. Ver também: LG 13.

<sup>481</sup> JOÃO PAULO II, 1988, p. 75, grifo do autor; SRS 39.

<sup>482</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 117; CDSI 193.

a fé não está no *mundo das ideias*, mas é realidade e processo de transformação do ser e do existir.

Por isso, ratifica-se que é dever do cristão o ofertar de si e do seu sofrimento em prol da humanidade. Isso, porque “Cristo ensinou o homem a *fazer o bem com o sofrimento* e, ao mesmo tempo, a *fazer o bem a quem sofre*. Sob este duplo aspecto, revelou cabalmente o sentido do sofrimento”.<sup>483</sup> O ensinamento do Mestre aos discípulos não é de estagnação ou alienação perante o sofrimento. Pelo contrário, a mensagem evangélica é de ação perante as mais diversas circunstâncias contrárias a Deus e a seu Reino. A missão messiânica de Jesus é, justamente, conflitante em relação ao mundo do sofrimento humano. Jesus Cristo, com sua vida, confirma que a presença do sofrimento no mundo está para desencadear amor.<sup>484</sup>

Daniélou afirma acerca da dor e da morte que: “elas não são de modo algum más. São criaturas de Deus como as outras. É a lei do organismo animal, quando atingiu a sua maturidade, quando comunicou a vida, ‘voltar ao pó’”.<sup>485</sup> A partir disso, o ser humano, especialmente o cristão, deve se tornar artífice do *humanismo integral*, construindo a *civilização do amor*. Uma vez que o próprio Senhor respondeu à morte com a vida, ao sofrimento com a doação de si aos outros. Do mesmo modo, devem as criaturas, a exemplo do Filho, transformarem os seus sofrimentos em atos de amor por meio da promoção do *humanismo integral*.

### 3.2 A PROMOÇÃO DO HUMANISMO INTEGRAL

A ideia do *humanismo integral*, forjada por Jacques Maritain, considera a necessidade de uma filosofia: social e da história de caráter são. Trata-se de substituir o regime inumano da contemporaneidade por uma nova era civilizatória caracterizada, justamente, por um *humanismo* de base cristã.<sup>486</sup> Para ele:

Este novo humanismo, sem medida comum com o humanismo burguês, e tanto mais humano quando menos adora o homem, mas respeita realmente e

<sup>483</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 67, grifo do autor; SD 30.

<sup>484</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 65-67; SD 30.

<sup>485</sup> DANIÉLOU, Jean, 1966. p. 73-74.

<sup>486</sup> MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**: uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afrânio Coutinho. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. p. 7.

efetivamente a dignidade humana e dá direito às exigências integrais da pessoa, nós o concebemos como que orientado para uma realização social-temporal desta atenção evangélica ao humano, a qual não deve existir somente na ordem espiritual, mas incarna-se, e também para o ideal de uma comunidade fraterna. Não é pelo dinamismo ou pelo imperialismo da raça, da classe ou da nação que ele pede aos homens de se sacrificarem, mas por uma vida melhor para os seus irmãos, e pelo bem concreto da comunidade das pessoas humanas; pela humilde verdade da amizade fraterna a fazer passar – ao preço de um esforço constante e difícil, e da pobreza, – na ordem do social e das estruturas da vida comum; é deste modo somente que um tal humanismo é capaz de engrandecer o homem na comunhão, e é por isto que ele não poderia ser outro senão um humanismo heroico.<sup>487</sup>

O pensamento maritainiano busca a conciliação entre o espiritual e o corpo social, uma vez que não se pode conceber um ser humano que dissocia vida sacral e social.<sup>488</sup> A partir dessa proposta é possível retornar a um centro integrador do sujeito, isso é, um novo parâmetro para que o sujeito se contraponha ao sofrimento. Quanto mais estruturada a integridade do sujeito, maior será o sentido dado ao sofrimento e, dessa forma, maior será a oblação e menor será a apatia perante o sofrer. Assim, esse se torna verdadeiramente vicário e repete-se o que disse o Apóstolo na Epístola aos Colossenses: “Agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta às tribulações de Cristo em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja”.<sup>489</sup>

De fato:

É este o sentido do *humanismo integral* de Maritain, que conecta o humano e o divino, a razão e a fé, a liberdade e a graça, a sociedade civil e a

---

<sup>487</sup> MARITAIN, 1965, p. 7-8.

<sup>488</sup> EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. Humanismo integral segundo Jacques Maritain: a pessoa humana como ser de relação e promotora de dignidade. **International Studies on Law and Education**: revista do CEMOrOc-Feusp/IJI-Univ. do Porto, São Paulo, [s.v], n. 28, p. 85-92, jan./abr. 2018b. p. cit. 86.

<sup>489</sup> Cl 1,24.

comunidade cristã, enfatizando que o homem está neste mundo para cultivá-lo e para povoá-lo, mas em vista do fim último, que é a contemplação de Deus. Essa filosofia cristã, que não desvaloriza os valores humanos, não os considera meios, mas fins infravalentes, ligados com o fim último, e que nasce da mensagem evangélica, que nos recorda que o valor último do comportamento humano diz respeito propriamente à realização dos fins intermediários “ter alimentado os famintos... ter visitado os doentes...” (Mt 25,31-46). O homem não é estranho a este mundo, mas este mundo não basta ao homem.<sup>490</sup>

Por isso, Maritain propõe o fim da dicotomia entre cristianismo e humanismo, forçada pelo renascimento moderno, a partir da compreensão de um teocentrismo humanista,<sup>491</sup> ou seja, uma antropologia verdadeiramente cristocêntrica. Para o autor, a partir disso o ser humano passa a “ver o outro não como um objeto ou instrumento de manipulação, mas como fim em si mesmo”.<sup>492</sup> E ainda, tal alteridade faz com que todos se sintam amados e acolhidos. A vida de santidade, segundo ele, é marcada por essa “[...] grandeza verdadeiramente super-humana, pois então a dor humana desvenda os olhos, e é suportada por amor, – não na renúncia à alegria, mas em uma sede maior, e na exultação da alegria”.<sup>493</sup> Maritain sugere uma mudança relacional entre os seres humanos, considerando a dignidade única de cada pessoa a partir da sua divina dignidade.

---

<sup>490</sup> “È questo il senso dell’*Umanesimo integrale* di Maritain, che raccorda l’umano e il divino, la ragione e la fede, la libertà e la grazia, la società civile e la comunità cristiana, sottolineando che l’uomo è in questo mondo per coltivarlo e per popolarlo, ma in vista del fine ultimo, che è la contemplazione di Dio. Questa filosofia cristiana, che non svaluta i valori umani, non li considera *mezzi*, ma *fini infravalenti*, ricordati con il *fine ultimo*, nasce dal messaggio evangelico, che ci ricorda come la valutazione ultima del comportamento umano riguarda proprio la realizzazione dei fini intermedi ‘l’aver dato da mangiare all’affamato... l’aver visitato l’ammalato...’ (Mt 25,31-46). L’uomo non è estraneo a questo mondo, ma questo mondo non basta all’uomo.” (VIOTTO, Piero. **Il pensiero contemporaneo secondo J. Maritain**. Roma: Città Nuova, 2012. p. 298-299, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>491</sup> EUFRÁSIO, 2018b, p. 86.

<sup>492</sup> EUFRÁSIO, 2018b, p. 88.

<sup>493</sup> MARITAIN, 1965, p. 5.

### 3.2.1 Do relacionamento inumano ao humano

Como já observado, grande parte do sofrimento de um sujeito é fruto de fatores externos, circunstanciais, que, muitas vezes, são causados por outros seres humanos ou, então, por sistemas, estruturas que geram realidades de desidentificação da pessoa humana. Por muitas vezes, aos sofrendores são negados os direitos inerentes à sua humanidade, direitos naturais e sociais. O *humanismo integral* quer, justamente, inverter essa lógica, transformando relacionamentos inumanos em humanos. Uma mudança constitutiva do ser e agir dos seres humanos a partir do exemplo de Cristo, transformando-os em novos homens, pelo fruto do Espírito, como apresentado por São Paulo:

Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. Contra estas coisas não existe Lei. Pois os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos.<sup>494</sup>

O Apóstolo discorre, ainda, sobre o fim da inimizade entre judeus e gentios:

Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro da separação e suprimindo em sua carne a inimizade – a lei dos mandamentos expressa em preceitos –, a fim de criar em si mesmo um só homem novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só corpo, por meio da cruz, na qual ele matou a inimizade.<sup>495</sup>

Nesse tocante, Cristo, por meio de sua cruz, aniquila a inimizade e permite o acesso à paz divina.<sup>496</sup> A crucifixão, o maior de todos os sofrimentos, é o rompimento definitivo entre as barreiras que dividem os seres humanos. Fazendo deles novos homens, cristãos de fato, as próprias amarras do pecado, que furtam a dignidade dos outros, são também rompidas. Com isso, a desumanidade deixa de existir para que

---

<sup>494</sup> Gl 5,22-24.

<sup>495</sup> Ef 2,14-16. Ver também: Cl 3,10s e Gl 3,27s.

<sup>496</sup> CERFAUX, 2012, p. 115.

superabunde a humanidade, pois: “[...] onde avultou o pecado, a graça superabundou [...]”.<sup>497</sup> A ideia de reconciliação, operada por Cristo, é lida no contexto do quinto capítulo da Epístola aos Romanos, isso é, na obediência e na justiça.<sup>498</sup>

O relacionamento humano, de fato, é fraternal. Maritain afirma que o princípio dinâmico da vida e da obra comum:

[...] seria a ideia, – não estoica nem kantiana, mas evangélica – da dignidade da pessoa humana e de sua vocação espiritual, e do amor fraternal que lhe é devido. A obra da cidade seria realizar uma vida comum terrena, um regime temporal verdadeiramente conforme a esta dignidade, a esta vocação e a este amor. Estamos dela bem distantes para estarmos certos de que não faltará trabalho! É uma obra árdua, paradoxal e heroica; não comporta absolutamente o humanismo da tibieza.<sup>499</sup>

Transformar as relações inumanas em humanas é, factualmente, algo que exige do sujeito humano despojamento, saída de si para ir ao encontro dos que sofrem. Nessa mesma direção, o papa Francisco afirma que a “[...] saída de si próprio para o irmão [...]” constitui um mandamento, uma norma moral, “[...] em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus”.<sup>500</sup> Além disso, o serviço da caridade é constitutivo da Igreja, faz parte da sua essência<sup>501</sup> e, por isso, também pertence ao ser do novo homem em Cristo.

Para esse percurso, propõe-se o amor político que se dá por meio da justiça e da caridade social, fomentando uma economia prudente que sirva à humanidade. A justiça precisa penetrar completamente as instituições, “[...] constituindo uma ordem jurídica e social que informe toda a economia, e cuja alma seja a caridade”.<sup>502</sup> Acresce-se a isso o que

---

<sup>497</sup> Rm 5,20.

<sup>498</sup> Rm 5,18-19. Ver também: CERFAUX, 2012, p. 114-117.

<sup>499</sup> MARITAIN, 1965, p. 161.

<sup>500</sup> FRANCISCO, 2013, p. 148; EG 179.

<sup>501</sup> BENTO XVI. **Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio *Intima Ecclesiae Natura***. Vaticano: 2012. Não paginado. Proémio. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_b-en-xvi\\_motuproprio\\_20121111\\_caritas.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_b-en-xvi_motuproprio_20121111_caritas.html)>. Acesso em: 31 mai. 2022.

<sup>502</sup> PIO XI. **Carta Encíclica *Quadragesimo Anno***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 51-52; QA 88.

diz a *Fratelli Tutti* ao versar sobre o amor político que ocorre quando todos são reconhecidos como irmãos e irmãs. Os esforços nessa direção constituem um nobre ato de caridade.<sup>503</sup>

### 3.2.2 A civilização do amor é construtiva

A caridade, testemunhada por Jesus em sua vida, é força motriz do verdadeiro desenvolvimento da pessoa e da humanidade. O amor impulsiona os sujeitos ao comprometimento com a justiça e a paz. “Em Cristo, a *caridade na verdade* torna-se o rosto da sua pessoa, uma vocação a nós dirigida para amarmos os nossos irmãos na verdade do seu projeto”.<sup>504</sup> O cardeal Angelo Sodano, citando São Paulo VI, assim define a relação entre a civilização e o amor:

Qual é a relação entre a civilização cristã e o amor? É o fato de que o amor tem a função de “princípio vital” e de alma da cultura e da civilização. Assim se expressava Paulo VI: “Olhamos para o evento histórico no qual nos encontramos; e então, sempre observando a vida humana, gostaríamos de abrir o caminho do melhor bem-estar e da melhor civilização, animados pelo amor, entendendo por civilização o complexo de condições morais, civis, econômicas, que permitem à vida humana sua melhor possibilidade de existência, sua razoável plenitude, seu feliz destino eterno”.<sup>505</sup>

São Paulo VI cunha o termo civilização do amor a partir dos conceitos de *amizade*, utilizado por Leão XIII, e de *caridade social*,

<sup>503</sup> FRANCISCO, 2020, p.95; FT 180.

<sup>504</sup> BENTO XVI, 2009, p. 4, grifo do autor; CV 1.

<sup>505</sup> “Qual è il rapporto tra civiltà cristiana e amore? È il fatto che l’amore ha la funzione di ‘principio vitale’ e di ‘anima’ della cultura e della civiltà. Così si esprimeva Paolo VI: ‘Noi guardiamo alla vicenda storica, nella quale ci troviamo; e allora, sempre osservando la vita umana, noi vorremmo aprirle vie di migliore benessere e di civiltà, animata dall’amore, intendendo per civiltà quel complesso di condizioni morali, civili, economiche, che consentono alla vita umana una sua migliore possibilità di esistenza, una sua ragionevole pienezza, un suo felice eterno destino.’” (SODANO, Angelo. *La Civiltà dell’Amore. Alpha Omega: Ateneo Pontificio Regina Apostolorum*, Roma, v. 6, n. 3, p. 323-336, 2003. p. 332, tradução nossa).

utilizado por Pio XI.<sup>506</sup> Compreende-o estruturado em dois termos: a *vida* e a *paz*. Entretanto, permanece a pergunta: é possível irmanar ambos os conceitos? Assim ele responde:

Respondemos em termos que poderão ser inacessíveis para todos aqueles que têm fechado o horizonte da realidade por um ângulo visual só natural. É preciso recorrer àquele mundo religioso que nós chamamos “sobrenatural”. É necessária a fé para descobrir aquele sistema de eficiências operantes no conjunto das vicissitudes humanas, onde a obra transcendente de Deus se vem enxertar e assim as habilita para efeitos superiores, humanamente falando impossíveis. É necessária a religião, a religião viva e verdadeira, para os tornar possíveis. É precisa a ajuda do “Deus da paz” (Fl 4, 9).<sup>507</sup>

É, verdadeiramente, um processo no qual fé e boa vontade constroem, juntas, uma civilização onde reine o amor. O amor é, pois, a maneira de Deus se relacionar, ao interno da Trindade e com os seres humanos. Da mesma forma, esses relacionam-se com aquele por meio de respostas de amor, única ação capaz de realizar o sujeito e iluminar toda a realidade da vida.<sup>508</sup> O Catecismo afirma: “a imagem divina está presente em cada homem. Resplandece na comunhão das pessoas, à semelhança da unidade das pessoas divinas entre si”.<sup>509</sup> A vida comunal do ser humano é espelho da comunhão em Deus. Devido à criação do ser humano como imagem e semelhança, o verdadeiro *self* do sujeito humano é reflexo, cumprimento, do desejo criacional.

Além disso, é preciso compreender que a proposta da *civilização do amor* não é desenraizada, simples espiritualização da realidade. Mas se dá mediante a prática concreta da caridade que brota da vida de fé, do relacionamento com Deus, do saber-se amado. Côncios do amor irrestrito de Deus, os seres humanos se compreendem como artífices da

---

<sup>506</sup> JOÃO PAULO II, 1991, não paginado; CA 10.

<sup>507</sup> PAULO VI. **Mensagem para a celebração do X Dia Mundial da Paz.** Vaticano, 08 dez. 1976. Não paginado, grifo do autor. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19761208\\_x-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19761208_x-world-day-for-peace.html)>. Acesso em: 01 jun. 2022.

<sup>508</sup> SODANO, 2003, p. 335.

<sup>509</sup> CATECISMO, 2000, p. 467; CIGC 1702.

*civilização do amor*, pois os que fazem experiência do amor se tornam, por sua vez, promotores do amor. A partir disso, deve-se olhar para a sociedade equacionando os problemas sociais, geralmente causados pelo egoísmo humano, frutos do pecado. A nova civilização dar-se-á de acordo com a busca humana de verdades permanentes e eternas, que transcendem o sujeito e que deixam marcas vestigiais,<sup>510</sup> testemunhais, especialmente na vida de Cristo e dos santos. Por isso, a ação precisa considerar a realidade julgando-a a partir da vida de Jesus Cristo, máximo exemplo da conduta cristã.

### 3.3 IGREJA SAMARITANA

Diante da realidade do sofrimento do outro, um dos maiores relatos evangélicos acerca do modo de ação é a parábola do bom samaritano.<sup>511</sup> Tal passagem apresenta a vocação própria do ser humano, capaz de construir um novo vínculo social que visa o bem comum,<sup>512</sup> compreendendo que a vida de cada um está ligada aos outros. Tal

---

<sup>510</sup> PAULO VI, 2011, p. 9-10; OA 7.

<sup>511</sup> “Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: ‘E quem é meu próximo?’ Jesus retomou: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ Ele respondeu: ‘Aquele que usou de misericórdia para com ele’. Jesus então disse: ‘Vai, e também tu, faze o mesmo’.” (Lc 10,29-37).

<sup>512</sup> Bem comum: “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição”. (CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 568; GS 26). “*O bem comum não consiste na simples soma dos bens particulares de cada sujeito do corpo social. Sendo de todos e de cada um, é e permanece comum, porque indivisível e porque somente juntos é possível alcançá-lo, aumentá-lo e conservá-lo, também em vista do futuro*”. (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 101, grifo do autor; CDSI 164).

parábola manifesta a opção fundamental de todo cristão, isso é, ser um bom samaritano.<sup>513</sup>

Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola nos mostra as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências inevitáveis da realidade humana.<sup>514</sup>

Tal realidade recorda que a evangelização se dá, sempre, em conjunto com a promoção da dignidade do ser humano e da libertação cristã. Deste modo, a Igreja é desafiada a viver como uma boa samaritana perante o sofrimento humano. Agindo com caridade, por meio de seus membros, ela mantém viva a esperança mesmo em uma sociedade injusta.<sup>515</sup> A Igreja, movida pelo Espírito, considera que

Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos.<sup>516</sup>

Observa-se que, em São Paulo os carismas, dons, ministérios, daqueles que são movidos pelo Espírito estão sempre a serviço de todos. A edificação da Igreja se dá, mediante, o exercício desses dons do Espírito que corroboram para o bem comum.<sup>517</sup> A santidade da Igreja se manifesta

---

<sup>513</sup> FRANCISCO, 2020, p. 42; FT 66-67.

<sup>514</sup> FRANCISCO, 2020, p. 42; FT 67.

<sup>515</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 23; DAp 26.

<sup>516</sup> 1Cor 12,4-7.

<sup>517</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 118; LG 12.

nos frutos gerados pela terceira pessoa da Trindade, especialmente, no testemunho de vida que tende “[...] à perfeição da caridade, edificando os outros [...]”.<sup>518</sup> De fato, o bem comum não é uma realidade puramente material, mas se realiza no fim último das criaturas, isso é, o próprio Deus. A dimensão transcendental excede mas, ao mesmo, dá cumprimento à dimensão histórica. Por isso: “Uma visão puramente histórica e materialista acabaria por transformar o bem comum em simples *bem-estar econômico*, destituído de toda finalização transcendente ou bem da sua mais profunda razão de ser”.<sup>519</sup>

Além disso, vale lembrar que a entrega definitiva de Jesus na cruz é o culminar do ensinamento dado em toda a sua vida, ou seja: a partilha de vida com todos, o cuidado com os necessitados, a união com os que riem e com os que choram, o comprometimento na construção de um novo mundo em unidade com todos. O ser humano é chamado a assumir isso, não como uma imposição, mas como opção fundamental de vida que identifica cada cristão com o próprio ser e agir de Cristo.<sup>520</sup> Insistir na proposta de uma Igreja samaritana significa dar pleno cumprimento ao mandato de Jesus: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”.<sup>521</sup> A Boa Nova não é alheia à vida plena para todos.

A postura do samaritano recorda que o próximo não é necessariamente um conhecido, o próximo é todo aquele que sofre. A compaixão pelos sofredores é rompimento com a indiferença, com o egocentrismo. A fé, justamente, impulsiona “à ação, à fraternidade e à caridade”.<sup>522</sup> Para explorar um pouco mais essa atitude, seguir-se-á o esquema utilizado pela Campanha da Fraternidade em 2020: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”.<sup>523</sup>

### 3.3.1 Viu

Em um primeiro momento, pode-se perceber que há duas atitudes principais no ato de ver. São elas: os que veem o sofrimento e passam

---

<sup>518</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 158; LG 39.

<sup>519</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 103-104, grifo do autor; CDSI 170.

<sup>520</sup> FRANCISCO, 2013, p. 212; EG 269.

<sup>521</sup> Mc 16,15.

<sup>522</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Campanha da Fraternidade 2020**: texto-base. Brasília: CNBB, 2019a. p. 13. CF 2020,8.

<sup>523</sup> Lc 10,33-34.

adiante e os que, vendo o outro, tornam-se próximos, comprometem-se.<sup>524</sup> De fato:

Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história, mas que é superada pelo amor de Deus que a envolve. Somente contemplando o mundo com os olhos de Deus, é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação.<sup>525</sup>

O presente trabalho buscou, justamente, fazer esse movimento no primeiro capítulo. Isso é, ver de forma ampla a realidade do sofrimento, buscando elementos essenciais acerca dessa realidade. Além disso, compreendeu-a perante a falta de sentido do sofrimento no mundo, buscando respostas para a significação do sofrer. Assim, percebe-se, verdadeiramente, que a pobreza do ser humano não é algo exclusivamente material, mas é uma pobreza de dignidade, de humanidade.

A pobreza se expande e se manifesta em inúmeras formas de sofrimento, sombras que desafiam a todos nós. É a vida agredida nas mais diversas formas, desde a fecundação até a morte natural. É a forte crise de sentido [...].<sup>526</sup>

Por isso, insiste-se fortemente que a grande crise da sociedade moderna é a crise de humanidade. O caminho da fraternidade universal, que considera todos como irmãos, é um percurso difícil, cheio de adversidades. Contudo, é um convite à unidade no caminhar que visa a paz, o real desenvolvimento dos povos, tocando a concretude dos problemas.<sup>527</sup> Concorrer todos ao bem é buscar o verdadeiro

---

<sup>524</sup> CNBB, 2019a, p. 21; CF 2020,26.

<sup>525</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019b. p. 58; Doc. 109,102.

<sup>526</sup> CNBB, 2019b, p. 40; Doc. 109,59.

<sup>527</sup> FRANCISCO. **Mensagem para o 2º Dia Internacional da Fraternidade Humana**. Vaticano, 4 fev. 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2022/do>

desenvolvimento dos povos, no constante combate da miséria e das injustiças. A paz “constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens”.<sup>528</sup> Ver a realidade do sofrimento humano compromete a todos com o desenvolvimento integral do ser humano, que apenas se dará a partir da solidariedade humana, na comunhão dos bens da criação.<sup>529</sup>

A traição e a negação sofridas por Cristo permanecem atuantes nos cristãos que “passam adiante” dos feridos pelo meio do caminho. Os membros da Igreja são chamados a atitudes palpáveis baseadas na “fantasia da caridade”.<sup>530</sup> A missão, autenticamente cristã, compreende a antropologia na unidade entre as dimensões transcendental e imanente. Deste modo, aqueles que, unidos a Cristo, são comunidade eclesial, impulsionam-se na samaritanidade cômicos de que o ser humano é corpo e alma. A salvação toca o homem todo e toda a humanidade.<sup>531</sup> A capacidade de imaginação da caridade, também corresponde com a criatividade perante o sofrimento. Observando a ação trinitária se compreende que amar é criar, é se fazer partícipe da nova criação.

Seria, pois, ingênuo supor que em toda humanidade todos se tornem fraternos; algo já difícil de se realizar nas comunidades de fé, ainda mais inimaginável na vida profana. Portanto, o que se espera realizar é uma mudança que ocorra nas estruturas da sociedade, suas instituições e leis, as quais devem se inspirar no espírito da fraternidade universal e devem orientar “as energias da vida social para uma

---

cuments/20220204-videomessaggio-fratellanzaumana.html>. Acesso em: 07 jun. 2022.

<sup>528</sup> PAULO VI, 2009, p. 60; PP 76.

<sup>529</sup> PAULO VI, 2009, p. 39; PP 43.

<sup>530</sup> “Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milênios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova ‘fantasia da caridade’, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna”. (JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. Vaticano, 2001. Não paginado; NMI 50. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html)>. Acesso em: 07 jun. 2022).

<sup>531</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 89-90; DAp 176. Ver também: JOÃO PAULO II, 2010, p. 42-45; RH 13 e CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 564; GS 22.

amizade”<sup>532</sup>. Tal realidade realizaria no social-temporal as verdades evangélicas.<sup>533</sup> Pode-se, assim, voltar ao pensamento de Maritain que se funde perfeitamente à proposta de uma Igreja samaritana. Ademais, o ver de Jesus não se resume a um simples olhar, mas é um *sentir com*. Ao ver o sofrimento do povo, Jesus se compadece.<sup>534</sup>

### 3.3.2 Sentiu compaixão

O sentir do bom samaritano, movido de compaixão, é um ato de misericórdia para com o caído. Essa atitude visceral representa uma profunda conexão com o próprio Deus, aquele que é compassivo com os sofrimentos da humanidade. O papa Francisco explica o que isso significa:

Padece ao nosso lado, sente os nossos próprios sofrimentos. Compaixão quer dizer “padecer com”. O verbo indica que as vísceras se movem e estremecem à vista do mal do homem. E nos gestos e ações do bom samaritano reconhecemos o agir misericordioso de Deus em toda a história da salvação. É a mesma compaixão com a qual o Senhor vem ao encontro de cada um de nós: ele não nos ignora, conhece as nossas dores, sabe como temos necessidade de ajuda e de consolação. Aproxima-se de nós e nunca nos abandona.<sup>535</sup>

O segundo capítulo do presente trabalho considerou, justamente, a vida de Jesus como parâmetro de julgamento para o ser e o agir do próprio ser humano, chamado a imitar o Senhor. Pois não se trata de criar um novo programa de humanidade, mas de seguir o ensinamento de Cristo “para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até à sua

---

<sup>532</sup> MARITAIN, 1965, p. 161-162.

<sup>533</sup> MARITAIN, 1965, p. 162.

<sup>534</sup> “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor”. (Mc 6,34). Ver também: Mt 9,36.

<sup>535</sup> FRANCISCO. **Audiência Geral**. Vaticano, 27 abr. 2016. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco\\_20160427\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html)>. Acesso em: 08 jun. 2022.

plenitude na Jerusalém celeste”.<sup>536</sup> A Igreja no terceiro milênio é chamada a efetivar esse programa de Jesus, em um diálogo verdadeiro e profícuo com as culturas deste tempo.

A resposta de amor ao Senhor exige que os seres humanos sejam como o bom samaritano, isto é, próximos dos sofredores da mesma forma que Jesus. Ele comeu com os publicanos e pecadores,<sup>537</sup> acolheu as crianças,<sup>538</sup> curou os leprosos,<sup>539</sup> perdoou e libertou a pecadora,<sup>540</sup> dialogou com a samaritana.<sup>541</sup> O agir de Jesus compromete os discípulos com a caridade, seguir o Senhor é ir até às últimas consequências, é abraçar os últimos e, em primeiro lugar, é se fazer último. Só a humildade é capaz de romper com a cadeia do pecado.

A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão a toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (cf. Jo 10,3). É um “sim” que compromete radicalmente a liberdade do discípulo a se entregar a Jesus, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6). É uma resposta de amor a quem o amou primeiro “até o extremo” (cf. Jo 13,1). A resposta do discípulo amadurece neste amor de Jesus: “Eu te seguirei por onde quer que vás” (Lc 9,57).<sup>542</sup>

Ser compassivo é trazer em si os mesmos sentimentos de Cristo.<sup>543</sup> O samaritano não titubeou perante o sofrimento alheio, não “passou adiante”, não agiu com indiferença. A compaixão, o agir misericordioso, não mede esforços para auxiliar o outro em seus sofrimentos, faz tudo o que é necessário para salvaguardar a vida plena.<sup>544</sup> A santidade de vida, a

---

<sup>536</sup> JOÃO PAULO II, 2011, não paginado; NMI 29.

<sup>537</sup> Lc 5,29-32.

<sup>538</sup> Mc 10,13-16.

<sup>539</sup> Mc 1,40-45.

<sup>540</sup> Lc 7,36-49; Jo 8,1-11.

<sup>541</sup> Jo 4,1-26. Ver também: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 73; DAp 135.

<sup>542</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, V, 2007, p. 73-74; DAp 136.

<sup>543</sup> Fl 2,5.

<sup>544</sup> CNBB, 2019a, p. 48; CF 2020,90.

qual o cristão é chamado, não pode ignorar a injustiça que está no mundo, onde uns esbanjam os bens e outros padecem na miséria. A dignidade da vida humana é sempre sagrada e, por isso, deve ser defendida com paixão, com verdadeiro ardor profético, ímpeto de transformação.<sup>545</sup>

São João Paulo II na encíclica *Dives in Misericordia* assim afirma:

Jesus revelou, sobretudo com o seu estilo de vida e com as suas ações, como *está presente o amor no mundo em que vivemos*, amor operante, amor que se dirige ao homem e abraça tudo quanto constitui a sua humanidade. Tal amor transparece especialmente no contato com o sofrimento, injustiça e pobreza; no contato com toda a “condição humana” histórica, que de vários modos manifesta as limitações e a fragilidade, tanto físicas como morais, do homem. Precisamente o modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica “misericórdia”.<sup>546</sup>

Visto isso, pode-se dizer que o sofrimento se torna amor com o sentido que se dá para ele. Os sofredores oferecem seus padecimentos em benefício dos demais. Também os que deles cuidam, como o bom samaritano, doam-se em prol dos últimos por amor. Todos esses se unem a Cristo em sua doação máxima no alto do Calvário, que possibilitou a todos o retorno à condição de imagem e semelhança. Para a cruz afluem:

[...] os homens de boa vontade, porque na cruz está o “redentor do homem”, o homem das dores, que assumiu sobre si os sofrimentos físicos e morais dos homens de todos os tempos, para que estes possam encontrar *no amor* o sentido salvífico dos próprios sofrimentos e respostas válidas para todas as suas interrogações.<sup>547</sup>

---

<sup>545</sup> FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 63-64; GeE 101.

<sup>546</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Dives in Misericordia***. Vaticano: 1980. Não paginado; DM 3. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30111980\\_dives-in-misericordia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html)>. Acesso em: 08 jun. 2022.

<sup>547</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 69, grifo do autor; SD 31.

Na cruz revela-se a justiça divina, dado que é um ato puro de amor. Não é apenas a justificação dos seres humanos, mas é, também, uma nova força criativa ao amor. Isso permitiu aos seres humanos a vida plena, desejada originalmente na criação. “O mistério pascal é o ponto culminante da revelação e da atuação da misericórdia, capaz de justificar o homem, e de restabelecer a justiça como realização do desígnio salvífico [...]”<sup>548</sup> de Deus. A eloquente solidariedade de Deus para com os seres humanos é tal que todos são chamados ao cuidado para com os que sofrem até a plenitude da causa humana.<sup>549</sup>

### 3.3.3 E cuidou

O bom samaritano compreendeu-se próximo daquele que estava caído à beira do caminho. Os cristãos precisam, ao observar essa passagem, entender que seguir fielmente a Jesus é promover saúde integral. A comunidade cristã possui uma missão curativa, anunciar o Evangelho compromete a sanação dos males que afligem o ser humano e a sociedade.<sup>550</sup> Aprende-se com o samaritano que o próximo é aquele ao qual a pessoa se achega. “A vida é essencialmente samaritana”.<sup>551</sup>

A saúde integral compreende toda a dimensão do ser, como corpo e alma. Vê o sujeito em sua totalidade, trata-o como sujeito integral: as dores físicas, psíquicas e espirituais. Assim, reverte a dinâmica do sofrimento que fere o ser todo, ameaçando-o em sua identidade enquanto tal. Somente uma antropologia que não reduza o sujeito a uma ou mais de suas dimensões é que será capaz de dar respostas para a realidade do sofrer. Por isso, apenas uma antropologia cristocêntrica é capaz de responder satisfatoriamente à necessidade de sentido para o sofrimento, porque colige a imanência e a transcendência do ser humano.

Agir como o bom samaritano supõe um novo aprendizado: empregar nossos melhores recursos, humanos, materiais e espirituais, para que aqueles que estão desfigurados pela dor possam reencontrar, com auxílio da fraternidade, a dignidade da vida: “Cuida dele, e o que gastares a mais, eu o pagarei quando eu voltar” (Lc 10,35).<sup>552</sup>

<sup>548</sup> JOÃO PAULO II, 1980, não paginado; DM 7.

<sup>549</sup> CNBB, 2019a, p. 52; CF 2020,101.

<sup>550</sup> PAGOLA, 2015, p. 215.

<sup>551</sup> CNBB, 2019a, p. 76; CF 2020,163.

<sup>552</sup> CNBB, 2019a, p. 76; CF 2020,165.

O seguimento a Cristo abrange, também, a constante necessidade de *primeirar*, isso é, tomar a iniciativa. Da mesma forma que o Senhor, que *primeirou* no amor. Cuidar, realmente, é estar à frente do perigo que ameaça a vida. É “[...] ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos”.<sup>553</sup> A experiência da misericórdia é difusiva, não pode ser estancada. Envolve o sujeito que recebe deste amor infinito de tal forma que o prostra para tocar os que sofrem, assumindo a humilhação de Cristo como sua.<sup>554</sup> O “cheiro da ovelha” é a máxima da compaixão, é ser tão próximo que se confunde quem é o samaritano e quem é o caído no caminho.

Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. [...] A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-lo com o amor que ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação:<sup>555</sup> desejar, buscar e cuidar do bem dos outros.

Observa-se que não há cristianismo sem cuidado do outro, não há Igreja de Cristo sem que ela seja samaritana. Assim, se a Igreja está comprometida em responder aos seres humanos o sentido da vida a partir da verdade de Jesus Cristo e de seu Evangelho,<sup>556</sup> nenhum cristão pode se descuidar dos deveres terrenos em vista de não se afastar dessa verdade. O cristão é cidadão de ambas as cidades, terrena e celeste, caminhando na primeira ruma para a segunda.<sup>557</sup> Se a existência humana,

---

<sup>553</sup> FRANCISCO, 2013, p. 22; EG 24. Ver também: 1Jo 4,10.

<sup>554</sup> FRANCISCO, 2013, p. 21-22; EG 24.

<sup>555</sup> FRANCISCO, 2013, p. 146-147; EG 178.

<sup>556</sup> JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Veritatis Splendor***. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 7; VS 2.

<sup>557</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 589; GS 43.

histórica, terrena fosse desconsiderável, a encarnação do Verbo não faria sentido algum.

Ademais, “contemplar o Cristo sofredor na pessoa dos pobres significa comprometer-se com todos os que sofrem, buscando compreender as causas de seus flagelos, especialmente as que os jogam na exclusão”.<sup>558</sup> É um cuidado que toma o sujeito e as suas circunstâncias. Não seria produtora tomar uma pessoa de sua realidade sofredora e curá-la alheia ao seu meio e, depois de obtida a cura, reinseri-la em circunstâncias que, muito provavelmente, adoecê-la-iam novamente. Precisa-se curar a sociedade como um todo, extrair dela o “veneno” que a adoce. Deve-se “cuidar do doente e curar a doença”.<sup>559</sup> Com amor fraterno o ser humano é capaz, pela graça, de transformar às realidades que geram sofrimento aos irmãos.

### 3.4 A RESPOSTA DEFINITIVA DE JESUS CRISTO

Ao ser humano é possível transformar as realidades sociais que são causa de sofrimento, bem como modificar o seu modo de viver e de se relacionar. A mudança interna permite ao ser humano se aproximar da sua essência original, plenamente revelada em Cristo. A partir disso, o agir do sujeito, como reflexo da sua condição *ad intra*, torna-se, também, sinal de amor para o mundo e para a humanidade. Entretanto, existem realidades para as quais não há solução no espaço-tempo, exemplo disso é a finitude da criação, a morte biológica e o sofrimento. Claro que, com a ação direta de Deus, tais finitudes são resolvíveis, a ressurreição de Cristo é exemplo disso.

Considera-se que a fé não busca o sofrimento, caso assim fosse, o fiel seria um masoquista. Mas compreende que, sem paixão, não há plenitude da vida. “Se o ápice da vida requer paixão, isso significa que a fé rejeita a postura ‘apática’, que evita o sofrimento, como uma postura contrária à essência humana”.<sup>560</sup> Perante as novas possibilidades de se evitar o sofrimento, de eliminar a dor, pelas mais diversas áreas da

---

<sup>558</sup> CNBB, 2019b, p. 61; Doc. 109,110.

<sup>559</sup> SCHERER, Odilo Pedro. Cuidar do doente e curar a doença. **O São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2021. Não especificado, não numerado, não paginado. Disponível em: <<https://osaopaulo.org.br/colunas/cuidar-do-doente-e-curar-a-doenca/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

<sup>560</sup> BENTO XVI. **Escatologia**. Trad. Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Molokai, 2020. p. 126, grifo do autor.

ciência, faz-se necessário reafirmar a teologia da cruz. Não como apologia da dor e do sofrimento, mas sim, como condição essencialmente humana, como não anulação da própria humanidade. A não aceitação do sofrimento é abdicação da vida. O caminho da cruz é exigência do amor. “Apenas a vida eterna é resposta suficiente à questão da existência e da morte humanas neste mundo”.<sup>561</sup> O escárnio do “salva-te a ti mesmo [...] e desce da cruz”<sup>562</sup> é a proposta constantemente ouvida por todo ser humano, em vista de buscar a analgesia que limita a liberdade e desumaniza o sujeito. Claramente, apenas a ressurreição é resposta definitiva para a realidade do sofrimento.

Pela ressurreição, o Senhor “manifesta a força vitoriosa do sofrimento; e quer incutir a convicção desta força no coração daqueles que escolheu como seus apóstolos e daqueles que ele continua a escolher e a enviar”.<sup>563</sup> Entretanto, tal missão não fica a esses circunscrita, mas se estende a todos os batizados que constituem o *Povo de Deus*. Tal realidade é tamanha que o evangelista São João põe na boca de Cristo a seguinte afirmação: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!”<sup>564</sup>

Da mesma forma, São Paulo afirma: “Eis por que sofro estas coisas. Todavia não me envergonho, porque eu sei em quem depusitei a minha fé [...]”.<sup>565</sup> E o Apóstolo ratifica que sua fé reside em Cristo ressuscitado, e tal confiança se estende à ressurreição dos mortos e à superação de todos os sofrimentos e da morte.<sup>566</sup> A ressurreição é o rompimento para com a ordem deste mundo, ou melhor, com sua desordem. É o irromper da nova ordem, é “a transfiguração total deste mundo no sentido de Deus. Os milagres de Jesus, mais que provar sua divindade, visam mostrar o reino presente em nosso meio”.<sup>567</sup> Cristo, ao tocar a realidade humana, afirma que o Reino de Deus está próximo e que a superação dos sofrimentos é iminente.<sup>568</sup>

A ressurreição de Jesus Cristo é interpretada dentro da ordem física e, assim, é atestada como acontecimento histórico. Corrobora com isso o

<sup>561</sup> BENTO XVI, 2020, p. 127.

<sup>562</sup> Mt 27,40.

<sup>563</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 54; SD 25.

<sup>564</sup> Jo 16,33.

<sup>565</sup> 2Tm 1,12.

<sup>566</sup> 1Cor 15,1-34.

<sup>567</sup> BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 58-59.

<sup>568</sup> Mc 1,15; Mt 3,2; 4,17.

fato de “[...] que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte na cruz de seu Mestre, anunciada antecipadamente por ele”.<sup>569</sup> Após a descrença, a pregação dos apóstolos afirma a aparição do Cristo ressurreto. Apenas algo novo e fascinante seria capaz de tirá-los da apatia e do medo e lançá-los ao anúncio da Boa Nova, mesmo perante as perseguições e a pressão dos chefes dos judeus.<sup>570</sup> Afirma-se, pois, que “as testemunhas da paixão de Cristo são, ao mesmo tempo, testemunhas da sua ressurreição”.<sup>571</sup> Por isso dizem os apóstolos que: “[...] Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disto nós somos testemunhas”.<sup>572</sup>

Ressuscitado, Jesus convive com os seus discípulos. Os eventos pós-pascuais clarificam o convite de Cristo à comunhão da aliança consigo e com Deus. No Senhor, os discípulos são inseridos na vida verdadeira, como partícipes da paixão, depois de terem sido purificados pelo sofrimento vicário do Filho.<sup>573</sup> Na ressurreição:

a própria matéria é transformada em novo gênero de realidade [...]. Embora o homem, segundo a sua natureza, seja criado para a imortalidade, só agora existe o lugar onde a sua alma imortal encontra o espaço, aquela “corporeidade”, na qual a imortalidade recebe sentido como comunhão com Deus e com toda a humanidade reconciliada.<sup>574</sup>

Ressalta-se que o essencial da ressurreição não é a revitalização da vida de alguém morto, mas o salto ontológico que toca o ser. Uma nova dimensão que interessa a toda humanidade, um novo *modus vivendi*, isso é, viver em Deus. O romper da nova história em Cristo, além do espaço-tempo, é chamado de dimensão escatológica, diferente da encarnação, da paixão e da morte.<sup>575</sup> E, dessa forma, responde diferentemente à realidade do sofrimento. A nova história em Deus é eterna e, por isso, rompe de forma definitiva com a finitude terrena. “E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé [...]”.<sup>576</sup> Mas, se ressuscitou, é nele em quem reside

---

<sup>569</sup> CATECISMO, 2000, p. 184; CIgC 643.

<sup>570</sup> At 4,1-31.

<sup>571</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 41; SD 21.

<sup>572</sup> At 3,15.

<sup>573</sup> BENTO XVI, 2016, p. 243.

<sup>574</sup> BENTO XVI, 2016, p. 244, grifo do autor.

<sup>575</sup> BENTO XVI, 2016, p. 245.

<sup>576</sup> 1Cor 15,17.

toda a esperança que aponta à eternidade, pois, se o ser humano guarda sua esperança apenas para a vida terrena, é ele digno de compaixão. Cristo ressuscitado é as primícias da ressurreição dos mortos.<sup>577</sup>

### 3.4.1 A certeza de que ele vive!

O ser humano é, por essência, *homo viator*, um ser em busca de sua própria identidade. Definitivamente, mudou-se a pergunta do salmista: “que é o homem, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visita-lo?”.<sup>578</sup> Hoje, a grande dúvida é: “que será do homem?”.<sup>579</sup> Uma vez mais, diante dessa indagação, a mensagem central do Evangelho se comunica como triunfo da vida sobre a morte. O ser humano vive – mesmo que, por muitas vezes, sem consciência – à espera da Jerusalém celeste onde o Senhor “[...] *enxugará toda lágrima dos seus olhos*, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!”.<sup>580</sup>

Entretanto, antes da realidade escatológica ser totalmente presente, é preciso afirmar ao ser humano, neste tempo, que Cristo ressuscitou verdadeiramente. Para tal, far-se-á o percurso proposto pelo papa Bento XVI no seu livro *Jesus de Nazaré*, isso é: o sepulcro vazio, o terceiro dia e as testemunhas.<sup>581</sup> A melhor forma de se apresentar o fato de o sepulcro estar vazio é a narração evangélica que diz:

No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando perplexas com isso, dois homens se postaram diante delas, com veste fulgurante. Cheias de medo, inclinaram o rosto para o chão; eles, porém, disseram: “Por que procurais entre os mortos aquele que vive? Ele não está aqui; ressuscitou.”<sup>582</sup>

<sup>577</sup> 1Cor 15,19-20. Ver também: CERFAUX, 2012, p. 72-74.

<sup>578</sup> Sl 8,5.

<sup>579</sup> BOFF, 1973, p. 57.

<sup>580</sup> Ap 21,4, grifo do autor. Ver também: BOFF, 1973, p. 56-58.

<sup>581</sup> BENTO XVI, 2016, p. 227-233.

<sup>582</sup> Lc 24,1-6.

A teologia, referindo-se a essa realidade, não concebe o sepulcro vazio como uma prova indubitável da ressurreição. Todavia, para a Jerusalém de então seria impossível o anúncio da ressurreição caso o cadáver estivesse ainda no sepulcro. Além disso, a ressurreição diz respeito direto ao corpo e, a partir dele, ao sujeito como um todo. A não corrupção do corpo de Jesus, apresentada por Pedro no livro dos Atos, e a comparação tipológica do túmulo de Davi e do sepulcro de Jesus, corroboram com a certeza dos apóstolos da ressurreição de Cristo. Dizer que o corpo não encontrou corrupção é afirmar que a morte não fora definitiva, dado que apenas na decomposição do corpo é que ela se via definitivamente vitoriosa.<sup>583</sup>

O sepulcro vazio se apresenta como um sinal que desperta os discípulos para o encontro com o Senhor. Muitas são as hipóteses levantadas para a questão do sumiço do corpo. O fato é que, até hoje, não existiu a contraprova, isso é, o encontro do cadáver. A importância desse fato se resume na própria esperança escatológica de que a redenção contempla o ser humano como um todo.<sup>584</sup> Deve-se, ainda, dizer-se que *“a ressurreição de Jesus, portanto, não é um fato constatável de maneira neutra, historicamente demonstrável, mas sim uma realidade que só pode ser experimentada e apreendida na fé”*.<sup>585</sup>

O terceiro dia, o domingo, é mais um testemunho da ressurreição em um ambiente judaico no qual o sábado é o dia do Senhor. Somente um evento realmente impressionante poderia fazer com que judeus devotos substituíssem o dia de sábado por outro. Apenas uma experiência pessoal *“sobre-humana podia suscitar uma mudança tão central na cultura religiosa da semana”*.<sup>586</sup> A celebração do dia do Senhor como domingo, desde os primórdios da comunidade cristã, ainda compreendida como parte do judaísmo praticante, é um forte elemento da certeza da ressurreição e do encontro com o Ressuscitado.<sup>587</sup>

Por último, as testemunhas. A experiência pascal dos apóstolos se baseia no reconhecimento de Jesus como aquele Ressurreto que a eles aparecia. *“Toda a fé (pascal) posterior depende fundamentalmente do testemunho dos portadores originários da revelação e é mediada por sua*

---

<sup>583</sup> At 2,26-31. Ver também: BENTO XVI, 2016, p. 228-229.

<sup>584</sup> MÜLLER, 2015, p. 220-221.

<sup>585</sup> KESSLER, 2012, p. 258, grifo do autor.

<sup>586</sup> BENTO XVI, 2016, p. 232.

<sup>587</sup> BENTO XVI, 2016, p. 232.

transmissão (tradição)”.<sup>588</sup> Além disso, o testemunho se torna um ponto de partida para a comunidade cristã, dado que a fé pascal, de fato, baseia-se na experiência contínua de Cristo ressuscitado, evidência de sua presença no Espírito.<sup>589</sup>

Embora o Senhor não “apareça” mais como “apareceu” a Pedro e aos outros, ele em compensação, junta-se discretamente como o fez com os discípulos de Emaús (Lc 24,15s.; Jo 21,4), caminha junto e se dá a experimentar como presente: na comunhão de fé viva (Mt 18,20), na palavra da Escritura e na ceia do Senhor (Lc 24,30-32; Jo 21,12s.; compare Gl 3,2.26; 4,6 com 2Cor 3,17s.), na solicitude para com os pequeninos (Mt 25,31-45), na prática de suas palavras (Jo 8,31s.; 3,21; Mt 28,20), portanto no misticismo ordinário dos crentes; e às vezes também numa experiência mística especial.<sup>590</sup>

É na comunhão, na solidariedade que une a todos que, hoje, faz-se a experiência pascal do Ressuscitado.<sup>591</sup> Naqueles que estão em sofrimento o cristão faz a experiência de Cristo e, quando o próprio sujeito é quem sofre, oferece seus padecimentos por amor a Cristo e em unidade com o Senhor na cruz. Assim, espera-se um dia, na plenitude dos tempos, chegar também à ressurreição e, por fim, ver-se livre de todas as amarras que geram escravidão e da finitude que dá princípio ao sofrimento. Isso faz jus ao que disse São Paulo: “[...] em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou”.<sup>592</sup>

### **3.4.2 A humanidade vencerá com ele**

O ser humano, unido ao seu Salvador, compreende que o sofrimento pode ser transformado em atos de amor, visto que, ao sofrer, o sofredor pode se tornar servo dos demais, invertendo a lógica pecaminosa do orgulho por meio de sua humilhação voluntária. Apenas no amor é possível de se compreender essa dinâmica e de se promover o

---

<sup>588</sup> KESSLER, 2012, p. 264.

<sup>589</sup> KESSLER, 2012, p. 264.

<sup>590</sup> KESSLER, 2012, p. 264-265.

<sup>591</sup> KESSLER, 2012, p. 265.

<sup>592</sup> Rm 8,37.

*humanismo integral*. Além disso, “somente o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si”.<sup>593</sup> Por isso, o dom do cuidado para com os sofredores é também uma obra de união com o Senhor. A samaritanidade é a via de acesso ao Deus amor proclamado por São João: “Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor”.<sup>594</sup> De fato:

O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente. E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da redenção. Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade. No ministério da redenção o homem é novamente “reproduzido” e, de algum modo, é novamente criado. Ele é novamente criado!<sup>595</sup>

Inserido em seu mistério, como ser para a comunhão e o amor, o ser humano se alegra por compreender o sentido de seu sofrimento e a sua missão enquanto cristão.<sup>596</sup> Isto é, a união íntima com Cristo em seus sofrimentos.<sup>597</sup> Para a cruz, todos os homens devem afluír, pois lá está o Redentor que assumiu os sofrimentos físicos e morais da humanidade, em vista de que encontrem “[...] *no amor* o sentido salvífico dos próprios sofrimentos [...]”.<sup>598</sup> Por fim, o Senhor não permanece para sempre no sofrimento e na morte. Na ressurreição “está o ponto de partida da fé cristã e seu núcleo central”.<sup>599</sup> A esperança da libertação dos sofrimentos permanece viva, pois Jesus Cristo está vivo.

---

<sup>593</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 18; CDSI 4.

<sup>594</sup> 1Jo 4,8.

<sup>595</sup> JOÃO PAULO II, 2010, p. 29-30; RH 10.

<sup>596</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 5; SD 1.

<sup>597</sup> CI 1,24.

<sup>598</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 69; SD 31.

<sup>599</sup> DUPUIS, 2015, 76.

## CONCLUSÃO

No findar deste trabalho de conclusão de curso acredita-se ser possível dizer que se atingiu o objetivo geral de *compreender a dinâmica antropológica do sofrimento transformado em atos de amor em uma perspectiva cristológica*. Fez-se, no decorrer desta pesquisa o caminho teológico e metodológico do *ver, julgar e agir*. A partir desse, viu-se que o sofrimento humano é fruto do mal, pode ser decorrência do pecado, mas é, principalmente, gerado pela finitude cósmica neste espaço-tempo. Ademais, a criação foi feita em estado de caminhada e o ser humano, como *homo viator*, é um ser a caminho do estado de perfeição e, por isso, vive sua existência na imperfeição.

No processo do *ver* foi possível observar diversas realidades de sofrimento pessoal e, principalmente, comunitário. Foram muitas as realidades abordadas a partir de dados obtidos que apresentam um breve panorama do sofrimento no mundo. Pode-se, a partir disso, concluir que ninguém pode se considerar à parte do sofrimento, dado que, pela solidariedade que une os seres humanos em rede, ninguém fica intocado pelos padecimentos humanos. Viu-se, ainda, que a sociedade contemporânea recorre frequentemente à analgesia em vista de minar a dor. Contudo, uma vida anestesiada não é plenamente livre e, desse modo, não é verdadeiramente humana. Por isso, ratificou-se a necessidade de um sentido para a vida, dado que o ser humano é um ser em busca de sentido. Somente um ser que encontra o significado do seu viver é capaz de enfrentar as adversidades da vida com consciência de que elas possuem em si um propósito de ser.

O primeiro capítulo, por sua vez, *apresentou uma reflexão multidisciplinar preliminar (filosófica, médica, psicológica, sociocultural e teológica) acerca do sofrimento do ser humano e o desafio humanitário perante esse sofrimento*. O sofrimento foi diferenciado da dor, apresentado como físico e moral, pessoal e comunitário. Apresentou-se, ainda, a diferença entre mal cósmico, físico e moral, bem como foi apresentada a relação que há entre pecado e sofrimento. Algumas realidades do sofrimento foram abordadas a partir de dados obtidos por meio de diversas fontes, analisados a partir de realidades concretas e de elementos teológicos concernentes. Sob tal construção, viu-se que há um desafio humanitário, isso é, uma sociedade sem sentido, que busca ser sua própria referência. Entretanto, o sentido reside fora dela mesma, o ser em busca de sentido é incapaz de dar significado à sua própria finitude e fragilidade. Apenas em Cristo reside

o sentido pleno da vida humana e assim o sofrimento será compreendido a partir do amor.

A partir do pensamento de Viktor Frankl abre-se espaço para compreender Jesus Cristo como o significado pleno da vida humana, o que corrobora com o que foi ratificado pela *Gaudium et Spes* em seu número 22. Cristo é o revelador pleno de Deus e do ser humano. O mistério de sua encarnação, paixão e morte revela o amor irrestrito da Trindade pela humanidade e por toda a obra da criação, especialmente, ao considerar a pessoa humana imagem e semelhança de Deus. Faz-se o percurso da cristologia clássica, descendente, apresentando a encarnação do Senhor como humilhação voluntária. Na união hipostática, o Verbo assume o ser humano em sua totalidade, unindo humanidade e divindade para toda a eternidade.

O segundo capítulo *explorou a experiência do sofrimento de Jesus Cristo como modelo para o cristão*. Buscou-se nas Sagradas Escrituras, na Sagrada Tradição, no Magistério pontifício e nos estudos teológicos os exemplos de vida do Salvador como forma de julgar a realidade do sofrimento. A partir disso, julgou-se o sofrimento sob o aspecto de Cristo como: missionário do Pai, provado no sofrimento; como *Servo Sofredor*, amando os seus até o fim; e, culminando, com a morte na cruz, em vista de salvar a todos. O centro da mensagem de Jesus é a difusão do amor. Na experiência concreta do sofrimento de Cristo está a maior prova do amor de Deus pelos seres humanos e o mandato do amor entre os seres humanos. O pecado de Adão é revertido na nova árvore da vida, a cruz. Os cristãos, unidos intimamente a Cristo como Corpo, estão ontologicamente interligados uns aos outros. Por isso, devem se fazer próximos, promovendo a fraternidade ao interno da Igreja e, externamente, em todo o gênero humano.

Por fim, alcançou-se o último capítulo que *propôs a transformação do sofrimento em atos de amor em vista do humanismo integral*. Iniciou-se a partir do conceito apresentado por São João Paulo II da criatividade do sofrimento. Isso permitiu conceituar o sentido do sofrimento cristão, consciente de que não se faz possível solucionar o problema do sofrimento humano neste espaço-tempo. Entretanto, pode-se promover um *humanismo integral*, sugerido por Jacques Maritain, capaz de transformar os relacionamentos inumanos em humanos e, a partir de uma nova forma de relacionamento humano, construir a civilização do amor. Nela as realidades de sofrimento passam a ser transformadas em atos de amor. Age-se, pois, sobre a realidade do sofrimento com amor cristão.

O terceiro capítulo, ainda, propõe a ideia de uma Igreja samaritana, capaz de ver os caídos pelo meio do caminho, compadecer-se pelos

sofredores e deles cuidar. A parábola do bom samaritano é uma das mais claras experiências evangélicas que esclarecem qual deve ser a *práxis* do cristão. Ao final deste capítulo, têm-se a certeza escatológica de vitória sobre a morte e o sofrimento dos seres humanos. A ressurreição de Jesus é a resposta definitiva. O ser que se volta para ele encontra a sua esperança, dado que a vida do Ressurreto é certeza de vida plena para todos. O amor de Deus é escancarado na ressurreição do Verbo. Ratifica-se, assim, ser possível transformar o sofrimento em atos de amor quando aos moldes do ser e agir de Deus.

Conclui-se este trabalho afirmando que esta pesquisa abre espaço para novas prospecções teológicas. A realidade do sofrimento nunca será esgotável, dado que, enquanto houver finitude haverá perguntas a serem respondidas. Pode-se abordar, mais especificamente, a Doutrina Social da Igreja como resposta para as realidades do sofrimento da sociedade. Seria possível, ainda, analisar o sofrimento da criação como um todo, a partir da *Laudato Si*. Também poder-se-ia tratar do diálogo ecumênico e inter-religioso, com a *Fratelli Tutti*, como forma de construir a paz e a justiça, uma sociedade onde impere a fraternidade universal, capaz de transformar muitas situações de sofrimento em atos de amor. O *humanismo integral*, abordado a partir do pontificado do papa Francisco é, também, uma possibilidade de pesquisa. O presente trabalho abre, de fato, uma gama de possibilidades de novos estudos.



## REFERÊNCIAS

- ACQUAROLI, Armando Rafael Castro. A beleza escondida no pobre: uma leitura de Is 53,2-3. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 137-151, jan./abr. 2020.
- AGOSTINHO DE HIPONA. **A Trindade**. Trad. Agostino Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Comentário aos Salmos**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 1998. vol. 3.
- \_\_\_\_\_. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.
- \_\_\_\_\_. Contra Fausto; *Faust*. 22. In: CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- AGOSTINI, Nilo. Igreja católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida. **Pistis & Praxis**: revista da PUC-Paraná, Curitiba, jan./jun. 2013. v. 5, n. 1, p. 185-205.
- AHMAD AL-TAYYEB; FRANCISCO. **Documento sobre a Fraternidade Humana**: em prol da paz mundial e da convivência comum. Abu Dhabi: 2019. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html)>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- ALISON, James. **O pecado original à luz da ressurreição**: a alegria de descobrir-se equivocado. Trad. Mauricio G. Righi. São Paulo: É Realizações, 2011.
- ATANÁSIO DE ALEXANDRIA. A Encarnação do Verbo. In: \_\_\_\_\_. **Contra os pagãos; A Encarnação do Verbo; Apologia ao Imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão**. Trad. Orlando T. L. R. Mendes. São Paulo: Paulus, 2002. p. 73-118.
- \_\_\_\_\_. Símbolo *Quicumque*. In: COSTA, França. **Jesus Cristo, o único salvador**: Cristologia-Soteriologia. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

BENTO XVI. **Audiência Geral:** Judas Iscariotes e Matias. Vaticano, 18 out. 2006. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20061018.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061018.html)>. Acesso em: 11 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Apostólica sob a forma de Motu Proprio *Intima Ecclesiae Natura***. Vaticano: 2012. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motuproprio\\_20121111\\_caritas.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motuproprio_20121111_caritas.html)>. Acesso em: 31 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Caritas in Veritate***. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Deus Caritas Est***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Escatologia**. Trad. Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Molokai, 2020.

\_\_\_\_\_. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. Trad. Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

\_\_\_\_\_. **Liberar a liberdade: fé e política no terceiro milênio**. Trad. Rudy Albino de Assunção. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANK, Renold. **A face mais íntima de Deus: elementos-chave da Revelação**. São Paulo: Paulus, 2011.

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)**. São Paulo: Paulus, 2014. vol. 1.

BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BORNKAMM, Günter. **Jesus de Nazaré**. Trad. José dos Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1976.

BROWN, Raymond E. (Edt.); FITZMYER, Joseph A. (Edt.); MURPHY, Roland E. (Edt.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

BURGESE, Daniel Fortunato; CERON-LITVOC, Daniela. Contribuições de Viktor Frankl ao sentido da vida e na temporalidade contemporânea. **Psicopatologia fenomenológica contemporânea**: revista da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 36-57, nov. 2015.

CASSEL, Eric J. The nature of suffering and the goals of medicine. **The New England Journal of Medicine**, Waltham, 18 mar. 1982. v. 306, n. 11, p. 639-645.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CERATTI, Mariana. Pobreza extrema aumenta pela primeira vez em 20 anos, diz Banco Mundial. **ONU News**, Nova York, 7 out. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/10/1728962>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

COLOMER, Eusébio. **A evolução segundo Teilhard de Chardin**. Trad. Manuel V. Figueiredo. Porto: Tavares Martins, 1967.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Comunhão e serviço**: a pessoa humana criada à imagem de Deus. Vaticano: 2004. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html)>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p. 539-661.

\_\_\_\_\_. 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Compêndio do Concílio Vaticano II**. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997, p. 101-197.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, II, 1968, Medellín. **Documentos finais de Medellín**. Medellín: CELAM, 1968. Disponível em: <[https://www.celam.org/documentos/Documento\\_Conclusivo\\_Medellin.pdf](https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Medellin.pdf)>. Acesso em: 17 de mar. de 2022.

\_\_\_\_\_. III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1980.

\_\_\_\_\_. V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Após consulta popular, Campanha da Fraternidade em 2023 voltará a tratar do tema da fome**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/apos-consulta-popular-campanha-da-fraternidade-em-2023-voltara-a-tratar-do-tema-da-fome/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Campanha da Fraternidade 2020: texto-base**. Brasília: CNBB, 2019a.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019b.

CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Relatório da ONU revela que a pandemia contribui para o agravamento da fome**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://www.cfn.org.br/index.php/noticias/relatorio-da-onu-revela-que-a-pandemia-contribui-para-o-agravamento-da-fome/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

CORBIN, Alain et. al. **História do corpo: Da Renascença às Luzes**. Trad. Lúcia M. E. Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, França. **Jesus Cristo, o único salvador: Cristologia-Soteriologia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

CZERNY, Michael. Prefácio. In: FRANCISCO. **Vida após a pandemia**. Trad. L'Osservatore Romano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

DANIÉLOU, Jean. **No princípio**: Gênesis 1-11. Trad. C. Ferrario. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1966.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

DRANE, James F. **Alívio para o sofrimento e a depressão**: o papel da compreensão e da fé. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Paulus, 2015.

DUPUIS, Jacques. **Introdução à cristologia**. Trad. Aldo Vannucchi. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015

EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. Calcedônia e Constantinopla II e III: os dogmas cristológicos na *Gaudium et Spes* 22 e a *Imago Dei*. **Encontros Teológicos**: revista da FACASC e do ITESC, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 341-356, mai./ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Humanismo integral segundo Jacques Maritain: a pessoa humana como ser de relação e promotora de dignidade. **International Studies on Law and Education**: revista do CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, São Paulo, [s.v], n. 28, p. 85-92, jan./abr. 2018b.

\_\_\_\_\_. **Jesus Cristo e a pessoa humana**: a dignidade humana a partir da *Gaudium et Spes* 22. Curitiba: Appris, 2018a.

FELLER, Vitor Galdino. O conceito de pessoa humana no cristianismo. In: GELAIN, Itamar Luís (Org.). **A dignidade da pessoa humana**: olhares a partir do Direito, da Filosofia e da Teologia. Porto Alegre: Fi, 2020. p. 71-87.

FISICHELLA, Rino. **Introdução à teologia fundamental**. Trad. João Paixão Netto. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO. **Audiência Geral**. Vaticano, 27 abr. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/>

2016/documents/papa-francesco\_20160427\_udienza-generale.html>. Acesso em: 08 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **Audiência Geral**. Vaticano, 04 ago. 2021. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documento/papa-francesco\\_20210804\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documento/papa-francesco_20210804_udienza-generale.html)>. Acesso em: 17 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Lumen Fidei***. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Como a flor da amendoeira**: meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Vaticano, 8 jun. 2018. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie\\_20180608\\_flor-amendoeira.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180608_flor-amendoeira.html)>. Acesso em: 08 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Discurso aos participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares**. Vaticano, 28 out. 2014. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141028\\_incontromondiale-movimenti-popolari.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontromondiale-movimenti-popolari.html)>. Acesso em: 28 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Encontro com as autoridades, o corpo diplomático e a sociedade civil**. Maputo, 5 set. 2019. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco\\_20190905\\_autorita-mozambico.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_autorita-mozambico.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Amoris Laetitia***. São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Homilia da missa de canonização do beato José Vaz.** Colombo, Sri Lanka, 14 jan. 2015. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150114\\_srilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150114_srilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html)>. Acesso em: 18 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para a celebração do XLIX Dia Mundial da Paz.** Vaticano, 8 dez. 2015. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20151208\\_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos.** Roma, 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/nonni/documents/20210531-messaggio-nonni-anziani.html>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para o 2º Dia Internacional da Fraternidade Humana.** Vaticano, 4 fev. 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2022/documents/20220204-videomessaggio-fratellanzaumana.html>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para o XXX Dia Mundial do Doente.** Roma, 2021. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210\\_30-giornata-malato.html#\\_ftn1](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20211210_30-giornata-malato.html#_ftn1)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Vida após a pandemia.** Trad. L'Osservatore Romano. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Trad. Walter O. Schlupp; Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Logoterapia e análise existencial:** textos de seis décadas. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

\_\_\_\_\_. **O sofrimento humano:** fundamentos antropológicos da psicoterapia. Trad. Renato Bittencourt; Karlino Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019.

\_\_\_\_\_. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.** Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

GALLARDO, Carlos Bravo. **Jesús, hombre en conflicto: el relato de Marcos en América Latina.** Santander: Sal Terrae, 1986.

GOMES, Paulo Roberto. **O Deus im-potente.** O sofrimento e o mal em confronto com a cruz. São Paulo: Loyola, 2007.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. A Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (Org.); AMARAL, Miguel de Salis (Org.). **As constituições do Vaticano II – ontem e hoje.** Brasília: CNBB, 2015.

HIGGLETON, Elaine (*Managing Editor*); SEATON, Anne (*Senior Editor*). **Essential English Dictionary.** Edinburg: Chambers Harrap Publishers; São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IRENEU DE LIÃO. **Contra as heresias.** Trad. Lourenço Costa. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Ângelus.** Vaticano, 11 jan. 2004. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_20040111.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/2004/documents/hf_jp-ii_ang_20040111.html)>. Acesso em: 09 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte.** Vaticano: 2001. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/2001/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_20010106\\_novo-millennio-ineunte.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html)>. Acesso em: 07 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Apostólica Salvifici Doloris.** 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Centesimus Annus.** Vaticano: 1991. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Dives in Misericordia.** Vaticano: 1980. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051980\\_dives-in-misericordia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051980_dives-in-misericordia.html)>.

ii/pt/encyclicals/documents/hf\_jp-ii\_enc\_30111980\_dives-in-miser  
icordia.html >. Acesso em: 08 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem***. Vaticano: 1986. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html)>. Acesso em: 26 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Evangelium Vitae***. Vaticano: 1995. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031995\\_evangelium-vitae.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html)>. Acesso em: 15 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Laborem Exercens***. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***. Vaticano: 1990. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)>. Acesso em: 29 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis***. São Paulo: Paulinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Veritatis Splendor***. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Cruzando o limiar da esperança: depoimentos de João Paulo II a Vittorio Messori**. Trad. Antônio Angonese; Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et Paenitentia***. Vaticano: 1984. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_02121984\\_reconciliatio-et-paenitentia.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html)>. Acesso em: 15 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Via-Sacra**: meditações e orações do Santo Padre João Paulo II. Roma, 2000. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_2000421\\_via-crucis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/apr-jun/documents/hf_jp-ii_spe_2000421_via-crucis.html)>. Acesso em: 04 abr. 2022.

JOÃO XXIII. **Carta Encíclica *Mater et Magistra***. Vaticano: 1961. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)>. Acesso em: 27 abr. 2022.

KAMATI, Angelino Tchindombe. **O sentido do sofrimento humano**: à luz da Carta Apostólica “*Salvifici Doloris*”. 131 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Integrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2014.

KESSLER, Hans. Cristologia. Trad. Luís Marcos Sander. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. Trad. Ilson Kayser; Luís Marcos Sander; Walter Schlupp. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 1.

LADARIA, Luis F. **A Trindade**: mistério de comunhão. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **Introdução à antropologia teológica**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

\_\_\_\_\_. **O Deus vivo e verdadeiro**: o mistério da Trindade. Trad. Paulo Gaspar de Meneses. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LARRAÑAGA, Ignácio. **Sufrimento e paz**: para uma libertação pessoal. Trad. José Calos Pedroso. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LEÃO XIII. **Carta Encíclica *Rerum Novarum***. Trad. Manuel Alves da Silva. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

LESLIE, Robert C. **Jesus e a logoterapia**: o mistério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl. Trad. Euclides Luiz Colloni. São Paulo: Paulus, 2013.

LIBANIO, João Batista. **Creio em Deus Pai**. São Paulo: Paulus, 2013.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**: uma visão nova da ordem cristã. Trad. Afrânio Coutinho. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

MÁXIMO CONFESSOR. *Patrologia Graeca*. In: MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock et al. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAZZINGHI, Luca. **História de Israel**: das origens ao período romano. Trad. Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017.

MOINGT, Joseph. **Deus que vem ao homem**: da aparição ao nascimento de Deus. Trad. Paulo Mendes. São Paulo: Loyola, 2010. v. 2.

MOSER, Antônio. **O pecado**: do descrédito ao aprofundamento. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática católica**: teoria e prática da teologia. Trad. Volney Berkenbrock et al. Petrópolis: Vozes, 2015.

NOVUM TESTAMENTUM: graece et latine. 7. ed. Romae: Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, 1951.

OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues de. O Messianismo na Dinastia Davídica: de sua situação histórica à escatologia. **Teologia Prática**: revista do Centro Universitário Metodista, Belo Horizonte, 1º e 2º semestre de 2007, v. 5, n. 9 e 10, p. 27-37.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU**: 17% de todos os alimentos disponíveis para consumo são desperdiçados. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/114718-onu-17-de-todos-os-alimentos-disponiveis-para-consumo-sao-desperdicados>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272#:~:text=Em%202019%2C%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Internacional,%2C%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20mundial.>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil.** Brasília, sem data. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde. In: SGRECCIA, Elio. **Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica.** Trad. Orlando Soares Moreira. 4. ed. São Paulo: Loyola. 2014. vol. 1. p. 141.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depressão.** Brasília: OPAS; OMS, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

ORTEGA Y GASSET, José. **Obras completas.** 7. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1966. vol. 1.

PADRE ZEZINHO. **Quem É Esse Jesus?** Letras: Belo Horizonte. Repositório eletrônico de letras de música. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/padre-zezinho/quem-e-esse-jesus/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

PAGOLA, José Antonio. **Ide e curai:** evangelizar o mundo da saúde e da doença. Trad. António Maia da Rocha. Lisboa: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Jesus:** aproximação histórica. Trad. Gentil Avelino Titton. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASQUETTO, Virgilio. **Incarnazione e comunione com Dio.** Roma: Teresianum, 1982.

PAULO VI. **Carta Apostólica Octagesima Adveniens.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Populorum Progressio.** 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.** 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mensagem para a celebração do X Dia Mundial da Paz.** Vaticano, 08 dez. 1976. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19761208\\_x-world-day-for-peace.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19761208_x-world-day-for-peace.html)>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PESSINI, Léo. Humanização da dor e sofrimento humanos no contexto hospitalar. **Bioética**: revista do Conselho Federal de Medicina, Brasília, 25 nov. 2002. v. 10, n. 2, p. 51-72.

PIO XI. **Carta Encíclica *Quadragesimo Anno***. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIO XII. **Carta Encíclica *Mystici Corporis***. Vaticano: 1943. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Índice de pobreza revela grandes desigualdades entre grupos étnicos**. Brasília, 2021. Disponível em: <[QUEIRUGA, André Torres. \*\*Recuperar la creación\*\*: por uma religión humanizadora. Santander: Sal Terrae, 1997.](https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2020/indice-de-pobreza-revela-grandes-desigualdades-entre-grupos-etni.html#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%2C%20em,5%2C9%20bil%C3%B5es%20de%20pessoas%3A&text=1%2C3%20bil%C3%A3o%20de%20pessoas%20s%C3%A3o%20multidimensionalmente%20pobres.&text=Cerca%20de%20metade%20(644%20mil%C3%B5es,crian%C3%A7as%20menores%20de%2018%20anos.&text=Quase%2085%25%20vivem%20na%20%C3%81frica,da%20%C3%81sia%20(532%20mil%C3%B5es).>. Acesso em: 16 mar. 2022.</p>
</div>
<div data-bbox=)

RAHNER KARL. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. Trad. Alberto Costa. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

RENAULT, Emmanuel. **Social Suffering**: Sociology, Psychology, Politics. London: Rowman & Littlefield International, 2017.

RIBARIC, Sergio Alejandro. **O silêncio de Deus**: segundo Hans Urs von Balthasar. 154 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Teologia Sistemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROBERT, Everaldo Bon. **Pró-existência**: uma chave teológica na Cristologia de Joseph Ratzinger. 272 p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

ROSSETTI, Carlo Lorenzo. Il Credo della Chiesa e l'enigma del male. **Rassegna di teologia**, Napoli, 2002. v. s.n., n. 1, p. 75-98.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Um sentido para a vida**. Trad. Ruy Belo. 2. ed. Lisboa: Aster, sem data. p. 19.

SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus**: Jesus e outros messias. São Paulo: Paulus, 1998.

SCHERER, Odilo Pedro. Cuidar do doente e curar a doença. **O São Paulo**, São Paulo, 10 fev. 2021. Não especificado, não numerado, não paginado. Disponível em: <<https://osaopaulo.org.br/colunas/cuidar-do-doente-e-curar-a-doenca/>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. **“Justo sofredor”**: uma interpretação do caminho de Jesus e do discípulo. São Paulo: Loyola, 1995.

SCHÜRMAN, Heinz. ¿Cómo entendió y vivió Jesus su muerte? In: ROBERT, Everaldo Bon. **Pró-existência**: uma chave teológica na Cristologia de Joseph Ratzinger. 272 p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SCHWANTES, Milton. Uma promessa de dinastia para Davi na ótica de Jerusalém: anotações sobre o Messianismo e Davidismo em 2Samuel 7. **Cultura Teológica**: revista da PUC-São Paulo, São Paulo, abr./jun. 2008, v. 16, n. 63, p. 9-32.

SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1.

SILVA, Severino Celestino; SILVA, Valmor da. O Messias no Judaísmo e no Cristianismo. **Caminhos**: revista da PUC-Goiás, Goiânia, jul./dez. 2017. v. 15, n. 2, p. 249-267.

SILVA, Valmor da. Sofrimento e esperança na bíblia: visão panorâmica. In: ROSSI, Luiz Alexandre Solano (Org.); SILVA, Valmor da (Org.). **Sofrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021.

SÍNODO DOS BISPOS – XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. **Documento final**: Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Vaticano, 2018. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20181027\\_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovanipo.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovanipo.html)>. Acesso em: 17 mar. 2022.

SODANO, Angelo. La Civiltà dell'Amore. **Alpha Omega: Ateneo Pontificio Regina Apostolorum**, Roma, v. 6, n. 3, p. 323-336, 2003.

SUREKI, Luiz Carlos. A virada antropológica da Teologia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO, XII, 2016, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: FAJE, 2016. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/simposio2016/arquivos/seminarios/Luiz%20Carlos%20Sureki.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

TEODORO ESTUDITA. **A cruz, árvore de vida**. [s.l.], [s.d.]. Não paginado. Disponível em: <<https://www.diocesedeb Blumenau.org.br/site/blog/cruz-arvore-de-vida-sao-teodoro-estudita-759-826-monge-de-constantinopla/>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

TERTULIANO. *Contre Práxeas*. In: SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1.

\_\_\_\_\_. *De carnis resurrectione*. In: BENTO XVI. **Audiência Geral**. Vaticano, 5 jan. 2011. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2011/documents/hf\\_benxvi\\_aud\\_20110105.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2011/documents/hf_benxvi_aud_20110105.html)>. Acesso: 25 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. *La chair du Christ*. In: SESBOÛÉ, Bernard; WOLINSKI, Joseph. **O Deus da salvação** (século I – VIII). Trad. Marcos Bagno. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. vol. 1.

TOMÁS DE AQUINO. **Catena Aurea**: exposição contínua sobre os evangelhos (Evangelho de São Mateus). Campinas: Ecclesiae, 2018. vol. 1.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

UNHCR. **Ukraine emergency**. Nova York, 2022. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/ukraine-emergency.html>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOCIAIS. **Código de moral internacional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1963.

UNICEF. **The state of food security and nutrition in the world 2021**. Nova York, 2021. Disponível em: <<https://data.unicef.org/resources/sofi-2021/>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Lendo o Evangelho segundo Lucas**: para que todos tenham vida. São Paulo: Paulus, 2018.

VELASCO, Juan Martín. Mistério. In: TAMAYO, Juan José (Org.). **Novo Dicionário de Teologia**. Trad. Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin; Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

VIOTTO, Piero. **Il pensiero contemporaneo secondo J. Maritain**. Roma: Città Nuova, 2012.

WIEDENHOFER, Siegfried. Eclesiologia. Trad. Walter O. Schlupp. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). **Manual de dogmática**. Trad. Ilson Kayser; Luís Marcos Sander; Walter Schlupp. 5. ed. Petrópolis, Vozes, 2012. v. 2.

WORLDOMETER. **Coronavirus Updates**. Chicago: American Library Association, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://www.worldometers.info/br/>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) dashboard**. Genebra: OMS, 2022. Não paginado. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 17 mar. 2022

